

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | **Andreas Wirsching:** Oposição ao nazismo foi radicalmente emudecida por mistura de intimidação e terror

PÁGINA 08 | **Ricardo Timm:** A Filosofia mudou depois de Auschwitz

PÁGINA 10 | **Márcio Seligmann-Silva:** A fragmentação do discurso como estética literária do Pós-Guerra

PÁGINA 13 | **André Rafael Weyermüller:** O Direito no período nazista: instrumento de controle e legitimação ideológica

PÁGINA 17 | **Moacyr Scliar:** O nazismo como legitimação da irracionalidade

PÁGINA 19 | **Saul Kirschbaum:** O nazismo como essência da pós-modernidade

PÁGINA 22 | **Alexander Von Plato:** A história oral como reflexão sobre o Holocausto

PÁGINA 27 | **Yeda Arouche:** Perseguição nazista à arte: o modernismo como arte “degenerada”

PÁGINA 31 | **Mário Fleig:** “Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”

PÁGINA 34 | **Vladimir Safatle:** Totalitarismos: uma reflexão político-social e libidinal

PÁGINA 37 | **Michael Stürmer:** Hitler foi subestimado

B. Destaques da semana

» Teologia Pública da Semana

PÁGINA 41 | **Valdir Marques:** “Paulo foi feito imagem de Cristo, como todo cristão será imagem do Filho de Deus”

» Livro da Semana

PÁGINA 44 | **Ângelo Segrillo:** Stalin e Roosevelt: uma troca de cartas reveladora

» Brasil em Foco

PÁGINA 46 | **Luiz Werneck Vianna:** Fascismo: moralismo faz a política ficar de fora da discussão

» Memória

PÁGINA 49 | **Odair Firmino**

» Invenção

PÁGINA 51 | **Mário Alex Rosa**

» Destaques On-Line

PÁGINA 54 | **Destaques On-Line**

C. IHU em Revista

» Perfil Popular

PÁGINA 57 | **Marta Izabel Castro**

» IHU Repórter

PÁGINA 58 | **José Roque Schneider**



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Oposição ao nazismo foi radicalmente emudecida por mistura de intimidação e terror

Minorias ainda professam pensamento reacionário, mas não possuem mais chances dentro da política alemã, sentencia o historiador Andreas Wirsching. Entre as causas da ascensão do Terceiro Reich, deve-se levar em conta elementos da cultura política alemã do final do século XIX

POR MÁRCIA JUNGES

O advento do nazismo na Alemanha legou ao país uma “alta sensibilidade para os riscos do extremismo político”, pondera o historiador alemão Andreas Wirsching, na entrevista exclusiva a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Em sua opinião, mesmo que em setores marginais da sociedade existam o nacionalismo, o racismo e o anti-semitismo, “eles já não têm mais chances no discurso político”. E acrescenta: “Neste sentido, a experiência da ditadura nacional-socialista também contribuiu para a estabilidade da democracia alemã do pós-guerra”. Sobre a concordância do povo com a ascensão do Terceiro Reich, Wirsching pontua que este teve inúmeras causas que remontam a elementos da cultura política alemã do final do século XIX: “um pensamento antiliberal, susceptibilidade para ideologias de um nacionalismo extremo e de um populismo racista, mas também a forte ruptura sociopolítica da sociedade alemã que foi reforcada pela revolução de 1918-1919. Acresce a isto a concreta falência das elites conservadoras burguesas nos anos de 1930 a 1933 e a crise europeia da democracia, ante cuja retaguarda foram de muito peso os desenvolvimentos alemães específicos”. Vale lembrar, contudo, que menos da metade dos eleitores deram seu voto a Hitler, e que houve, sim, oposição ao Estado nacional-socialista. Essa oposição, entretanto, foi “radicalmente emudecida por uma mistura de intimidação e terror”.

Andreas Wirsching é historiador graduado em História e Teologia, pelas universidades de Berlim e Erlangen. Ensina na Augsburg Universität, é professor visitante do Institut d'Études Politiques, em Paris, da Universität Eichstätt, e lecionou, também, em Tübingen, Regensburg e no Institut für Zeitgeschichte em Munique. Organizou os livros *Nationalsozialismus in Bayerisch-Schwaben Herrschaft - Verwaltung - Kultur* (Ostfildern, 2004) e *Herausforderungen der parlamentarischen Demokratie. Die Weimarer Republik im europäischen Vergleich* (München, 2007).

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - Como podemos entender que, em pleno século XX, e com amplo apoio do povo alemão e de outras partes do mundo, se tenha chegado ao terror nazista?

Andreas Wirsching - Esta pergunta é, sob diversos aspectos, um permanente desafio. Ela vale da mesma forma para a pesquisa histórica como para a formação política e a cultura da memória. O estabelecimento da ditadura nacional-socialista teve muitas causas. Há, a destacar, alguns elementos da cultura política alemã que remontam a fins do século XIX: um pensamento antiliberal, susceptibilidade para ideologias de um nacio-

nalismo extremo e de um populismo racista, mas também a forte ruptura sociopolítica da sociedade alemã que foi reforcada pela revolução de 1918-1919. Acresce a isto a concreta falência das elites conservadoras burguesas nos anos de 1930 a 1933 e a crise europeia da democracia, ante cuja retaguarda foram de muito peso os desenvolvimentos alemães específicos.

IHU On-Line - Por que as pessoas não reagiram à proposta assassina de Hitler?

1 Adolf Hitler (1889-1945): ditador austriaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich

Andreas Wirsching - Em primeiro lugar, é preciso constatar que, mesmo nas eleições já não plenamente livres

e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer “condutor”, “guia” ou “líder”. Suas teses racistas e anti-semitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf* (Minha luta). Atualmente, se discute se essa obra deve ser liberada para uma edição crítica do texto. Para conferir detalhes, acesse a notícia, de 23-06-2008, “Acadêmicos alemães pedem liberação do livro de Hitler”. No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários considerados “indesejados”, como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu quartel-general (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. (Nota da IHU On-Line)

do Reichstag de 5 de março de 1933 — portanto, após a nomeação de Hitler como Chanceler do Reino —, menos da metade dos eleitores deram seu voto a Hitler, escolhendo a NSDAP². E naturalmente também houve oposição contra o injusto Estado nacional-socialista, oposição que, em todo o caso, já em 1933 foi radicalmente emudecida por uma mistura de intimidação e terror. Não se deve esquecer que os primeiros prisioneiros dos campos de concentração foram alemães que, de uma forma ou de outra, se posicionaram contra o regime. Mas, ao mesmo tempo, certamente também houve na sociedade alemã uma enorme quantidade de entusiasmado apoio ao regime nacional-socialista. Isso permitiu a Hitler e aos nacional-socialistas fundar seu poder num misto de violência e apoio.

IHU On-Line - O que era a *Hitlerjugend*? Como é possível compreender a adesão dos jovens ao nazismo daquela época?

Andreas Wirsching - No decurso da dominação nacional-socialista, a *Hitlerjugend* se tornou uma organização estatal dos jovens com uma adesão em princípio compulsória. De regra, portanto, os jovens deviam aderir à HJ. Seu posicionamento à HJ podia, então, realmente oscilar de uma co-operação entusiasta a uma rejeição interior. Embora não tenha sido atingida a plena adesão da juventude, a *Hitlerjugend* constituiu, todavia, um forte fundamento ideológico e organizatório do Regime.

IHU On-Line - De que modo as ações de Hitler contribuíram para a formação da Alemanha atual? O que você destacaria?

Andreas Wirsching - O mais importante talvez seja uma alta sensibilidade para os riscos do extremismo político.

“De fato há, na Alemanha, um ambiente fortemente minoritário de extrema direita com tendências claramente xenófobas”

Embora ainda hoje, em setores sociais marginais ainda (ou novamente) existam o nacionalismo, o racismo e o anti-semitismo, eles já não têm mais chances no discurso político. Neste sentido, a experiência da ditadura nacional-socialista também contribuiu para a estabilidade da democracia alemã do pós-guerra.

IHU On-Line - Como é contado na Alemanha o período histórico do nazismo?

Andreas Wirsching - No discurso público, estão em primeiro plano o pensamento nas vítimas e a responsabilidade histórica dos alemães. Na discussão científica, há um bom tempo a investigação dos culpados vem conquistando um grande significado. Esta última também foi incentivada pelo resultado dos grandes processos nacional-socialistas desde os anos de 1960 — como os processos de Auschwitz. Os dois juntos causam uma forte concretização da concepção histórica. Hoje se quer saber com muito maior exatidão quem foram concretamente as vítimas e quem foram os culpados.

IHU On-Line - De que modo o governo e a Alemanha lidam com as vítimas do nacional-socialismo?

Andreas Wirsching - Na República Federal, existe uma longa tradição de “reparação”, um conceito que em todo o caso levanta alguns problemas, já que naturalmente a injustiça cometida jamais poderá ser transformada em algo que não aconteceu. Apesar disso, a República Federal da Alema-

nha se concebeu, desde o início, como sucessora jurídica do Reino Alemão e, conseqüentemente, também assumiu a responsabilidade pelas conseqüências dos crimes do regime nacional-socialista. Isso vale, apesar do fato conhecido que, nos anos de 1950, muitos culpados do nacional-socialismo escaparam sem punição e certa “repressão” do passado talvez tenha inevitavelmente ocorrido. Em todo o caso, houve na República Federal um número considerável de ações reparadoras, restituições de bens etc., embora nem todas as reclamações tenham sido saldados. Nos anos de 1990, chegou à ordem do dia o tema das vítimas dos trabalhos forçados, que exigiram progressivamente uma indenização individual do Estado alemão ou também das empresas envolvidas. Baseado-se no fundo formado pela indústria, foram criadas na época algumas ações de reparação que, em face da injustiça de fato sofrida pelas vítimas, em geral só podiam ter caráter simbólico. Atualmente, se discutem as reclamações de vítimas gregas e italianas de trabalhos forçados e isto mostra que este tema ainda está longe de ser encerrado.

IHU On-Line - Que traumas você destacaria ao falar das pessoas que na época sofreram com o nazismo?

Andreas Wirsching - Os traumas são de natureza multiforme. Eles abrangem desde a perda de familiares mais próximos até danos da própria pessoa pelas conseqüências de prisões, trabalhos forçados e torturas. De sobreviventes do Holocausto, sabemos que as conseqüências podem ser sentidas durante toda a vida e também na próxima geração.

IHU On-Line - De que forma a sociedade lida com o tema do nazismo? Este ainda é um assunto “tabu”, um trauma coletivo?

Andreas Wirsching - Não seria minha opinião que o nacional-socialismo ainda seja hoje um tabu da sociedade alemã. Ao contrário, nas ciências, na opinião pública e na mídia, mas também nas escolas o tema é tratado de maneira bastante ampla. Há um número extenso inabrangível de memo-

2 NSDAP: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, em português Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores. Mais conhecido como Partido Nazista ou Partido Nazi, foi um partido político levado ao poder na Alemanha por Adolf Hitler em 1933. O termo Nazi é uma contração da palavra alemã (NA)tionalso(ZI)alist (Nacional Socialista), refletindo a ideologia do NSDAP. O partido estabeleceu o Terceiro Reich após ter sido democraticamente eleito para liderar o governo alemão em 1933. (Nota da IHU On-Line)

riais, a começar pelo Memorial KZ, de Dachau, até o novo memorial admoestatório do Holocausto em Berlim. Outros novos memoriais e, respectivamente, centros de documentação, foram erigidos em Nuremberg, no monte de Obersalz, ou futuramente também em Munique. Assim, o nacional-socialismo realmente não é mais tabu. Isso, em todo o caso, não exclui que em grandes datas comemorativas predomine antes na política pública um trato ritualístico com o tema, que se movimenta dentro de determinados limites.

IHU On-Line - Como se deu esse processo de “hierarquias de vítimas” e de “competições entre vítimas” na Alemanha?

Andreas Wirsching - Esta é uma questão muito importante e interessante. No imediato período pós-guerra, os alemães se consideraram eles próprios, com bastante predominância, como as principais vítimas da guerra — como vítimas de expulsão e de bombardeios, mas também como vítimas de arbitrariedades dos aliados. Demorou basicamente até os anos de 1960/1970 até que na ampla opinião pública tenha surgido uma consciência das vítimas do próprio nacional-socialismo. Desde então, como já foi frisado, a sensibilidade pelas vítimas concretamente palpáveis cresceu nitidamente, tendo, naturalmente, também a mudança de gerações contribuído para isto. Bastante cedo foi lembrado o sacrifício dos crimes de eutanásia, bem como o dos alemães que perderam sua vida no contexto de 20 de julho de 1944. No centro das atenções, estão hoje certamente as vítimas do povo judeu, onde a recordação publicamente construída sobre os judeus alemães que foram deportados da Alemanha e assassinados poderia ser bem mais concreta do que é a consciência para a mídia oriental e os judeus do Oriente europeu, que desde 1939 caíram no âmbito de poder do regime nacional-socialista e se tornaram as primeiras vítimas do Holocausto. Em tempos mais recentes, também cresceu a consciência para outros grupos de vítimas.

Na República Democrática Alemã (RDA), houve uma clara hierarquia das vítimas, ideologicamente fundamentada. Na ponta estavam as “vítimas do fascismo”, ou seja, em geral lutado-

res comunistas da resistência. Judeus e outras vítimas do racismo nacional-socialista possuíam, principalmente na fase inicial da DDR, um status de vítimas nitidamente menos valorizado.

IHU On-Line - Ainda existem na Alemanha segmentos que defendem uma política xenófoba? O que faz a sociedade para mudar este quadro?

Andreas Wirsching - De fato há, na Alemanha, um ambiente fortemente minoritário de extrema direita com tendências claramente xenófobas. Ultimamente, ele também se organizou num partido político, como o NPD³ e, em eleições políticas, como, por exemplo, no Estado da Saxônia, ele também pode pretender alguns resultados. Política e socialmente, este meio é combatido e é realçado o quadro de uma Alemanha hospitaleira e aberta ao mundo. Isto ocorre através de atos públicos, de publicidade e também de medidas políticas concretas, como o cumprimento da proteção constitucional.

IHU On-Line - De que forma você percebe o posicionamento da Igreja Católica e da Igreja protestante em relação ao nazismo?

Andreas Wirsching - Ambas as Igrejas demonstraram pouca força de oposição em face do regime nacional-socialista. No protestantismo alemão, houve a tendência de confundir a história da própria nação com a revelação divina. Formulado teologicamente, isto foi uma espécie de heresia que representava, simultaneamente, uma disposição perigosa para as tentações ideológicas do nacional-socialismo. Em vista disso, não é de admirar que até 1933 os protestantes votaram superproporcionalmente no NSDAP, na posição nacional-socialista alemã. Para a Igreja Católica oficial, o nacional-socialismo, até a tomada do poder, valia como neopaganismo. Isso significa que um bom católico não podia ser também um nacional-socialista. Violações podiam até trazer consigo a excomunhão. No entanto, após 30 de janeiro de 1933, a Igreja Católica “mudou de posição” muito rapidamente e — com base na concordata de julho de 1933 — se arranhou com o

Estado nacional-socialista. Determinadas extrapolações cosmovisivas — anti-liberalismo, antibolchevismo, em parte também anti-semitismo — facilitavam este arranjo. Uma resistência eclesástica em sentido mais estrito só existiu em pessoas individuais que, em parte, pagaram por isso com a vida, como o protestante Dietrich Bonhoeffer⁴ ou o católico Alfred Delp⁵. Uma “resistência” eclesástica só havia quando o regime ameaçava setores nucleares da liberdade de culto. Um ponto importante é o protesto das igrejas contra o crime da eutanásia, que em 1941 também foi publicamente articulado nas igrejas e causou um imediato recuo do regime. No entanto, não se ouviu um protesto público semelhante por parte das igrejas contra a perseguição dos judeus.

IHU On-Line - E, especificamente, o que você diria sobre o papel do Papa Pio XII⁶, Eugênio Pacelli, no momento político da Alemanha nazista?

Andreas Wirsching - Aqui vale basicamente o mesmo. Sob Pio XII, o Vaticano se empenhou por uma postura de compromisso com o regime nacional-socialista. É verdade que ele contemplou as lesões da concordata pelo Estado nacional-socialista através da encíclica *Mit brennender Sorge* (*Com ardente preocupação*), porém se omitiu em tomar posição explícita contra o nacional-socialismo ou erguer publicamente sua voz contra a perseguição dos judeus. Neste sentido, a posição do Vaticano, bem como a do catolicismo ante o regime nacional-socialista, se manteve, em seu conjunto, ambígua.

4 Dietrich Bonhoeffer (1906-1945): teólogo, pastor luterano, membro da resistência anti-nazista alemã e membro fundador da Igreja Confessante, ala da igreja evangélica contrária à política nazista. Bonhoeffer envolveu-se na trama da “Abwehr” para assassinar Hitler. Em março de 1943, foi preso e acabou sendo enforcado, pouco tempo antes do próprio Hitler cometer suicídio. É autor de, entre outros, *Ética* (6. ed., São Leopoldo: Sinodal, 1985) e *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão* (São Leopoldo: Sinodal, 2003). (Nota da IHU On-Line)

5 Alfred Delp (1907-1945): padre jesuíta alemão executado por sua resistência ao regime nazista. (Nota da IHU On-Line)

6 Papa Pio XII (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli foi eleito Papa em 2 de março de 1939 até a data da sua morte. Foi o primeiro Papa romano desde 1724. (Nota da IHU On-Line)

3 NPD: Nationaldemokratische Partei Deutschlands, ou Partido Nacional Democrata Alemão. (Nota da IHU On-Line)

A Filosofia mudou depois de Auschwitz

Para continuar sendo chamada de Filosofia, essa ciência precisa se “encontrar com seus fundamentos éticos de sentido”, e questionar pelo sentido que o Ser deve assumir para construir um mundo no qual não haja mais espaço para a barbárie

POR MÁRCIA JUNGES

Questionado se a Filosofia mudou após Auschwitz, o filósofo Ricardo Timm foi enfático: “Definitivamente, se quiser merecer continuar sendo chamada de Filosofia”. E justifica: “A Filosofia é obrigada, pelo horror e pelo imperativo de sua evitação, a se encontrar com seus fundamentos éticos de sentido. O problema não é mais questionar pelo Ser, mas questionar pelo *sentido* que o Ser deve assumir na construção de um mundo em que Auschwitz não tenha lugar”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail, à IHU On-Line. Em seu ponto de vista, é difícil imaginar que algum filósofo tenha vivenciado o horror nazista e ficado indiferente. Se ficou indiferente, provoca Timm, “duvido muito que permaneça merecendo essa designação de ‘filósofo’”. Os pensadores se viram na obrigação de “sobreviver” a esse trauma radical. Dessa forma, Timm destaca Adorno pela elaboração de um “modelo de pensamento que propõe alternativas sólidas à violência que Auschwitz e tudo que se lhe assemelha significa”. As filosofias de Lévinas, Heidegger, Nietzsche e Hegel também são tema da entrevista a seguir.

Timm é graduado em Instrumentos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Estudos Sociais e Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Também cursou o mestrado em Filosofia, pela mesma universidade, e doutorado em Filosofia, pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs) com a tese *Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt – Ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Lévinas*. Escreveu inúmeros livros, entre eles, *Sujeito, Ética e História – Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999), *A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Em torno à diferença – Aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007). É também um dos organizadores de *Alteridade e Ética – Obra comemorativa dos 100 anos do nascimento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008).

IHU On-Line - Como a marca do ódio do homem contra o homem deixada pelo nazismo perpassa e inspira Lévinas a construir um sistema em que a Ética e alteridade são os pilares principais? Podemos falar numa ética da diferença? O que seria ela?

Ricardo Timm - A Ética da Alteridade – que, em sentido lato, é uma ética das diferenças, assim mesmo, no plural – se constitui essencialmente em uma resposta à violência contra a vida e a Alteridade, o Outro, que não apenas o Nazismo significou de modo eminente,

mas que todos os sistemas opressores da humanidade (e mesmo dos animais e da natureza em geral) vêm significando ao longo dos séculos. Consiste essencialmente em mostrar que a ética não é subsidiária de nenhum conhecimento ou saber prévio, mas *condição* vital-temporal de todo saber e conhecimento, ou seja, *prima philosophia*. Observe-se que Lévinas¹ não “nega” o Ser; para Lévinas, o

1 Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas (ou Kovno), de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem

Ser é o *lugar*, o espaço onde o encontro com o Outro e a responsabilidade por ele se devem dar na construção do sentido humano-ecológico.

foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da idéia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à idéia o Infinito. Sobre Lévinas, confira a entrevista concedida em 30-08-2007, por Rafael Haddock-Lobo, com exclusividade ao site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada “Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida”. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Filosoficamente, que outros autores, além de Lévinas, construíram respostas ao horror nazista?

Ricardo Timm - É difícil conceber que algum filósofo que tenha vivenciado diretamente ou indiretamente o horror nazista não tenha sido influenciado por este acontecimento maior na história contemporânea, mas, se algum filósofo não o foi, eu duvido muito que permaneça merecendo essa designação de “filósofo”. Assim, a totalidade dos grandes pensadores que vivenciou o período foi obrigado a *sobreviver* a este trauma radical. Todavia, eu destacaria nesse universo um pensador em particular – Theodor W. Adorno² – que elabora, a partir da crítica filosófica a um tal estado de coisas e em articulação com um diagnóstico interdisciplinar extremamente sofisticado da sociedade e cultura contemporâneas, um modelo de pensamento que propõe alternativas sólidas à violência que Auschwitz e tudo que se lhe assemelha *significa*. Temos em Adorno a fundamental reconfiguração do imperativo categórico da tradição: para ele, é imperativo “impedir que Auschwitz se repita”.

IHU On-Line - A Filosofia mudou depois de Auschwitz? Em que aspectos?

Ricardo Timm - Definitivamente, se quisermos merecer continuar sendo chamada de Filosofia. A Filosofia é obrigada, pelo horror e pelo imperativo de sua evitação, a se encontrar com seus fundamentos éticos de sentido. O problema não é mais questionar pelo Ser, mas questionar pelo *sentido* que o Ser deve assumir na construção de um mundo em que “Auschwitz” não tenha lugar.

IHU On-Line - Hitler dizia ter lido, entre outros, Hegel e Nietzsche, além de se declarar um wagneriano convicto. Em que medida Hitler compreendeu e distorceu o pensamento desses filósofos e compositor?

² Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

“Carl Schmitt é um pensador singular, essencial para a compreensão da filosofia política contemporânea independentemente de seu viés político explícito”

Ricardo Timm - Nem Hegel, nem Nietzsche,³ nem mesmo o polêmico Wagner permitiriam, apenas pela leitura de suas obras ou de parte delas, inferências tão baixas que sustentassem uma doutrina do teor do nazismo. Outra questão é saber se nesses pensadores – Wagner incluído – não se encontram elementos da grande tradição logocêntrica ocidental que permitiram, por alguma metamorfose doentia, alguns aspectos daquilo que se pode ler como uma certa base “filosófica” de aspectos da doutrina nazista.

IHU On-Line - De que forma o agir político de Hitler se entrelaçou com a filosofia de pensadores como Heidegger e Carl Schmitt?

³ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A IHU On-Line 139, de 02-05-2005, publicou o artigo “O pensamento jurídico

Ricardo Timm - Carl Schmitt é um pensador singular, essencial para a compreensão da filosofia política contemporânea independentemente de seu viés político explícito. Todavia, ao meu ver, permanece, apesar de tudo, um pensador, ou seja, alguém capaz de dialogar até mesmo com um Walter Benjamin. Há que saber distinguir o que, de Schmitt, nos dá hoje o que pensar. Já o caso de Heidegger⁵ me parece bem mais complicado; não é segredo para ninguém que ele, durante certo período crítico, abraçou o nacional-socialismo, havendo perdido posteriormente várias chances de se retratar. De qualquer forma, é possível – e tem sido realizada, especialmente na Alemanha, mas não apenas lá – uma exegese de seus textos que indiciam que sua proximidade com o referido ideário era mais intenso, até mesmo visceral, em relação ao que se depreende apenas, por exemplo, da leitura do “Discurso do reitorado”.

IHU On-Line - Como podemos entender que, em pleno século XX, e com amplo apoio da população alemã e de outras partes do mundo, se chegou ao terror nazista?

Ricardo Timm - Através de uma rigorosa arqueologia da razão ocidental. Pensadores como os filósofos da Escola de Frankfurt, Derrida e Lévinas, entre outros, nos mostram que estranho seria se o caminho que vai “da funda à bomba atômica”, no dizer dos frankfurtianos, não fosse trilhado, uma vez que a obsessão pelo ser e o desprezo pela temporalidade confluem necessariamente em um delírio ontológico-instrumental no qual a ética como realidade propriamente dita não tem, ou

co-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 dos *Cadernos IHU em formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

“Nem Hegel, nem Nietzsche, nem mesmo o polêmico Wagner permitiriam, apenas pela leitura de suas obras ou de parte delas, inferências tão baixas que sustentassem uma doutrina do teor do nazismo”

apenas tem dificilmente lugar.

IHU On-Line - Na Alemanha e no mundo atual, há espaço para esse tipo de político ditador? As pessoas, em pleno século XXI, apoiariam uma política como aquela?

Ricardo Timm - As condições permanecem. Devemos perder a ingenuidade e entender que a crença em uma idéia linear de “progresso moral” não se justifica nem historicamente, nem filosófica, política ou sociologicamente. Enquanto a racionalidade instrumental permanecer ditando as regras maiores do mundo, como hoje o faz sob a forma capitalista, na transformação da qualidade em quantidade pela anulação das diferenças, da Alteridade, nada nos garante que as massas não venham a aderir ao suicídio coletivo que significam doutrinas aberrantes em relação à vitalidade e à saúde dos seres humanos individuais, das comunidades e dos ecossistemas.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista com Ricardo Timm de Souza no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

* *Nanotecnologia e filosofia*. Cadernos IHU em formação nº 26, de 2008.

A fragmentação do discurso como estética literária do Pós-Guerra

Para o historiador e crítico literário Márcio Seligmann-Silva, na literatura do pós-holocausto há uma estética da fragmentação do discurso. Além disso, esclarece, radicaliza-se a crise de paradigmas para explicar o mundo, bem como na arte e literatura

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** Segunda Guerra Mundial radicalizou aquilo que já havia sido iniciado com a Primeira Guerra Mundial, ou seja, a crise dos grandes paradigmas, tanto de explicação do mundo como nas artes e na literatura”, assinala o historiador e crítico literário Márcio Seligmann-Silva. Segundo ele, “o hitlerismo e, sobretudo, a maquinaria dos campos de extermínio, gerados por uma nação que tinha desempenhado um papel chave no Iluminismo, significou uma novidade devido à radicalidade da violência e à sua origem. A idéia de exterminar onze milhões de indivíduos (o plano de Hitler), ou seja, todos os judeus europeus, era inédita nesta radicalidade. Isto gerou uma onda de memória também inédita na sua força. Esta onda mantém-se até hoje e está na origem de milhares de testemunhos”. Ele afirma que na literatura “vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso”.

Seligmann-Silva é graduado em História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), mestre em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Freie Universität Berlin. É pós-doutor pelas seguintes instituições: PUCSP, Zentrum Für Literaturforschung Berlin e Yale University. Também é professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas e coordena o projeto temático FAPESP Escritas da Violência. Entre as obras que publicou, estão *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica poética* (São Paulo: Iluminuras/ FAPESP, 1999), *Adorno* (São Paulo: PubliFolha, 2003) e *O local da diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução* (São Paulo: 34, 2005). Organizou também os livros *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes* (Campinas: Editora da Unicamp, 2003) e *Palavra e imagem, memória e escritura* (Chapecó: Argos, 2006).

IHU On-Line - Em que sentido é possível se falar em uma mudança de paradigma na literatura pós Segunda Guerra Mundial?

Márcio Seligmann-Silva - A Segunda Guerra Mundial radicalizou aquilo que já havia sido iniciado com a Primeira Guerra Mundial, ou seja, a crise dos grandes paradigmas, tanto

de explicação do mundo como nas artes e na literatura. O que se pode dizer que acontece agora também, ou seja, desde a Segunda Guerra Mundial, é um “secamento” do veio nacionalista nascido com o romantismo. Mais e mais as encenações autobiográficas ou as tendências mais formalistas e conceituais vão predom

minar tanto nas artes quanto na literatura. Se existe muita continuidade com relação às vanguardas históricas – sobretudo figuras como Duchamp¹ e os surrealistas, tem sido insistentemente apontados como “precursores” desta arte –, não deixa de ser verdade que existem aprofundamentos tão radicais de certas tendências estéticas, e seria mais correto se acentuar mais a ruptura do que a mera continuidade. Não por acaso, o conceito de abjeto, que Kristeva² formula no início dos anos 1980, vai fazer tanto sucesso no meio da crítica: ele concentra em si diversas tendências, já anunciadas antes, que se cristalizam de modo mais claro naquele período. Também o movimento de muitos artistas em direção à performance não pode ser confundido com uma simples reencenação de rituais dionisiacos. Justamente a consciência histórica contemporânea é marcada por uma hiper-consciência dos contextos históricos que impede a simples “imitação” ligada à *episteme* pré-romântica. Por outro lado, a arte e a literatura vão tentar encenar as novas subjetividades (esvaziadas) contemporâneas. Os jogos autobiográficos desta nova produção têm muito de encenação de forte teor testemunhal. Testemunha-se tanto as catástrofes históricas (as inúmeras guerras e genocídios) quanto os traumas individuais.

IHU On-Line - Como você definiria as escritas da violência? O que o período hitlerista legou nesse sentido?

Márcio Seligmann-Silva - Não existe uma definição unívoca das escritas da violência. O que se pode tentar fazer é acompanhar certas linhas de força que se modificam no tempo e de local para local, além dos diversos gêneros do discurso. Se é verdade que este elemento autobiográfico a que me referia aparece nas produções das artes plásticas e da literatura contemporâneas,

elas possuem muitas idiossincrasias vinculadas aos seus mídia. Aristóteles,³ na sua *Poética*, pode ser considerado o primeiro grande teórico das escritas da violência, já que uma das marcas da tragédia é a presença de eventos destrutivos, normalmente violentos, que nos abalam. O hitlerismo e, sobretudo, a maquinaria dos campos de extermínio, gerados por uma nação que tinha desempenhado um papel-chave no Iluminismo, significou uma novidade devido à radicalidade da violência e à sua origem. A idéia de exterminar onze milhões de indivíduos (o plano de Hitler), ou seja, todos os judeus europeus, era inédita nesta radicalidade. Isto gerou uma onda de memória também inédita na sua força. Esta onda mantém-se até hoje e está na origem de milhares de testemunhos. Levaremos décadas, ou séculos, para entender este material. Novas modalidades de escrita da violência surgiram nas artes plásticas, e aqui refiro-me sobretudo à estética dos anti-monumentos, de artistas como Jochen Gertz, Horst Hoheisel, Naomi Tereza Salomon, Shirin Neshat,⁴ Thomas Hirschhorn,⁵ Candida Höfer,⁶ Doris Salcedo,⁷ Louise Bourgeois,⁸ Cindy Sherman,⁹ Rosângela Rennó, Dani Karavan,¹⁰ Micha Ull-

man. Na literatura vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso, mas que se manifesta de formas extremamente diversas, de Paul Celan¹¹ a Beckett,¹² mas marcando a escritura também de uma C. Lispector,¹³ de António Lobo Antunes,¹⁴ J. Coetzee,¹⁵ W.G. Sebald,¹⁶ entre tantos outros.

IHU On-Line - Como explicaria a literatura testemunhal a partir do Holocausto? Quais são suas principais expressões e peculiaridades? A partir disso, há uma relação estreita entre literatura e trauma?

Márcio Seligmann-Silva - A questão do testemunho tem sido cada vez mais estudada desde os anos 1970. Para evitar confusões, devemos deixar claro dois pontos centrais: (a) Ao invés de se falar em “literatura de testemunho”, que não é um gênero, percebemos agora uma face da literatura que vem

¹¹ Paul Celan (1920-1970): poeta romeno radicado na França. Sobrevivente do Holocausto, foi um dos mais importantes poetas modernos da língua alemã. (Nota da IHU On-Line)

¹² Samuel Beckett (1906-1989): escritor e dramaturgo irlandês. Autor de uma obra bilingüe (francês e inglês), por vezes designada como “literatura da angústia”, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1969. *À espera de Godot* é a sua peça mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, remanescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, conta a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e que vai morar no Rio de Janeiro, numa pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ António Lobo Antunes (1942): novelista português. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ John Maxwell Coetzee: escritor sul-africano Nobel de Literatura em 2003. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ Winfried Georg Maximilian Sebald (1944-2001): escritor alemão. (Nota da IHU On-Line)

³ Aristóteles de Estagira (384 a.C.-322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Shirin Neshat (1957): artista visual iraniana, radicada em Nova Iorque. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Thomas Hirschhorn (1957): artista suíço, integrante do grupo de designers comunistas chamado Grapus. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Candida Höfer (1944): fotógrafa alemã, especializada em fotografias de grande tamanho de interiores vazios e espaços sociais que capturam a psicologia da arquitetura social. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Doris Salcedo: escultora colombiana. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Louise Bourgeois (1911): artista e escultora francesa influenciada pelo surrealismo. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Cindy Sherman (1954): artista plástica norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Dani Karavan (1930): escultora israelense. (Nota da IHU On-Line)

¹ Marcel Duchamp (1887-1968): pintor e escultor francês. Sua obra mais conhecida é a Fonte, na verdade um urinol comum, branco e esmaltado, comprado numa loja de construção. (Nota da IHU On-Line)

² Julia Kristeva (1941): filósofa, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa. Tornou-se influente em teoria da cultura e feminismo após a publicação de *Sémiotiké: recherches pour une sémanalyse* (Paris: Edition du Seuil, 1969). (Nota da IHU On-Line)

à tona na nossa época de catástrofes e que faz com que toda a história da literatura — após duzentos anos de auto-referência — seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. Nos estudos de testemunho, deve-se buscar caracterizar o “*teor testemunhal*” que marca toda obra literária (mas, repito, que aprendemos a detectar a partir da concentração deste teor na literatura e escritura do século XX). Este teor indica diversas modalidades de relação metonímica entre o “real” e a escritura. (b) Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação. Não se trata mais de pensar na “representação” de fatos, como na chave da teoria literária tradicional — Pré-Segunda Guerra —, mas sim de se pensar no ato de escritura como inscrição do eu, o que inclui sua memória traumática, que possui várias características, entre as quais eu destaco aqui justamente a sua resistência à inscrição simbólica.

IHU On-Line - O nazismo foi um Estado de Exceção nos moldes propostos por Agamben? Esse totalitarismo é a essência de nossa época ou apenas uma excrescência dela?

Márcio Seligmann-Silva - É importante lembrar que a Alemanha nazista existiu por seus doze anos sob o signo de um Estado de Exceção declarado. Agamben¹⁷ parte deste fato e de uma

“Se existe muita
continuidade com
relação às vanguardas
históricas — sobretudo
figuras como Duchamp
e os surrealistas, tem
sido insistentemente
apontados como
“precursores” desta arte
—, não deixa de ser
verdade que existem
aprofundamentos tão
radicais de certas
tendências estéticas,
e seria mais correto
se acentuar mais a
ruptura do que a mera
continuidade”

longa tradição da teoria política que reflete sobre a relação entre nossa vida política “normal” e o Estado de Exceção. Sua teoria, de que o Estado de Exceção habita todo estado de direito, ele leu no ensaio de Walter Benjamin¹⁸ “Zur Kritik der Gewalt”,

occidental (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo ale-

de 1921, como ele mesmo o reconhece em inúmeros ensaios. Neste texto, Benjamin mostra que todo poder, em alemão *Gewalt*, é violência, que em alemão também é significado pelo termo *Gewalt*. De certo modo, Benjamin pensou o estado de direito como um Estado de Exceção, assim como ele pensou no homem moderno como um traumatizado, radicalizando certas teses freudianas. Mas, por outro lado, acho equivocado e até perigoso, comparar, como o faz Agamben, nossa vida nas democracias ocidentais (com todos seus evidentes limites) com a vida em um campo de concentração. Isto é perigoso porque banaliza a realidade do campo de concentração, relativiza a história e, portanto, a falsifica.

IHU On-Line - De que forma a obra de Benjamin influencia Agamben no conceito de Estado de Exceção?

Márcio Seligmann-Silva - Benjamin influenciou diretamente a teoria do Estado de Exceção de Carl Schmitt, um dos maiores teóricos da soberania, pese seu evidente compromisso com o nazismo. Além disto, questões centrais do ensaio de 1921 sobre a violência foram retomadas no livro sobre o *Trauerspiel* (drama barroco alemão) de 1925 — em que Benjamin pensa a crise da soberania no século XVII — e nos textos escritos no contexto do *Passagen-werk* (*Trabalho das passagens*), com destaque para o “Sobre o conceito da história”, de 1940, no qual Benjamin tem uma afirmação contundente que ficou famosa: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘Estado de Exceção’, no qual nós vivemos, é a regra. Precisamos atingir um conceito de história que corresponda a isto. Então teremos diante de nós como nossa tarefa provocar o efetivo Estado de Exceção; e deste modo melhorará a nossa posição na luta contra o fascismo”. Toda a teoria benjaminiana do Estado de Exceção influenciou Agamben. Agora veja só, esta passagem que cito, Benjamin escreveu no exílio, em 1940. Agamben reproduz esta idéia sem levar em conta que hoje as coisas não idênti-

mão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006), *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias — A palavra e o fantasma na cultura*

cas à Alemanha hitlerista.

IHU On-Line - A história pessoal de Benjamin é semelhante à de muitos outros perseguidos pelo regime nazista. Quais são as principais marcas que restaram nos sobreviventes do Holocausto?

Márcio Seligmann-Silva - Não se pode generalizar algum tipo de herança comum a todos. O que podemos observar são as mudanças no modo de se pensar o homem, a sociedade, as artes. É claro que as pessoas que estavam, por assim dizer, no olho do furacão, sofreram diretamente com aqueles fatos terríveis. Eles tiveram suas vidas esmagadas por aquela experiência. Mas, mesmo assim, muitos sobreviventes escreveram de modo muito forte e marcante sobre estas experiências, como Paul Celan, primo Levi¹⁹, Jorge Semprun²⁰, Inre Kertesz, entre muitos outros. Devemos manter nossos ouvidos abertos para o que eles disseram sobre aquela experiência.

Micropolítica

Na literatura, vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso. Devemos levar em conta que hoje em dia existe uma convivência de inúmeros modos de se pensar e produzir obras de arte e literárias. Por outro lado, é verdade também que aconteceu um movimento que podemos interpretar como uma politização destas produções. Mas não se trata de uma politização instrumentalizadora — como a realizada pelos regimes totalitários —, mas sim de uma politização no sentido de uma micropolítica (do corpo, da memória dos traumas), que se dá tanto em termos individuais como grupais e nacionais. Vários artistas e escritores desenvolveram esta capacidade de inscrição da violência, que de certo modo está na base de toda cultura e da nossa individualização. São estas novas cartografias da memória da dor que temos que aprender a ler. Nelas, podemos ler também, aqui e ali, indicações de modos de se viver melhor, menos violentos talvez.

¹⁹ Primo Levi (1919-1987): escritor italiano, conhecido por seu trabalho sobre Holocausto, em particular, por ter sido um prisioneiro em Auschwitz-Birkenau. (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Jorge Semprun Maura (1923): escritor e político espanhol. (Nota da IHU On-Line)

O Direito no período nazista: instrumento de controle e legitimação ideológica

Um antecedente histórico e militarista prussiano, aliado ao senso de respeito à autoridade e disciplina, é um dos traços que podem explicar a falta de transgressão ou rebeldia do povo à ditadura hitlerista, analisa o advogado André Rafael Weyermüller

POR MÁRCIA JUNGES

“N ão é possível conceber um Direito legítimo no nazismo”, explica o advogado André Rafael Weyermüller. Para ele, “o Direito não era mais Direito. Era, sim, mais um instrumento de controle e legitimação da ideologia de um regime baseado, sobretudo, nas idéias de alguns poucos homens que não tinham a menor consideração por um mínimo de senso de humanidade”. Em sua opinião, “é muito difícil afirmar qual foi o fator mais importante que levou uma nação de filósofos e músicos célebres a gerar, acolher e seguir um homem extremamente limitado e perturbado com uma vida pessoal extremamente obscura e confusa, com idéias radicais e agressivas”. Mas Weyermüller pondera que, “além de músicos e filósofos, a Alemanha tinha um antecedente histórico guerreiro e militarista prussiano e um forte senso de respeito à autoridade e a disciplina. Se o Direito daquela época tinha mecanismos capazes de legitimar a ascensão do nazismo, esse senso de dever e obediência não permitia a transgressão ou a rebeldia, pelo menos foi assim para a maioria do povo”. Felizmente, conclui, “à luz do Direito hoje, principalmente do Direito Internacional, não seria possível conceber a ascensão de um poder tão absoluto e tão perverso”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

Weyermüller é graduado em Direito, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e especialista em Direito Ambiental, pelo Centro Universitário Feevale. No mestrado em Direito da Unisinos, defendeu a dissertação *Comunicação, sistemas e precaução: a questão do aquecimento global e o papel do Direito*.

ARQUIVO PESSOAL



“Era preciso manter uma aparência de legalidade e legitimidade como parte de um grande plano muito bem orquestrado de dominação e convencimento das massas pela propaganda”

IHU On-Line - Em entrevista ao jornal *La Repubblica*, o historiador alemão Michael Stürmer¹ afirmou, com base em Sebastian Haffner, que na época da Alemanha nazista existiam dois estados. Um deles cuidava de assuntos “ordinários”, como divórcio, direito civil e outras instâncias corriqueiras da vida. O outro Estado estava nas mãos da SS, e era responsável pelo arbítrio, tortura, ameaças de morte. Como entender essa cisão do Estado e do Direito?

André Rafael Weyermüller - Concordo plenamente com Michael Stürmer. Ao contrário do que parece para a maioria das pessoas, durante a existência do regime nazista, havia ainda um Direito ordinário, que resolvia os problemas normais e corriqueiros das pessoas. Hitler ascendeu ao poder em 1933, e a partir de 1939 o país estava em guerra pelo *lebensraum* (espaço vital), com milhões de homens nas frentes de combate, as cidades sendo bombardeadas e tantas outras mazelas da guerra. Porém, na medida do possível, as pessoas comuns levavam suas vidas e precisavam recorrer ao Direito, mesmo que sob a égide de um regime brutal como o nazista. Era esse o Estado que se apresentava ao povo alemão, o qual procurava nele a solução de seus conflitos e necessidades pessoais que não cessaram devido à guerra.

Outro Estado, esse sim com a verdadeira face do regime, ocupava-se

daqueles que não podiam mais recorrer ao Direito digamos comum, pois de alguma forma representavam uma ameaça ao regime que tinha seus organismos de controle baseados em sombrias organizações como a SS² de Himmler,³ e a Gestapo.⁴ Com seus uniformes pretos e com uma caveira como símbolo, a SS era, no meu entendimento, a mais perversa das organizações do regime nazista, pois tinha poderes praticamente ilimitados na condução de assuntos como a prisão e deportação de judeus, repressão a oposição política (que por mais que fosse reprimida ainda existia) e a mais malévola de todas: a administração das fábricas de morte que eram os campos de concentração espalhados por toda Europa ocupada, como Dachau,⁵ Treblinka,⁶ Auschwitz⁷ e tantos outros infames lo-

2 *Schutzstaffel*: Conhecida pela sigla SS, foi uma organização paramilitar ligada ao Partido Nazista Alemão. Da Tropa de Choque de Hitler, 400 Sturmabteilung (SA), criada em 1921 por Ernst Röhm, nasceram em 1925 as SS. Em 1932, as SS tinham 60 mil membros. Dois anos mais tarde o número havia saltado para 100 mil, e em 1939, 240 mil. Durante a Segunda Guerra Mundial o total de homens filiados às SS era de um milhão. (Nota da IHU On-Line)

3 Heinrich Luitpold Himmler (1900-1945): comandante da Schutzstaffel (SA) e da Gestapo alemã e um dos mais poderosos homens da Alemanha nazista. Foi uma figura chave na organização do Holocausto. (Nota da IHU On-Line)

4 Gestapo: organização criada em 1933, significa Geheime Staatspolizei, “polícia secreta do Estado”. Estava sob a administração geral da SS. O papel da Gestapo como polícia política só foi estabelecido quando Hermann Göring foi designado para suceder Rudolf Diels como comandante, 1934. Só não teve sucesso na Baviera, onde Heinrich Himmler, chefe das SS, era o presidente de polícia e usava as forças locais da SS como polícia política. (Nota da IHU On-Line)

5 Dachau: campo de concentração construído em 1933 pelos nazistas em uma antiga fábrica de pólvora próxima a cidade de Dachau, cerca de cinco quilômetros a norte de Munique, no Sul da Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

6 Treblinka: quarto dos campos de extermínio, onde os judeus foram mortos em câmaras de gás alimentadas por motores a explosão. Estava localizada nos arredores da cidade de Treblinka, Polônia. Também foi o primeiro campo onde ocorreu a cremação dos cadáveres a fim de ocultar o número de pessoas mortas. (Nota da IHU On-Line)

7 Auschwitz-Birkenau: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polônia ocupada. Houve três campos principais e trinta e nove campos auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Aus-

cais de extermínio. Tinham inclusive tropas regulares denominadas Waffen SS,⁸ conhecidas pelo fanatismo de seus combatentes e por atrocidades cometidas nos campos de batalha. A mente que estava por trás disso tudo era Heinrich Himmler, uma figura sombria que estava sempre ao lado de Hitler e conseguiu galgar todos os postos da hierarquia nazista através de intrigas e assassinatos.

Havia, portanto, essa cisão entre Estado e Direito, como referiu Michael Stürmer, pois a essência tirânica do regime precisava ficar de certa forma protegida do conhecimento de todos. Era preciso manter uma aparência de legalidade e legitimidade como parte de um grande plano muito bem orquestrado de dominação e convencimento das massas pela propaganda. Essas pretensas “verdades” que captavam desejos de vingança e de supremacia racial foram postas em prática pelo sinistro Josef Goebbels⁹, aquele que é retratado no filme *A queda*,¹⁰ do qual a fanática esposa Magda, envenena pessoalmente seus seis filhos (!) nos derradeiros dias do nazismo no bunker de Hitler.

IHU On-Line - Podemos dizer que, no período nazista, o Direito estava suspenso? Por quê?

André Rafael Weyermüller - Poderia se afirmar que sim, pois nossa atual concepção de Direito não consegue se encaixar num contexto social como o do nazismo. Hoje temos uma forte noção de direitos fundamentais e hu-

chwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

8 *Waffen-SS*: organização cuja fundação é derivada da chamada Schutzstaffel (SS). No início do Partido Nazista serviam como forma de proteção a Adolf Hitler. O ditador exigia que sua tropa de elite fosse composta por cidadãos com comprovada origem germânica, uma condição física e mental excepcional e que cumprissem as normas da ideologia nazista cegamente. (Nota da IHU On-Line)

9 Paul Joseph Goebbels (1897-1945): ministro da Propaganda de Adolf Hitler. Figura-chave do regime, conhecido por seus dotes retóricos. (Nota da IHU On-Line)

10 *Der Untergang*: filme alemão que dramatiza os dias finais de Adolf Hitler e a Alemanha nazista. Em português a produção chama-se *A queda — As últimas horas de Hitler*. O filme foi escrito por Bernd Eichinger e dirigido por Oliver Hirschbiegel. A edição 145 da IHU On-Line, de 13 de junho de 2005, comentou esse filme na editoria Filme da Semana. (Nota da IHU On-Line)

1 Michael Stürmer: historiador alemão. Conclui nesta edição a entrevista por ele concedida à IHU On-Line, “Hitler foi subestimado”. (Nota da IHU On-Line)

manos protegidos por mecanismos jurídicos como tratados internacionais e constituições democráticas que jamais permitiriam leis que ferissem princípios básicos de proteção ao homem, pelo menos na grande maioria dos países. Vendo a questão por esse prisma, o Direito estava suspenso na Alemanha (e na Itália de Mussolini¹¹ também!) nesse período negro da história contemporânea, pois se através do Direito se promovia a negação e a diferenciação de direitos entre as pessoas devido a sua origem étnica ou religiosa, como no caso dos judeus, o Direito não era mais Direito. Era, sim, mais um instrumento de controle e legitimação da ideologia de um regime baseado, sobretudo nas idéias de alguns poucos homens que não tinham a menor consideração por um mínimo de senso de humanidade. Mesmo existindo na Alemanha nazista um Direito enquanto sistema organizado e hierarquizado de normas e competências, não tinha a necessária legitimidade, pois da mesma forma que resolvia conflitos entre os “alemães de sangue”, como sempre resolveu, legitimava restrições e segregações inimagináveis para aqueles que não se enquadravam nos padrões estabelecidos pelo regime.

11 Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945): jornalista e político italiano, governou a Itália com poderes ditatoriais entre 1922 e 1943, autodenominando-se Il Duce, que significa em italiano “o condutor”. No início da sua carreira de jornalista e político foi um tenaz propagandista do socialismo italiano, em defesa do qual escreveu vários artigos no jornal esquerdista *Avanti*, de que era redator-chefe. Em 1914, dirigiu o jornal *Popolo d'Italia*, onde defendeu a intervenção italiana em favor dos aliados e contra a Alemanha. Expulso do Partido Socialista Italiano, alistou-se no exército, quando a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial e alcançou a patente de sargento. Em 1919, fundou os *Fasci Italiani di Combattimento*, organização que originaria, mais tarde, o Partido Fascista. Baseando-se numa filosofia política teoricamente socialista, conseguiu a adesão dos militares descontentes e de grande parte da população, alargou os quadros e a dimensão do partido. Sua oratória era tão notável quanto seu uso eficaz de propaganda política. Após um período de grandes perturbações políticas e sociais, quando alcançou grande popularidade, guindou-se a chefe do partido, e em 1922 organizou a famosa marcha sobre Roma, um golpe de propaganda. Usando as suas milícias para instigar o terror e combater abertamente os socialistas, conseguiu que os poderes investidos o nomeassem para formar governo. Foi nomeado Primeiro Ministro pelo rei Vítor Manuel III, alcançando a maioria parlamentar e, conseqüentemente, poderes absolutos. (Nota da IHU On-Line)

Leis de Nuremberg

Para se ter uma idéia da natureza dessas leis, no ano de 1935 foram promulgadas por Hitler em seção no Reichstag (parlamento alemão) um conjunto de leis conhecidas como “Leis de Nuremberg” (aprovadas no 8º congresso do partido nessa cidade mítica para os nazistas por suas origens históricas) que “protegeriam o sangue e a honra alemães” nas palavras de Hermann Göring¹² (o segundo na hierarquia de poder nazista e comandante da força aérea), que presidiu a seção no parlamento. Conforme essas leis, idealizadas anos antes por Himmler, ficaram proibidos os casamentos entre judeus e alemães (inclusive relações sexuais estavam proibidas!) e a cidadania alemã de judeus seria cassada (estavam fora da proteção do Estado e do Direito!). Outra sanção é a de que judeus não poderiam tocar a bandeira alemã, entre outros absurdos legais. Isso sem falar das leis de eugenia como a “Lei da Profilaxia dos Descendentes com Doenças Genéticas”, de 1933, que permitia a esterilização à força de doentes mentais, depressivos, epiléticos e alcoólatras graves e ainda a autorização para o programa de eutanásia a ser aplicada em loucos, idosos e menores excepcionais (pressões da Igreja fizeram com que suspendessem o programa). Por tudo isso, não é possível conceber um Direito legítimo no nazismo. Porém, tecnicamente, era Direito.

IHU On-Line - Que mecanismos legais permitiram a subida de Hitler à chancelaria?

André Rafael Weyermüller - A ascensão de Hitler e de seu partido ao poder foi um processo complexo de articulação política, interesses econômicos, intrigas e pressões que acabaram funcionando muito bem para atingir o objetivo

12 Hermann Wilhelm Göring (1893-1946): político e líder militar alemão membro do Partido Nazista, comandante da Luftwaffe e o segundo homem mais importante na hierarquia do III Reich. Herói da Primeira Guerra Mundial como piloto de combate várias vezes condecorado, foi julgado e condenado à morte no Julgamento de Nuremberg por crimes de guerras e crimes contra a humanidade ao fim da Segunda Guerra Mundial, escapando da execução na forca ao cometer suicídio na prisão, em 15 de outubro de 1946, aos 52 anos de idade. (Nota da IHU On-Line)

de alcançar o poder total com o apoio das inicialmente desconfiadas forças armadas lideradas por uma aristocracia militar prussiana. Assim, não foram apenas mecanismos legais que proporcionaram tal ascensão. Primeiramente, é preciso lembrar que o partido nazista iniciou muito pequeno e foi crescendo na medida em que Hitler foi angariando seguidores oriundos de grupos de desajustados e arruaceiros que se identificavam com suas idéias de ódio e superioridade racial alardeadas aos berros em seus discursos de efeito hipnótico sobre as massas. Também convergiram em direção a Hitler alguns empresários que financiaram o rápido crescimento do partido buscando proteger seus interesses do comunismo que representava uma ameaça real na época. Vários partidos formavam a política alemã, como o Partido Católico do Centro, o Partido Conservador, o Partido Democrático, entre outros, além é claro, do NSDAP ou partido Nacional-Socialista, os quais disputaram eleições durante a República de Weimar¹³ construída sobre os escombros políticos da I Guerra Mundial.

Ascensão do NSDAP

Nas eleições de 1928, o partido de Hitler obteve uma votação pequena, porém as eleições de 1930 e 1932 deram ao seu partido uma posição de destaque nacional ao tornar-se o maior partido no Parlamento. Ou seja, no início, a participação nazista na política alemã deu-se de forma democrática, dentro das regras do conturbado jogo político alemão de Weimar. Com a eleição do idoso marechal prussiano Paul von Hindenburg¹⁴ para a presidência, arranjos políticos levaram Hitler à chancelaria em 30 de janeiro de 1933 com von Papen¹⁵ de vice-chanceler.

13 República de Weimar (1919-1933): instaurada na Alemanha logo após a Primeira Guerra Mundial, tendo como sistema de governo o modelo parlamentarista democrático. O presidente da república nomeava um chanceler que seria responsável pelo poder Executivo. Quanto ao poder Legislativo, era constituído por um parlamento (Reichstag). (Nota da IHU On-Line)

14 Paul von Hindenburg (1847-1934): marechal alemão e importante figura durante a Primeira Guerra Mundial, foi presidente da Alemanha de 1925 a 1934. (Nota da IHU On-Line)

15 Franz von Papen (1879-1932): político alemão conhecido por seu caráter dúbio. Se, por um lado, lutou com unhas e dentes contra

celer, de forma legal, portanto. A partir desse ponto, aqueles que acharam que podiam controlar Hitler foram sendo superados por um emaranhado de acordos e pressões políticas. A intimidação direta foi outra forma de chegar ao poder e foi promovida, sobretudo, pelas SA¹⁶ (Sturmabteilungen, ou tropas de assalto do partido — dissolvidas num expurgo de seus líderes e incorporada ao exército para obter seu apoio) e por eventos planejados como o incêndio do Reichstag (atribuído a um comunista de nome Van der Lubbe,¹⁷ o que fortaleceu a posição nazista contra os comunistas). Manipulando o pressionado presidente Hindenburg, o chanceler Hitler obteve um decreto que revogava de uma só vez vários dispositivos da Constituição de Weimar e que limitavam os direitos individuais, de expressão, livre associação, permitia a violação do sigilo de correspondências, a invasão de residências sem mandado, a intervenção em Estados, entre outros poderes absolutos.

IHU On-Line - E que expedientes legais garantiam a continuidade do es-

os nazistas durante a época em que ocupou a chancelaria, por outro, após a ascensão dos nazistas, foi um dos seus aliados incondicionais. (Nota da IHU On-Line)

16 Sturmabteilung (SA): sinônimo, em alemão, para Seção Tormenta, na prática reconhecida como “Tropas de Assalto”. Milícia paramilitar nazista durante o período em que o Nacional Socialismo exercia o poder na Alemanha. Seu líder era Ernst Röhm, capitão do exército e notório por seu senso de organização e sua capacidade de comando. Os membros das SA também eram conhecidos como “camisas pardas”, pela cor de seu uniforme. As SA constituíram, em certo momento, uma das instituições mais ativas da vida pública da Alemanha, e um dos esteios do poder político de Adolf Hitler. Devese ressaltar que elas não funcionavam como um exército ou uma tropa organizada, sendo sua atividade muito mais a de baderneiros do que a de um exército. A partir do episódio conhecido como A noite das facas longas, quando Röhm foi destituído, as SS, sempre contrapostas às SA, ocuparam o espaço de polícia política. (Nota da IHU On-Line)

17 Marinus Van der Lubbe (1909-1934): anarquista e ativista, acusado de atear diversos incêndios em Berlim, entre os quais o incêndio do Reichstag, o parlamento alemão, em 10 de Janeiro de 1933. Imediatamente detido pela polícia no interior do edifício, é acusado pelo partido comunista alemão de ter sido manipulado pelos nazistas, sendo descrito como um desequilibrado. Os conselheiros organizam a sua defesa e criam um Comitê Internacional van Lubbe, apoiado pelo movimento anarquista. Foi condenado à morte e executado exatamente um ano após o incêndio do Reichstag. (Nota da IHU On-Line)

tado de exceção nazista?

André Rafael Weyermüller - Entendo que, depois da ascensão ao poder absoluto após a morte do presidente Hindenburg, em agosto de 1934, tornando-se presidente e chanceler, a legitimação do regime deu-se por uma série de normas que visavam dar uma aparente “legalidade” ao regime e seu ditador a fim de evitar possíveis contragolpes políticos ou desconfiança de parte da população alemã. Inclusive, o título de Führer (líder ou guia) em substituição ao de presidente/chanceler foi proposto em votação e apoiado pela maioria da população. Ainda em 1933, foi promulgada sob forte pressão pelo Parlamento, a “Lei de Plenos Poderes” com vigência de quatro anos e que concedia poderes ditatoriais à Hitler, destruindo assim o sistema parlamentar alemão. Durante o regime nazista, as normas que lhe davam esse aspecto legal não eram o fator mais importante, pois havia um Estado paralelo que agia acima das leis através das formas mais brutais possíveis, o que gerava um receio coletivo por parte do cidadão comum, forçando uma espécie de acomodação, de aceitação do que estava posto, estabelecido.

Sentenças preconcebidas

A prosperidade econômica experimentada nos primeiros anos do nazismo e as primeiras vitórias militares sem grandes perdas fazia com que tais ações ilegais ficassem obscurecidas, pois poucos nomes importantes como o bispo conde von Galen¹⁸ e o arcebispo Faulhaber¹⁹ ousavam fazer oposição aber-

18 Clemens Augustinus Joseph Emmanuel Pius Antonius Hubertus Marie Graf von Galen (1878-1946): arcebispo alemão da cidade de Munique, nomeado em 1933. Foi nomeado cardeal pelo Papa Pio XII, em 1946. Foi beatificado em 2005 pelo Papa Bento XVI. (Nota da IHU On-Line)

19 Michael von Faulhaber (1869-1952): arcebispo das dioceses de Munique e Freising, na Alemanha, por 35 anos. A pedido do Papa Pio XI, redigiu em 1937 o esboço do documento que serviu de base para a Encíclica Mit brennender Sorge, que condenou o nazismo. Foi apelidado por seus opositores nazistas como Juden-Kardinal (cardeal judeu) por ter criticado o crescente antisemitismo e a expulsão arbitrária da Alemanha de judeus poloneses. Em 1940 apresentou um protesto junto ao Ministro da Justiça contra o programa nazista Aktion T4, cujo objetivo era a eliminação e o assassinato de deficientes físicos e doentes mentais, considerados pelos nazistas como sendo indignos de viver, porque improdutivos do ponto de

ta. Assim, o estado de exceção nazista conseguia manter-se expurgando toda e qualquer oposição, criando inclusive simulacros de legalidade como o “Tribunal Popular” presidido pelo juiz nazista Roland Freisler,²⁰ que presidiu célebres “julgamentos” como o dos conspiradores, a maioria militares como o coronel Claus von Stauffenberg,²¹ que em 1944 colocou uma bomba embaixo da mesa de reuniões em Rastenburg, mas que não matou Hitler, e de estudantes idealistas como Sophie Scholl²² e seu irmão Hans, líderes do movimento estudantil “Rosa Branca”, todos condenados à morte com requintes de crueldade após um “julgamento” com sentença conhecida desde o início. Portanto, normas somadas ao terror garantiram a continuidade do regime.

IHU On-Line - O nazismo é uma anomalia resultante da pós-modernidade? Como podemos entender esse totalitarismo à luz do Direito atual?

André Rafael Weyermüller - A primeira idéia que nos vem à mente é de uma anomalia. Porém, o nazismo foi um desses infelizes eventos históricos que foi possível graças a uma complexa e fatídica conjugação de fatores. É muito difícil afirmar qual foi o fator mais importante que levou uma nação de filósofos e músicos célebres a gerar, acolher e seguir um homem extremamente limitado e perturbado com uma vida pessoal extremamente obscura e confusa, com idéias radicais e agressivas.

vista econômico. (Nota da IHU On-Line)

20 Roland Freisler (1893-1945): juiz nazista alemão. Tornou-se secretário de Estado do Ministério da Justiça do III Reich e presidente da Corte do Povo. (Nota da IHU On-Line)

21 Claus Philip Maria Schenk von Stauffenberg (1907-1944): coronel alemão da II Guerra Mundial. Foi o oficial alemão mais jovem a receber o título de coronel. Foi um dos principais articuladores do mal sucedido atentado à bomba contra Hitler em 20 de julho de 1944, que tentou remover o líder nazista do poder. (Nota da IHU On-Line)

22 Sophie Magdalena Scholl (1921-1943): membro do movimento Rosa Branca, de resistência nazista. Foi condenada por traição e executada na guilhotina. É conhecida como uma das poucas alemãs que se opuseram ativamente ao III Reich durante a Segunda Guerra Mundial. É tida como mártir. Em 2005, foi lançado um filme sobre Sophie Scholl, Sophie Scholl – Die letzten Tage (Sophie Scholl - Os últimos dias ou Uma mulher contra Hitler), com a atriz Julia Jentsch como Sophie. (Nota da IHU On-Line)

Lembremos que, além de músicos e filósofos, a Alemanha tinha um antecedente histórico guerreiro e militarista prussiano e um forte senso de respeito à autoridade e a disciplina. Se o Direito daquela época tinha mecanismos capazes de legitimar a ascensão do nazismo, esse senso de dever e obediência não permitia a transgressão ou a rebeldia, pelo menos foi assim para a maioria do povo. Se os mecanismos legais lançados durante o regime eram ou não moralmente aceitáveis, se não havia um senso de humanidade que buscamos hoje, parece não ter sido fonte importante de preocupação. Havia um Estado e havia Direito e aparentemente isso bastou. À luz do Direito hoje, principalmente do Direito Internacional, não seria possível conceber a ascensão de um poder tão absoluto e tão perverso, pois todos nós carregamos um pouco dessa e de outras experiências negativas que servem como uma espécie de freio que mostra que algo pode estar muito errado. Além do mais, a Declaração dos Direitos do Homem de 1948 e os instrumentos internacionais que se seguiram estabelecem parâmetros, legais inclusive, que não permitem a assimilação por parte de um sistema jurídico de um regime a exemplo do nazista. Não esqueçamos, porém, que após o nazismo tivemos no mundo vários regimes que se diziam e se dizem “legais”, mas que cometem graves atrocidades contra minorias políticas, étnicas e religiosas. É contra esses embriões que precisamos lutar impondo o Direito supremo, esse sim, das garantias do ser humano independentemente de sua origem ou crença. Um Direito com coerência e humanidade, com limites e fundamentos éticos e morais de defesa de direitos individuais e humanos. É isso que precisamos defender e buscar sempre, repudiando qualquer sistema legal que não tenha essa base, mesmo que formalmente, reconhecido como Direito.

LEIA MAIS...

>> André Rafael Weyermüller foi entrevistado pela edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, na editoria IHU Repórter. O material pode ser acesso através do nosso site: www.unisinos.br/ihu

O nazismo como legitimação da irracionalidade

O advento do nazismo legitimou a intolerância, o crime, a irracionalidade, e prova que a cultura e o conhecimento não afastam o espectro da irracionalidade. No mundo atual, ainda é possível que surjam líderes como Hitler, analisa o médico e escritor Moacyr Scliar

POR MÁRCIA JUNGES

“Há pouco tempo, o presidente do Irã declarou que o Holocausto nunca ocorreu. Isto sem falar nos tiranos que pululam por aí, como Mugabe na África”, responde o médico e escritor Moacyr Scliar, ao ser questionado se no mundo atual ainda há espaço para um tipo de ditador como Hitler. Para Scliar, “o nazismo conseguiu legitimar a irracionalidade, o racismo, o preconceito, a intolerância, o crime”. E continua: “O sofrimento une as pessoas, e uma catástrofe da magnitude do Holocausto exerce esse efeito de forma poderosa. Os judeus se deram conta de que, mesmo fazendo parte de diferentes grupos nacionais, ou sociais, ou profissionais, para o nazismo eles eram uma coisa só”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida com exclusividade à IHU On-Line por e-mail.

Moacyr Scliar é um dos mais conhecidos escritores brasileiros da atualidade. Formado em Medicina, trabalha como médico especialista em saúde pública. Em 1963, iniciou sua vida como médico, fazendo residência em clínica médica. Especializou-se no campo da saúde pública como médico sanitarista. Iniciou os trabalhos nessa área em 1969. Em 1970, frequentou curso de pós-graduação em medicina em Israel. Posteriormente, tornou-se doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública. Já foi professor na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Scliar publicou mais de setenta livros, entre crônicas, contos, ensaios, romances e literatura infanto-juvenil. Destes, citamos o ensaio *A condição judaica* (Porto Alegre, L&PM, 1987) e os romances *O exército de um homem só* (Porto Alegre: L&PM, 1997) e *O centauro no jardim* (9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001). É o sétimo ocupante da cadeira nº 31 da Academia Brasileira de Letras.

DIVULGAÇÃO



**“Hitler também dizia
que os judeus
controlavam o capital.
Ou seja: eram
capitalistas e comunistas
ao mesmo tempo. O que
dá uma idéia do
raciocínio maluco que
animava o nazismo”**

**“O nazismo conseguiu
legitimar a
irracionalidade, o
racismo, o preconceito,
a intolerância, o crime”**

IHU On-Line - Em sua obra, inúmeros livros retratam a cultura judaica. Como a questão da memória do povo através da literatura é importante para refletirmos sobre o Holocausto?

Moacyr Scliar - Alguém já disse que a literatura é a história não oficial de um povo. Mesmo as obras de ficção podem assim nos ajudar a entender um acontecimento tão sombrio e tão cheio de lições como foi o Holocausto. Igualmente importantes são as obras de não-ficção.

IHU On-Line - Como o Holocausto influenciou na identidade do povo ju-

deu? Quais são as principais marcas deixadas?

Moacyr Scliar - O sofrimento une as pessoas, e uma catástrofe da magnitude do Holocausto exerce esse efeito de forma poderosa. Os judeus se deram conta de que, mesmo fazendo parte de diferentes grupos nacionais, ou sociais, ou profissionais, para o nazismo eles eram uma coisa só. Foi uma forma de tomar uma dolorosa consciência de um passado comum, de uma tradição cultural comum.

IHU On-Line - Quais são as raízes históricas para a perseguição aos judeus na Segunda Guerra Mundial? Pessoalmente, qual é o seu sentimento em relação a esse preconceito, a essa exclusão?

Moacyr Scliar - O nazismo nasceu, em primeiro lugar, da peculiar situação da Alemanha, que emergiu da Primeira Guerra em uma situação precária e assim ficou durante muito tempo. Hitler soube, astutamente, mobilizar esse ressentimento, e canalizá-lo contra um clássico bode expiatório que eram os judeus, considerados, desde a Idade Média, como um grupo conspiratório, atuando na área de finanças. Para isso, colaborava o fato de que, no Medievo, muitos judeus se haviam dedicado ao empréstimo de dinheiro a juros. Mas isso eles o haviam feito por pressão das classes dominantes, que confiavam o dinheiro a um grupo indefeso. Quando um senhor feudal não queria pagar a dívida contraída com um financista judeu tudo o que ele tinha de fazer era desencadear um massacre, que resultava assim numa “queima de arquivo”. Que os bancos depois tivessem assumido essa função aos preconceituosos não importava; eles continuavam dizendo que os judeus “tinham a usura no sangue”.

IHU On-Line - Como podemos entender que, em pleno século XX, e com amplo apoio da população alemã e de outras partes do mundo, se chegou ao terror nazista?

Moacyr Scliar - A cultura, o conhecimento, a racionalidade, enfim, não afastam o espectro da irracionalidade. Pessoas respeitáveis podem, em

determinadas circunstâncias, tornarem-se assassinos. O nazismo conseguiu legitimar a irracionalidade, o racismo, o preconceito, a intolerância, o crime.

IHU On-Line - Na Alemanha e no mundo atual, há espaço para esse tipo de político ditador? As pessoas, em pleno século XXI, apoiariam uma política como aquela?

Moacyr Scliar - Claro que há. É só olhar os jornais para constatá-lo. Há pouco tempo, o presidente do Irã declarou que o Holocausto nunca ocorreu. Isto sem falar nos tiranos que pululam por aí, como Mugabe na África.

IHU On-Line - Podemos dizer que o Holocausto é fruto da pós-modernidade? Ou ele é a sua essência?

Moacyr Scliar - Não sei se podemos dizer isso, mas não se discute que o Holocausto colocou dúvidas sobre a idéia do progresso como algo moderno e irreversível.

IHU On-Line - O que explica o fascínio exercido por Hitler sobre as massas?

Moacyr Scliar - Em primeiro lugar, pela frustração em que viviam muitos alemães, e depois pelo carisma demagógico de um líder que prometia transformar a Alemanha na grande potência do nosso mundo.

IHU On-Line - É correto dizer que Hitler entendia o marxismo como a expressão política do judaísmo? Por quê?

Moacyr Scliar - É, sim, correto dizer isso. Mas Hitler também dizia que os judeus controlavam o capital. Ou seja: eram capitalistas e comunistas ao mesmo tempo. O que dá uma idéia do raciocínio maluco que animava o nazismo.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Moacyr Scliar no sítio do IHU www.unisinos.br/ihu.

* “Ruim com SUS, pior, mas muito pior, sem ele”.
Edição 260, de 02-06-2008.

O nazismo como essência da pós-modernidade

Se compreendermos pós-modernidade pela constatação do fracasso dos “ismos” do século XIX, então o nazismo é sua própria essência, “expressão máxima dessa aterradora e sempre presente possibilidade da Civilização Ocidental, a irrupção da barbárie”, afirma o engenheiro Saul Kirschbaum

POR MÁRCIA JUNGES

“O extermínio físico somente foi possível por ter sido precedido pelo extermínio moral. Os judeus, ciganos, homossexuais, foram primeiro desumanizados, desindividualizados, rebaixados a números, condenados à exclusão pelo fato mesmo de pertencerem a um determinado grupo. O regime, totalitário, se encarregou de criar uma imensa burocracia, recrutada e treinada para suprimir quaisquer considerações éticas a respeito das tarefas recebidas”, acentua o engenheiro Saul Kirschbaum. Na entrevista a seguir, concedida com exclusividade por e-mail à IHU On-Line, ele afirma que o número exato de vítimas do Holocausto “é eticamente irrelevante, e sua discussão uma tentativa de desviar a atenção” para a marca da barbárie, ou seja, a possibilidade de se assassinar populações inteiras em escala industrial. Sobre as influências teóricas de Hitler, Kirschbaum acredita que “qualquer texto é suscetível de múltiplas leituras, dependendo da ótica do leitor”. Talvez, acredita ele, Hitler não tenha, propriamente, distorcido Hegel ou Nietzsche, mas os compreendido em “uma dimensão que nos aterroriza. Para nos tranquilizarmos, precisamos pensar que ele distorceu”.

Kirschbaum é graduado em Engenharia Elétrica, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em Administração, pela Fundação Getúlio Vargas São Paulo (FGV-SP), e mestre e doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica, pela Universidade de São Paulo. Sua tese intitulou-se *Ética e literatura na obra de Samuel Rawet*. Autor de inúmeros artigos e capítulos de livros é um dos organizadores de *Dez Ensaios para Samuel Rawet* (Brasília: LGE Editora, 2007). A entrevista, a seguir, foi concedida com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line. Confira.

IHU On-Line - Quais são os principais traumas que persistem entre a comunidade judaica em função do Holocausto?

Saul Kirschbaum - É difícil falar em “comunidade judaica”. Precisariamos especificar: a comunidade judaica de Israel? A do Brasil? A dos Estados Unidos? A da Argentina? Em Israel, cada vez que o presidente do Irã ameaça “varrer Israel do mapa”, não há como não pensar na iminência, ou pelo menos na possibilidade de uma nova Shoá.¹ Na Argentina, com um longo

e pesado passado de anti-semitismo, um evento como o atentado contra a sede da Amia certamente traz de volta os fantasmas da era nazista. No Bra-

¹ Shoá: também escrito da forma *Shoah*, *Sho'ah* e *Shoa*, que em língua ídiche (um dialeto do alemão falado por judeus ocidentais ou asquenazitas) significaria calamidade, sendo o termo deste idioma para o “Holocausto”. É usado por muitos judeus e por um número crescente de cristãos devido ao desconforto teológico com o significado literal da palavra Holocausto que tem origem do grego e conotação com a prática de higienização por incineração. Estes grupos acreditam que é teologicamente ofensivo sugerir que os judeus da Europa foram um sacrifício a Deus. (Nota da IHU On-Line)



sil, aparentemente, só os mais idosos ainda sentem um certo estranhamento por sua condição judaica, que poderia ser visto como um fator que alimentaria sentimentos anti-semitas mais violentos por parte da população hegemônica. Nos Estados Unidos, ao que parece, os judeus não sentem nenhum tipo de estranhamento.

IHU On-Line - Sua história pessoal é marcada pelo Holocausto? De que forma?

Saul Kirschbaum - Na minha primei-

ra infância, todos os judeus *Ashkenaz*² de Porto Alegre com quem tive contato tinham familiares entre as vítimas da *Shoá*, ou estavam reencontrando parentes e amigos que tinham conseguido sobreviver. Mas eu era muito pequeno para entender o que estava acontecendo. Somente muito mais tarde fui capaz de entender por que minha avó paterna estava continuamente adoentada e pouco acolhedora: tomei conhecimento de que meu avô paterno tinha ajudado muitos dos seus parentes a vir para o Brasil logo que começou a ascensão do nazismo, e não tinha feito o mesmo esforço em prol dos parentes de minha avó, o que resultou em um clima de permanente tensão entre eles, já que minha avó responsabilizava meu avô pela morte de todos os parentes dela. Esta situação, bastante típica, o sentimento de culpa por não ter feito todos os esforços possíveis para ajudar parentes e amigos a sair da Europa oriental antes da *Shoá*, foi tema de um conto de Samuel Rawet, “Réquiem para um solitário”, publicado em *Contos do imigrante*, de 1956.

IHU On-Line - Como você compreende a construção do anti-semitismo que recrudescer na Alemanha do pós-guerra?

Saul Kirschbaum - Persiste na Alemanha (como em vários outros países europeus) a mais triste herança da era nazista: o ódio ao estrangeiro, ao imigrante que compete pelas vagas no mercado de trabalho (particularmente as de nível mais baixo) e ameaça as relações pessoais entre os alemães “puros”. O estranho, com costumes diferentes, visto como não-assimilável. O racismo persiste, como evidencia a recente aprovação, pelo Parlamento europeu, de medidas mais restritivas contra os imigrantes ilegais. Neste contexto, os esforços institucionais para banir o legado nazista e impedir seu retorno são vistos, especial-

mente pelos jovens, como tentativas de culpabilizar toda a população, de obrigá-los a assumir a culpa de seus pais, a geração da guerra. “Ora”, eles pensam, “se nem ao menos tínhamos nascido”. Para os judeus, no imediato Pós-Guerra, a derrota é vista como uma tragédia devida a erros estratégicos dos generais e à conspiração dos judeus como os inimigos da Alemanha. Por sua vez, os turcos agora, apesar da abundância econômica, são identificados como os responsáveis pelas eventuais dificuldades do dia-a-dia, pelo desemprego, pela pressão sobre a previdência social.

IHU On-Line - Em *Mein kampf*, Hitler afirma ter lido Hegel e Nietzsche, além de se declarar um admirador de Wagner. Em que medida Hitler compreendeu e distorceu o pensamento desses filósofos e compositor?

Saul Kirschbaum - A idéia de “distorcer” conota uma intencionalidade perversa. Por outro lado, qualquer texto é suscetível de múltiplas leituras, dependendo da ótica do leitor. Certamente, não se pode afirmar que Hegel e Nietzsche tenham sido nazistas, ou proto-nazistas, ou mesmo simpatizantes do nazismo (ao contrário de Wagner,³ cuja recuperação e interpretação dos mitos germânicos foi instrumental para a elaboração do ideário nazista, e por quem a admiração de Hitler era notória). Mas, se o nazismo, o totalitarismo, a barbárie, são possibilidades concretas, apesar de extremas, da Civilização Ociden-

tal, então deve ser possível encontrar aspectos que corroborem essas possibilidades em muitos pensadores. Neste sentido, talvez Hitler não tenha, propriamente, distorcido o pensamento dos filósofos, mas apenas compreendido em uma dimensão que nos aterroriza; para nos tranquilizarmos, precisamos pensar que ele distorceu.

IHU On-Line - Além do extermínio físico, os nazistas promoveram um verdadeiro extermínio moral por onde passaram. De que forma a mentalidade nazista pôde ser aceita numa Europa evoluída? Por que as pessoas não se levantaram contra esse totalitarismo?

Saul Kirschbaum - O extermínio físico somente foi possível por ter sido precedido pelo extermínio moral. Os judeus, ciganos, homossexuais, foram primeiro desumanizados, desindividualizados, rebaixados a números, condenados à exclusão pelo fato mesmo de pertencerem a um determinado grupo. O regime, totalitário, se encarregou de criar uma imensa burocracia, recrutada e treinada para suprimir quaisquer considerações éticas a respeito das tarefas recebidas. Uma gigantesca máquina de propaganda recebeu a atribuição de convencer a população de que as dificuldades vividas pela Alemanha eram conseqüência da presença maléfica dos grupos que estavam sendo excluídos, pois impediam a caminhada da Alemanha rumo ao seu futuro glorioso, de outra forma garantido pela supremacia racial dos alemães; ao mesmo tempo, a prática da brutalidade contra os adversários do regime, do fato consumado, espalhou o terror, impedindo que as pessoas se levantassem. Muitos intelectuais, reduzidos à impotência, optaram por emigrar.

IHU On-Line - Qual é a base da teoria de que o número de vítimas do Holocausto é uma impossibilidade, que foi superestimado?

Saul Kirschbaum - A teoria de que o número de vítimas da Shoá foi superestimado se baseia: a) na falta de estatísticas confiáveis, já que muitos judeus foram “gaseados” assim que chegaram aos Campos de Extermínio, antes mesmo de

² *Ashkenaz*: nome dado aos judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental. O termo provém do termo do hebraico medieval para a Alemanha, chamada *Ashkenaz*. Nos dias de hoje, o termo *asquenazita* é utilizado para tratar das tradições religiosas dos judeus que viviam na Europa Oriental, assim como as de seus descendentes, espalhados por todo mundo após o Holocausto. (Nota da IHU On-Line)

³ *Richard Wagner* (1813-1883): compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como *wagnerianos* ou *não-wagnerianos*. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do *Anel dos Nibelungos*, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Bülow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da IHU On-Line)

serem cadastrados nos registros administrativos dos Campos, ou simplesmente assassinados a tiros, pelos *einsatzcommandos*, sem maiores preocupações de registro; b) na alegada falta de tecnologia e equipamentos (câmaras de gás e fornos crematórios) para matar e cremar tantas pessoas; c) numa suposta “conspiração judaica”, interessada em exagerar o número de vítimas para extorquir o “mundo civilizado”, especialmente os alemães; d) em que não houve propriamente uma Shoá, sendo o elevado número de vítimas judias apenas consequência das condições de guerra – afinal, os alemães não poderiam desviar muita alimentação para consumo dos prisioneiros, e as más condições higiênicas nos Campos favoreceriam o alastramento de epidemias de tifo etc. Na verdade, o número exato de vítimas é eticamente irrelevante, e sua discussão uma tentativa de desviar a atenção: a marca da barbárie é a própria possibilidade do assassinato “industrial” de populações inteiras.

IHU On-Line - O nazismo é uma expressão da pós-modernidade ou é sua própria essência, representando a falência de valores e o niilismo moral?

Saul Kirschbaum - É necessário um consenso prévio sobre o significado da expressão “pós-modernidade”. Se a entendermos como a constatação do fracasso dos “ismos” do século XIX (comunismo, socialismo, liberalismo, positivismo), que prometiam um futuro jubiloso de progresso material permanente e a consequente melhoria moral da humanidade, então, sim, o nazismo é a própria essência da pós-modernidade, é a expressão máxima dessa aterradora e sempre presente possibilidade da Civilização Ocidental, a irrupção da barbárie; é a possibilidade do Campo de Concentração em escala internacional.

IHU On-Line - Como a marca do ódio do homem contra o homem deixada pelo nazismo perpassa e inspira Lévinas a construir um sistema em que a Ética e alteridade são os pilares principais?

Saul Kirschbaum - O ponto de partida da reflexão levinasiana é que a primazia da liberdade do sujeito, constitutiva da ontologia ocidental, serve

“Rawet se alinha entre os expoentes da literatura brasileira, sendo responsável pela renovação do gênero conto no Brasil, além de desenvolver um uso diferenciado do próprio idioma, o que pode ser devido à sua inserção em uma intersecção de culturas”

de suporte para a postulação da plena realização do Eu. O Outro se apresenta, então, como um obstáculo ao desenvolvimento do Eu em todo o seu potencial, e deve, por isso, ser suprimido. A liberdade é assassina, e a relação entre os homens é marcada pelo ódio. Esta reflexão inspira Lévinas a propor “a ética como filosofia primeira”, e a infinita responsabilidade pelo Outro em lugar da primazia do Eu.

IHU On-Line - Em que aspectos o pensamento de Lévinas é uma resposta e uma contraposição à filosofia nazista? A dominação do Ser na filosofia ocidental cede espaço ao Outro na filosofia Lévinasiana?

Saul Kirschbaum - Lévinas já havia percebido, em seu ensaio de 1934, “Quelques réflexions sur la philosophie de l’hitlérisme”, que “a filosofia do hitlerismo [...] põe em questão os próprios princípios de uma civilização”. Como assinalou Miguel Abensour,⁴ no ensaio que acompanha aquela obra, “[t]rata-

se de uma civilização, ou antes de uma anti-civilização instalada na brutalidade do fato de ser, na brutalidade do fato consumado. [...] Daí a advertência final de Lévinas em *De l’évasion*: ‘Toda civilização que aceita o ser, o desespero trágico que ele comporta e os crimes que ele justifica, merece o nome de bárbara’” [traduções minhas]. A grande lição do nazismo, a barreira moral até então intransponível que ele derruba para a Civilização Ocidental, é a demonstração prática de que é possível matar milhões de pessoas, bastando, para isso, que elas sejam previamente desumanizadas, privadas de seus direitos mais elementares. A constatação de que essas possibilidades extremas residem na aceitação do Ser (e, conseqüentemente, na desumanização do Outro, reduzido a corpo “matável”) tem como decorrência, para Lévinas, que somente uma filosofia baseada na infinita responsabilidade pelo Outro, no pleno reconhecimento de sua alteridade, será capaz de se opor à barbárie.

IHU On-Line - Qual é o contexto em que surge e qual é a importância da obra de Samuel Rawet?

Saul Kirschbaum - A adolescência de Rawet é marcada pela tragédia europeia: ao final da guerra, ele tinha 16 anos, e certamente tomou conhecimento do sofrimento de tantas famílias ao saberem do destino de seus parentes, e da chegada de sobreviventes abalados psíquica e, muitas vezes, economicamente. Em sua primeira coleção publicada, *Contos do imigrante*, em metade dos contos o protagonista é judeu, e a trama está intimamente relacionada à Shoá. Talvez esta exposição ao trauma, ao sofrimento, à privação, tenha levado Rawet à abertura para a alteridade que marca toda sua obra. Mas sua importância não reside exclusivamente no tratamento que dá às questões éticas. Rawet se alinha entre os expoentes da literatura brasileira, sendo responsável pela renovação do gênero conto no Brasil, além de desenvolver um uso diferenciado do próprio idioma, o que pode ser devido à sua inserção em uma intersecção de culturas. Afinal, cabe lembrar que o idioma de sua infância, tanto na Polônia quanto no Brasil, é o ídiche. E que, como ele mesmo dizia, “aprendeu o português na rua”.

⁴ Miguel Abensour (1939): filósofo francês, editor da revista *Libre* durante a década de 1970, junto de Pierre Clastres, Cornelius Castoriadis e Claude Lefort. (Nota da IHU On-Line)

A história oral como reflexão sobre o Holocausto

Alexander Von Plato, historiador alemão, conduz pesquisa em que mais de três mil sobreviventes do Holocausto foram ouvidos. Relatos diferem da historiografia oficial e lançam questões sobre o que a população alemã da época realmente sabia sobre a solução final, e até que ponto estava envolvida

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

A forma como os alemães lidam com o fato histórico do nacional-socialismo mudou muito desde a década de 1970. Ao contrário do que acontecia nos anos 1950, há poucas pessoas que negam o que houve, ou que os alemães haviam perpetrados os crimes de guerra, explica o historiador alemão Alexander Von Plato. Em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, quando ele veio à Unisinos participar do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), intitulado *Testemunhos e Conhecimento*, realizado de 22 a 25 de abril, ele admite que ainda pairam dúvidas sobre o que realmente a população sabia sobre o Holocausto, e quem estava envolvido e até que ponto. “Não duvido de que boa parte da população era apolítica”, disse. “Mas houve uma boa porção que não se encaixa nesse perfil, como os filiados ao NSDAP e a outras organizações nazistas”. Outro ponto que merece destaque é que o nacional-socialismo hoje é tema nas escolas, com depoimentos de pessoas que viveram experiências pessoais do período. Esses relatos muitas vezes não coincidem com a historiografia oficial, aponta Von Plato. Eis outro motivo importante para ouvir o que essas pessoas têm a dizer. O historiador, que é vice-presidente da Associação Internacional de História Oral (IOHA), coordena um trabalho em que mais de três mil entrevistas biográficas sobre o período foram coletadas. Os testemunhos figuram como uma memória importante a ser estudada e discutida, tema de reflexões e debates. Questionado sobre o recrudescimento do nazismo na Alemanha atual, Von Plato disse que este é maior em países como a França.

Von Plato é fundador e diretor do Instituto de História e Biografia da Universidade Aberta de Hagen, na Alemanha, e vice-presidente da Associação Internacional de História Oral (IOHA). Pesquisa o nacional-socialismo, em especial a divisão da Alemanha e o recente processo de unificação. É professor visitante da Universidade de Viena e foi um dos conferencistas do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), *Testemunhos e Conhecimento*.

IHU On-Line - Como as pessoas que sobreviveram ao nazismo conseguiram lidar com seus traumas? Como o governo administrou esse problema? Que referenciais essas pessoas tinham para sobreviver, para lidar com a situação?

Alexander Von Plato - A forma como as pessoas lidaram com o nazismo naturalmente depende de quem se pergun-

ta: se das vítimas, sejam elas políticas ou perseguidas por racismo, seja dos apoiadores do sistema antigo, funcionários do nacional-socialismo, seja dos milhões de simpatizantes que foram “tapeando” de um jeito ou de outro. Depende também de alguns fatores: o de se a pessoa vivia no Leste, na Zona de Ocupação soviética, ou nas Zonas de Ocupação ocidentais, que depois

vieram a ser, respectivamente, a República Democrática Alemã, comunista (RDA), e a República Federal da Alemanha (RFA); e de como essa pessoa lidou depois com o nazismo, com as lembranças, com a política, com as vítimas. A maioria dessas, de origem judaica, emigrou. O nacional-socialismo e a história da RDA são as áreas melhor pesquisadas da história alemã.

Trabalhei principalmente sobre o nacional-socialismo alemão. Entrevistei diferentes grupos populacionais, bem como pessoas que se diferenciavam por sua função, ou participaram da resistência, ou foram vítimas. É um trabalho de décadas. Para se ter uma idéia, nosso Instituto dispõe de três mil entrevistas biográficas.

Prescrição de assassinatos

A primeira geração pós-guerra que vivenciou o nacional-socialismo tentou embelezá-lo, deixando de analisar seus crimes. Isto mudou com o tempo, ao final dos anos 1960, quando na Alemanha Ocidental o nacional-socialismo voltou a ter papel mais destacado na pesquisa e na política.

Fatos marcantes, nesse sentido, na Alemanha Ocidental, foram o processo de Auschwitz, entre 1963 e 1965, a instalação de uma Promotora Geral para a investigação dos crimes do nacional-socialismo, em 1958/1959, e a discussão sobre a prescrição de assassinatos. Nesse caso, o assassinato perpetrado pelo nacional-socialismo estaria prescrito. Por isso, em meados dos anos 1960, iniciou-se um debate no Congresso Nacional alemão sobre essa prescrição, o que é de importância enorme, porque de repente se passou a discutir o tema em público. Havia, então, uma maioria no povo alemão que queria que se acabasse com a investigação desses crimes. Em 1969, essa pesquisa representativa foi repetida, e aí a relação contra/a favor havia invertido. Então, a maioria não queria que se pusesse um ponto final na investigação.

Este é um ponto importante. Foi a época do movimento estudantil, mas esse foi apenas um aspecto. Um exemplo é de que, em 1941, um judeu jovem foi levado com seu irmão, com toda a sua família, para Auschwitz. A família inteira morreu, com exceção dele e do seu irmão. Após 1945, ele voltou a seu vilarejo e ninguém acreditou no que ele disse: que esteve em Auschwitz. Muito pelo contrário: disseram se tratar de uma falsa acusação. As pessoas não acreditaram que realmente houve esse sistemático assassinato de judeus. Ele era jovem demais para poder herdar, e seus pais haviam sido assassina-

“Há uma série de causas para o surgimento e finalmente para a vitória do nacional-socialismo em 1933. Em primeiro lugar, é preciso dizer que a Alemanha estava dividida, não era um bloco homogêneo, nem no povo, nem nas lideranças. Havia uma divisão extrema”

dos em Auschwitz. Em sua volta, não pôde herdar a propriedade da família porque a lei alemã não previa que alguém tão jovem, sem prova da morte dos pais, pudesse tomar posse da herança. Na época, ainda não existia indenização, ou seja, uma forma de compensação. O que era possível era ele receber algo por uma formação de estudo perdida. Por isso, ele recebeu 5 mil marcos e, quarenta anos depois, uma indenização por trabalhos forçados prestados em Auschwitz.

A importância da história oral

Neste caso, se vê que o lado material evoluiu lentamente na RFA. Este é o aspecto exterior, material. Mas o que ocorreu na cabeça desse jovem só descobrimos mediante consulta oral e entrevista biográfica. Aí é que a história oral mostra suas vantagens. Todas essas tentativas de fazer reconhecer Auschwitz fizeram-no sentir-se novamente traumatizado. Seria demais. Foi um enorme peso para ele recontar tudo. Mesmo assim, ele ficou na Alemanha com seu irmão, embora tentando ocultar sua etnia judaica. Acabou

praticando uma espécie de mimetismo: casou-se com uma cristã, mandou batizar os filhos, sempre afirmava ser evangélico, o que não era verdade. Ou seja, durante 25 anos, calou-se sobre sua etnicidade judaica. Somente depois que o clima social na RFA mudou com o movimento estudantil e aqueles fatos marcantes que mencionei, é que ele se tornou um dos mais conhecidos protagonistas da luta por indenização para judeus e trabalhadores forçados, contra a IG-Farben e suas empresas sucessoras.

A IG-Farben era um grande complexo industrial químico na época, onde ele precisou prestar trabalhos forçados. Nos anos 1970, ele começou a lutar por indenização e pelo reconhecimento de que ali foram explorados à força. Além disso, voltou a professar sua etnia judaica. Tornou-se dirigente de uma comunidade culto judaica, e casou-se. A questão desse casamento é demasiado complicada, mas é importante porque, após Auschwitz, ele se considerou incapaz de relacionar-se com mulheres. Só tinha casos de pouca duração, isto é, nada duradouro.

IHU On-Line - Como os alemães lidam com essa parte de seu passado?

Alexander Von Plato - Com a geração mais recente, a forma de lidar com esse fato histórico mudou muito. Hoje, para cada campo de concentração, temos um memorial. Buchenwald é um dos mais conhecidos. Em muitas cidades na região do Ruhr, em Hamburgo, Essen, Duisburg, Hannover, no Sul da Alemanha, houve longa exposição sobre perseguição e resistência. Desde os anos 1970, a maneira de lidar com essa questão mudou totalmente: ela também é aceita, contra uma minoria que não admite que o Holocausto seja verdade. Mas, contrariamente aos anos 1950, é aceito que, sob o nacional-socialismo, esses crimes foram perpetrados na Alemanha por alemães.

Também a minha geração admite ter responsabilidade, embora sem culpa individual. A questão sobre até que ponto os alemães estavam envolvidos é muito difícil. A respeito disso há muita discussão. Sobre esta questão, estamos quebrando a cabeça há décadas. O que os alemães sabiam? Quem

“A Primeira Guerra Mundial não estava terminada. O grito de vingança estava no ar. Em entrevistas já nas fases tardias da pesquisa que conduzi, fiquei sabendo que a Segunda Guerra Mundial foi percebida como continuação da Primeira. Aqui, refiro-me apenas aos radicais da direita”

esteve envolvido?

Nos anos 1950, todos esses crimes foram atribuídos à SS e ao NSDAP, não às *Wehrmacht* (forças armadas). Desde os anos 1960, entretanto, há abrangentes investigações militares, por sinal financiadas pelo governo, que constatarem que não é tão simples assim. As forças armadas também participaram de crimes. Elas se protegeram, às vezes participaram de fuzilamentos e, em parte, ao menos, cumpriram o *Kommissarsbefehl* (ordem de fuzilar sumariamente os funcionários soviéticos). Isto foi ocultado, enfatizando-se, em compensação, a resistência do movimento chamado 20 de julho, do qual participaram militares em 1945. A grande questão sempre é: quem esteve envolvido? Não duvido de que boa parte da população era apolítica. Mas houve uma boa porção que não se encaixa nesse perfil, como os filiados ao NSDAP e a outras organizações nazistas.

IHU On-Line - Qual é a situação atual quanto ao resgate da história da época do Holocausto?

Alexander Von Plato - Para começar, vou falar sobre meus filhos. Diferentemente de mim, meus filhos receberam na escola muitíssima informação sobre o nazismo. Nenhuma classe atinge a conclusão do 2º grau sem que tenha aprendido algo sobre o nacional-socialismo. Na minha época de escola, o que aconteceu com todos da minha

geração, não o estudávamos. Hoje, não há sequer uma escola, uma classe, em que pelo menos uma vez uma vítima do nazismo não tenha apresentado experiências pessoais — o que é complicado, porque não coincide com a historiografia oficial. Mas, se isto realmente ajuda a trabalhar o nacional-socialismo nas próximas gerações, naturalmente é uma incógnita. Temos um “Dia da Libertação”, que não é o 8 de maio, mas o 27 de janeiro, justamente o dia da libertação de Auschwitz. Este, de um modo geral, é comemorado nas escolas, atualmente.

Certa vez, pediram-me que desse uma palestra sobre Auschwitz e o nacional-socialismo. Houve uma discussão, quando jovens perguntaram: “Para que precisamos saber de Auschwitz, como afirmou um professor, para hoje ser a favor de direitos democráticos?”. Quem assim se manifestou foi um representante estudantil turco. Ele disse: “Quero saber o que aconteceu no nacional-socialismo, mas não precisa terminar sempre com ‘Lembrem de Auschwitz, senão vocês nem poderão saber a importância da democracia. Para combater hoje a xenofobia na Alemanha não preciso de Auschwitz. Preciso disso para meu conhecimento da história, para questões de racismo. Mas eu posso ser contra a xenofobia e o racismo apenas pela minha própria experiência’”. Foi uma discussão bem acirrada. De certa maneira, dei razão a ele, ao passo que os professores fi-

caram muito irritados. Ambos os lados de alguma maneira tinham razão. Eu compreendi o rapaz muito bem. Ele disse: “Nós temos nossos próprios problemas. Nós vemos o racismo hoje”. Este não é tão forte na Alemanha hoje, como se acredita — é relativamente limitado, talvez por causa do nazismo.

Xenofobia na Europa

Em termos gerais, há xenofobia e um anti-semitismo latente na Alemanha. É preciso considerar que é muito difícil, hoje, distinguir entre crítica à política de Israel e anti-semitismo, ou se uma coisa mascara a outra. Mas, no parlamento federal, não temos um partido de direita radical. Na Alemanha Oriental, ex-comunista, temos alguns partidos de extrema direita nos parlamentos regionais, assembleias legislativas. O anti-semitismo e o neofascismo são relativamente mais fracos na Alemanha do que em outros países europeus, particularmente do leste europeu, mas também mais fracos do que na França. Espero que isto tenha a ver com todo o processo de trabalhar o nazismo.

Ainda sobre o radicalismo de direita no leste, devo dizer que na área rural, em muitas regiões da antiga República Democrática Alemã, ele ainda existe de forma acentuada, principalmente entre jovens trabalhadores. A taxa de desemprego ali é elevada. Não há mais instituições culturais antigas; elas estão quebradas ou desapareceram. É uma situação difícil justamente para os jovens. Eles ou vão embora, ou, se ficam, estão muito ameaçados. Aí ocorrem conflitos acirrados. Mesmo assim, tenho a sensação de que também na Alemanha Oriental se desenvolve outro processamento do nazismo.

IHU On-Line - Durante a guerra, apenas os aspectos positivos da administração alemã eram apresentados. Aos poucos, contudo, os assassinatos vieram à tona. Como as pessoas reagiram a isso?

Alexander Von Plato - Os aspectos positivos ainda são lembrados hoje. Em poucos anos, acabou-se com o desemprego, a vergonha do Tratado de Versaillies, o fato de a Alemanha ter sido tão oprimida, o que, para muitos, era

como uma humilhação pessoal. Isto foi, de certo modo, compensado por Hitler. Os jovens repentinamente podiam viajar para regiões distantes com a HJ (Juventude Hitlerista), enquanto antes eram obrigados a ficar no seu ambiente, apenas. O desempenho no trabalho era valorizado. Há toda uma série de memórias que descrevem os aspectos positivos. Então, se esquece facilmente o que isso representava. O padrão de vida melhorou incorrendo-se em altas dívidas. A guerra foi também uma guerra de pilhagem. O anti-semitismo de então era tratado como se não existisse. Esta é hoje a memória daqueles que, na época, estavam na Juventude Hitlerista ou na WDM, Aliança das Moças Alemãs, que era um organismo nazista. O que vivenciaram como jovens foi positivo. Embora hoje pensem diferente, se perguntam: “O que me fascinou tanto naquela época? O que me conquistou para o nacional-socialismo?”. A historiografia *precisa* estudar isto, caso contrário não entendemos o nacional-socialismo. O horror é um lado, mas a atração que o nazismo exerceu para os jovens daquela época é outro. Nesse ponto, a história oral é decisiva.

IHU On-Line - Mas esse lado atraente foi tão formidável a ponto de mobilizar as massas?

Alexander Von Plato - O Tratado de Versailles foi crucial para as pessoas. O termo humilhação ainda é usado hoje para se referir a esse documento.

IHU On-Line - E, quanto à reunificação, como ela repercutiu entre o povo alemão?

Alexander Von Plato - Escrevi um livro sobre os aspectos internacionais e nacionais da reunificação. Ela é, naturalmente, resultado de uma história complexa, com elementos e vertentes bem diversas. Uma coisa certa foi que, na Polônia, Hungria, RDA e Tcheco-Eslováquia, a população foi tomada de uma insatisfação com o regime, com a repressão, com as restrições de viagem, principalmente na RDA, além de outras restrições aos direitos democráticos. Ao mesmo tempo, no Leste se captava a TV ocidental. Nas duas Alemanhas, há uma comunicação entre os

parentes, situação esta bem diferente da dos outros países. Essa insatisfação desembocou em duas grandes vertentes: os que queriam viajar para o estrangeiro (*Ausreiser*) e os que queriam “dar no pé” (*Ausreisser*). A outra vertente, formada pelos que queriam ficar, pretendia efetuar mudanças na RDA. Havia outra parte que também estava insatisfeita, mas ficava escondida: era oportunista, ia levando do jeito que dava. Os que queriam sair da RDA ocuparam a embaixada alemã ocidental em Varsóvia, Praga, Budapeste, o que se transformou num problema político. Havia milhares de pessoas nas embaixadas reivindicando sua saída.

IHU On-Line - Acompanhamos tudo isso passo a passo nos noticiários...

Alexander Von Plato - A outra vertente foi a mudança no Leste europeu, principalmente na União Soviética, pois desde 1985 Gorbachev estava no poder como Secretário Geral e não só prometeu como também cumpriu que o Exército Vermelho não mais interviria em assuntos internos, mesmo dos países da aliança de defesa do Pacto de Varsóvia. Isto naturalmente foi um elemento importante. Quando então apareceu o movimento, sempre havia esse medo: a União Soviética vai intervir, ou não? Gorbachev se encarregou — este ponto é importante — de que não houvesse intervenção. Nessa história também o acaso influenciou. Houve mal-entendidos diplomáticos entre a RFA e a União Soviética, ampliados pelo fato de George Bush¹ (pai) assumir a presidência, com uma nova estratégia da OTAN — o que inicialmente não se percebeu. Para o 40º aniversário da OTAN, ele teve preciso ir a Bruxelas e fazer um discurso, quando acabara de assumir. Antes de viajar, ele baixou instruções de que precisava de uma reelaboração da estratégia, segundo a qual se deveria acreditar em Gorbachev, que dissera: “Queremos uma casa européia”. Os americanos ficaram com medo de que a influência dos soviéticos aumentasse demais. O que os americanos queriam era uma casa européia, mas com livre acesso entre os cômodos, “de um

quarto para o outro”, como Bush disse. Os americanos ficaram com medo de que, se essa aproximação na Alemanha e na Europa acontecesse sem o envolvimento deles, também a OTAN, sua principal âncora na Europa, acabaria perdendo importância. Por isso, Bush determinou que a reunificação poderia acontecer, mas sob o teto da OTAN, reconhecendo as fronteiras na Europa (o que era um problema com a Polônia em função da linha Oder-Neisse, rios que faziam a fronteira estabelecida após a Primeira Guerra) e sob a égide da democracia. Esses quatro pontos os americanos defenderam sistematicamente, de modo que, no final, como sabemos, a reunificação se deu sob o teto da OTAN, nos mostrando um aspecto que não deixava de ser controverso.

Os soviéticos não tinham estratégia definida, constante. Os soviéticos queriam preservar a RDA, depois queriam uma unificação do Pacto de Varsóvia com a OTAN. A estratégia de Bush e Kohl² é que acabou decidindo as coisas. Os soviéticos só correram atrás e os movimentos de massa perderam importância. Com a queda do muro em 9 de novembro de 1989, os movimentos de massa perderam importância e os ministérios do exterior assumiram a liderança. Então, os americanos e os alemães ocidentais foram mais fortes que outros países da Europa Ocidental. Esse processo foi sumamente complexo: na União Soviética, se evidenciavam mudanças e os americanos reagiram, levando finalmente à reunificação sob o teto da OTAN.

IHU On-Line - Como foi possível que o nazismo se desenvolvesse numa pátria que deu ao mundo gênios da música, filosofia e sociologia?

Alexander Von Plato - Há uma série de causas para o surgimento e finalmente para a vitória do nacional-socialismo em 1933. Em primeiro lugar, é preciso dizer que a Alemanha estava dividida, não era um bloco homogêneo, nem no povo, nem nas lideranças. Havia uma divisão extrema. Nas últimas eleições

¹ George Herbert Walker Bush (1924): 41º presidente dos EUA. (Nota da IHU On-Line)

² Helmut Kohl (1930): chanceler da Alemanha de 1982 a 1998. Participou na fase final da II Guerra Mundial como soldado. (Nota da IHU On-Line)

livres, no verão e depois, no outono de 1932, os nazistas obtiveram 32 a 34% dos votos, “apenas”, o que era muito. Ou seja, um terço votou nos nazistas. A maioria, a rigor, era da Coalizão de Weimar, do centro, do catolicismo, dos social-democratas e do Partido Democrático Alemão. Esta era a chamada Coalizão de Weimar, que sustentava o sistema da República de Weimar. E havia o Partido Comunista, do outro lado. Os comunistas somados aos social-democratas teriam tido a maioria. Mas não conseguiram entrar em acordo, por muitas razões, que não vou mencionar aqui. Assim, precisamos dizer que a vitória do nacional-socialismo também foi uma derrota para o outro lado na Alemanha. Esses, na verdade, eram os detentores da cultura: os democratas, os social-democratas e também os comunistas, muitos intelectuais de esquerda: Tucholsky, Ossietzky,³ o pessoal da esquerda. Para eles, a vitória do nacional-socialismo foi algo terrível. Ocorreu uma emigração de intelectuais judeus e também não-judeus. Enfatizo isto porque é preciso ter cuidado ao se referir à Alemanha como se fosse um bloco hegemônico. A Alemanha era muito diversificada e complexa. Outro aspecto é que o movimento operário na Alemanha era o mais forte fora da União Soviética, naquela época. Juntando os partidos SPD [social-democratas] e KPD [comunistas], ou mesmo tomando-se apenas o KPD, estes eram os mais fortes partidos de trabalhadores fora da União Soviética. Portanto, a Alemanha estava profundamente dividida.

Crise econômica e Tratado de Versaillles

O segundo grande complexo a ser abordado é que a crise econômica mundial, justamente após a Primeira Guerra Mundial foi um golpe muito forte. Houve um empobrecimento generalizado e falências. Minha família toda era da aristocracia rural e um atrás do outro faliu. Justamente nessa época, havia um chanceler social-democrata, Müller, que grande parte da população considerou politicamente

responsável por essa situação. Todos sabem que houve fatores internacionais, mas um social-democrata estava à frente do governo em 1929-1930. Isto naturalmente levou a que justamente as leis e portarias emergenciais voltadas contra a população pudessem ser por identificadas com a social-democracia.

Quanto à terceira razão, quero ao menos mencioná-la. As reparações, os pagamentos feitos pela Alemanha após a Primeira Guerra Mundial foram considerados por muitos, justamente por nacionalistas alemães, como causa do empobrecimento na crise econômica

“A primeira geração pós-guerra que vivenciou o nacional-socialismo tentou embelezá-lo, deixando de analisar seus crimes”

mundial. Ou seja, todos aqueles planos de reparações entre as potências vitoriosas, primeiro Versailles, depois o plano Dawes⁴, em 1924, depois o Plano Young, em 1930, para a direita e para grande parte da população, foram o símbolo, a marca registrada por excelência e causa da mudança, da opressão e do empobrecimento na Alemanha. O maior sucesso dos nazistas nas urnas foi em 1930, com o slogan “Abaixo o Plano Young!”. Young foi o economista e político americano que elaborou esse plano, na verdade visando à redução das reparações decididas anteriormente. Mesmo assim,

4 Plano Dawes: plano provisório elaborado por um comitê dirigido Charles G. Dawes para viabilizar o pagamento das dívidas que a Alemanha possuía após o final da I Guerra Mundial, decorrentes do Tratado de Versaillles. O comitê era composto por 10 representantes, dois de cada um dos seguintes países: Bélgica, França, Grã-Bretanha, Itália e EUA. O comitê chegou a um acordo em agosto de 1924. (Nota da IHU On-Line)

esse plano simbolizava a vilania dos aliados da época.

Para os conservadores, sob ponto de vista cultural, o período da República de Weimar foi considerado demasiadamente libertário. Há numerosas outras vertentes que os conservadores enxergaram como decadente agressão contra o seu estilo de vida.

República de Weimar e anti-semitismo

Como sempre, nessas épocas aumenta o anti-semitismo. Weimar, no início, era relativamente contida. Naturalmente, também havia anti-semitismo como em quase todos os países naquele tempo, mas de forma relativamente limitada. Entretanto, ele aumenta no final da República de Weimar.

O que todos não entendemos é que, para muita gente, a Primeira Guerra Mundial não estava terminada. O grito de vingança estava no ar. Em entrevistas, já nas fases tardias da pesquisa que conduzi, fiquei sabendo que a Segunda Guerra Mundial foi percebida como continuação da Primeira. Aqui, refiro-me apenas aos radicais da direita.

Um dos legados positivos da Segunda Guerra Mundial e do nacional-socialismo é pensarmos em democracia, não em guerra. A reconciliação entre França e Alemanha, os antigos arqui-inimigos, foi um passo crucial, já iniciado na República de Weimar por meio de Stresemann⁵ e Briand,⁶ e, após a Segunda Guerra, com Adenauer⁷ e De Gaulle.⁸ Estas foram premissas importantes para a unificação da Europa. E não vejo, no momento, nenhum risco de guerra que parta da Europa, ou da Europa Ocidental e Central.

5 Gustav Stresemann (1878-1929): político alemão. Ocupou o cargo de chanceler da República de Weimar de 13 de agosto de 1923 a 23 de novembro de 1923. Foi premiado com o Nobel da Paz em 1926. (Nota da IHU On-Line)

6 Aristide Briand (1862-1932): político francês. Ocupou o cargo de primeiro-ministro da França seis vezes e foi premiado com o Nobel da Paz em 1926. (Nota da IHU On-Line)

7 Konrad Adenauer (1876-1967): político alemão, advogado e prefeito de Colônia. Foi chanceler da República Federal da Alemanha de 1949 a 1963 e presidente do Partido Democrata Cristão (CDU). (Nota da IHU On-Line)

8 Charles de Gaulle (1890-1970): general e presidente da França de 1958 a 1969. (Nota da IHU On-Line)

3 Carl von Ossietzky (1889-1938): jornalista alemão, Nobel da Paz em 1935. (Nota da IHU On-Line)

Perseguição nazista à arte: o modernismo como arte “degenerada”

Exposição *Arte Degenerada*, organizada em Munique, em 1937, foi a maior campanha contra o modernismo. Nazistas queriam desmoralizar arte moderna e substituí-la por uma arte oficial, que espalhasse o ideal de força e pureza alemã, acentua Yeda Arouche

POR MÁRCIA JUNGES

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line por Yeda Arouche, é discutido o uso que os nazistas fizeram da arte, bem como as censuras que impuseram aos modernistas, sobretudo expressionistas, através da desqualificação de suas obras. “O tom satírico e de exprobração, além da constante exposição das mazelas sociais alemãs da época, terminam por irritar as autoridades que passaram a perseguir os expressionistas e, também, os demais modernistas, classificando-os como degenerados”, explica Arouche. Segundo ela, “em 1927, Alfred Rosenberg, principal teórico do nacional-socialismo, inspirado em Nordaus, publica vários ensaios acusando a livre e subjetiva estética moderna de desequilíbrio e de alienação, iniciando um processo de massificação dessa idéia. No ano seguinte, o arquiteto e teórico Paul Schultze-Naumburg edita seu livro *Arte e raça*, no qual — usando a força da linguagem visual — apresentava um paralelismo entre imagens de enfermos e desequilibrados mentais com as pinturas modernistas, a fim de imputar degeneração à arte. Em 1929, Rosenberg funda a Liga de Combate pela Cultura Germânica”. Estava montado o pano de fundo sobre o qual os nazistas desqualificariam a arte expressionista equiparando-a ao conceito de degenerada. Infelizmente, não apenas o nazismo usou a arte para atender seus fins: “Por diversas vezes, a arte esteve envolvida, de uma forma ou de outra, com um ou outro tipo de poder, principalmente, os totalitários”, lamenta Arouche.

Carioca, bacharel em Comunicação Social, habilitada em Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, também bacharel em Comunicação Visual, pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980), Arouche priorizou, inicialmente, suas atividades profissionais na área da editoração e produção gráfico-visual, quando paralelamente, trabalhou com estamparia têxtil, desenvolvendo arte para serigrafia. A partir de 2005, retoma as artes plásticas, freqüentando cursos livres de pintura e de história da arte. Dedicar-se, também, a estudar e a manter um blog sobre arte (yedaarouche.arteblog.com.br). Em 2008, no Museu Nacional de Belas Artes, cursou Análise da Forma do Estilo/Valores Plásticos das Artes Visuais. Prepara-se para reingressar na Escola de Belas Artes, a fim de sedimentar conhecimentos no campo das artes visuais, destacando pintura.

IHU On-Line - De forma geral, que fatores propiciaram o surgimento de uma arte rompida com a escola acadêmica?

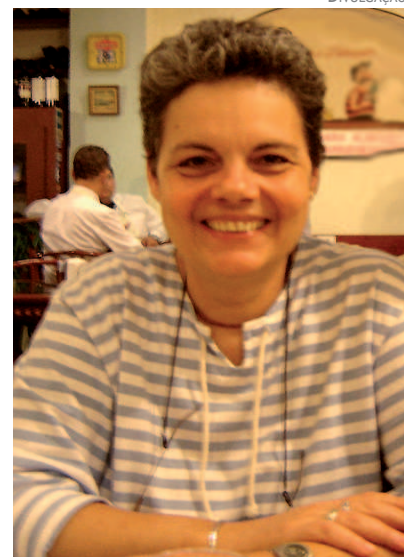
Yeda Arouche - A Revolução Industrial, em meados do século XVIII, foi um grande marco da humanidade, causando mudanças críticas em todos os campos:

declínio do feudalismo, espaço para o capitalismo, bens de produção mudando de mãos, reconfiguração de classes sociais, formação da massa de assalariados, reorganização urbana, crescimento populacional, desenvolvimento tecnológico etc. No século seguinte, o processo, iniciado na Inglaterra, já

se encontrava espalhado. Havia uma nova ordem, novos pensadores e novas teorias para explicar o novo mundo. Na segunda metade do século XIX, as rígidas tradições da Academia começaram a estremecer. Segundo Ferreira Gullar,¹ quando, em 1874, na França,

¹ Ferreira Gullar: pseudônimo de José Ribamar Ferreira. Poeta, crítico de arte, biógrafo,

DIVULGAÇÃO



os impressionistas “rompem com toda e qualquer representação alegórica da realidade, eles de fato operam no campo da arte, a ruptura que já se dera no nível da vida prática”.²

IHU On-Line - O que era o expressionismo, como surgiu e como demonstrou a situação sócio-político-econômica na Alemanha?

Yeda Arouche - Aponta-se o norueguês Edvard Munch³ como um dos precursores do expressionismo. Foi influenciado pelo trabalho pós-impressionista de Van Gogh⁴ e de Gauguin.⁵ Do primeiro, veio a carga emocional, e, do segundo, o tratamento achatado das figuras, as cores e a ausência de sombras. Para Munch, uma obra de arte só poderia nascer do interior do homem: “as imagens que ficam do lado de trás dos olhos”. No ano de 1892, Munch repercutiu grandemente na Alemanha, após sua primeira exposição em Berlim. A obra “O grito” (1893), com sua personagem encarnando a própria angústia, é considerada emblemática.

O expressionismo alemão

O expressionismo sedimentou-se na Alemanha, no início do século XX. Seus adeptos criticavam o impressionismo por não aceitarem sensações visuais dando origem à representação. Para o

memorialista e ensaísta brasileiro, autor de, entre outros *Muitas vozes*. (Nota da IHU On-Line)

2 GULLAR, Ferreira. *Sobre arte* (Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1982). (Nota da entrevista)

3 Edvard Munch (1863-1944): pintor norueguês, um dos precursores do expressionismo alemão. Sua obra mais famosa é “O grito”. (Nota da IHU On-Line)

4 Vincent Willem Van Gogh (1853-1890): pintor neerlandês, considerado o maior de todos os tempos desde Rembrandt, apesar de durante a sua vida ter sido marginalizado pela sociedade. Sua influência no expressionismo, fauvismo e abstracionismo foi notória e pode ser reconhecida em variadas frentes da arte do século XX. Van Gogh foi pioneiro na ligação das tendências impressionistas com as aspirações modernistas. Hoje em dia várias das suas pinturas, entre elas *Doze girassóis numa jarra*, *A casa amarela*, *Quarto em Arles*, *Os comedores de batatas* e *Auto-retrato* encontram-se entre os objetos mais caros do mundo, sendo superados apenas por Pablo Picasso. Era portador de epilepsia e também de distúrbio bipolar (psicose maniaco-depressiva). (Nota da IHU On-Line)

5 Eugène-Henri-Paul Gauguin (1848-1903): pintor francês pós-impressionista. (Nota da IHU On-Line)

“O tom satírico e de exprobração, além da constante exposição das mazelas sociais alemãs da época, terminam por irritar as autoridades que passaram a perseguir os expressionistas e, também, os demais modernistas, classificando-os como degenerados”

expressionista, o artista deveria lidar com a subjetividade, com os impulsos e com as paixões, fazendo crítica social e tocando em dramas psicológicos. Logo, a simples observação/imitação do mundo exterior havia perdido o valor, enquanto que o sentimento é que seria o notável. O simbolismo, também pode ser apontado como fonte em que bebeu o expressionismo pela possibilidade do uso do onírico.

Inicialmente, dois grupos foram formados. O primeiro foi o *Die brücke* (A ponte), criado em 1905. Contava com Otto Muller, Emil Nolde⁶ e Ernst Ludwig Kirchner,⁷ dentre outros. Trabalhavam com o cotidiano e com as obsessões. Apresentavam pinceladas vigorosas, deformações no traço e com cores fortes e contrastantes. O segundo núcleo, com postura mais intelectualizada, surgiu em 1911 - o *Der Blaue Reiter* (O cavaleiro azul) - e contava, entre seus

6 Emil Nolde (1867-1956): pseudônimo de Emil Hansen, um dos mais importantes pintores expressionistas alemães. (Nota da IHU On-Line)

7 Ernst Ludwig Kirchner (1880-1938): um dos fundadores do grupo de pintura expressionista Die Brücke. (Nota da IHU On-Line)

adeptos, com Franz Marc,⁸ Paul Klee⁹ e Wassily Kandinsky.¹⁰ O grupo apresentava uma variedade de formas, sem nenhum compromisso com um “particular estilo pictórico”, conforme ilustrou Kandinsky. Tanto *A ponte* quanto *O cavaleiro azul* se desfizeram antes da Primeira Guerra Mundial. As idéias expressionistas produziram grandes ecos, acabando por se estender para outras manifestações artísticas, como a música, a dança, a literatura, o cinema e as artes gráficas.

A crise econômica que se propagou na Alemanha de 1918, ao final da guerra, provocou um caos. Sob falências, alta inflação e desemprego em massa, o país vivia uma sucessão de fracassos. A instabilidade e a falta de perspectivas muito contribuíram para que as idéias do nazismo acabassem por triunfar, em 1933, com a ascensão de Hitler.

Mazelas sociais expostas na arte

O expressionismo, em 1923, contou com uma nova formação: o *Neue sachlichkeit* (Nova objetividade), que recusava tendências abstracionistas. Em 1925, o grupo realiza uma exposição, em Munique, mostrando a decadente sociedade alemã. Assumindo postura muito mais politizada que seus antecessores mantiveram-se na crítica social e incluíram temas antibelicistas e preocupações com o cenário evolutivo para a centralização do poder e conseqüente fortalecimento do Estado.

Otto Dix¹¹ e George Grosz¹² foram expoentes dessa terceira geração de expressionistas. Ambos vão abraçar certas temáticas, como a hipócrita burguesia alemã, os horrores da guerra e os socialmente rejeitados. É in-

8 Franz Marc (1880-1916): pintor alemão, um dos principais representantes do movimento expressionista. (Nota da IHU On-Line)

9 Paul Klee (1879-1940): pintor alemão, nascido na Suíça, de sentido abstrato. (Nota da IHU On-Line)

10 Wassily Kandinsky (1866-1944): artista russo, nacionalizado francês, professor da Bauhaus e introdutor da abstração no campo das artes visuais. (Nota da IHU On-Line)

11 Otto Dix (1891-1969): pintor expressionista alemão. Veterano da Primeira Guerra Mundial, sua obra é dominada pela temática antibélica. (Nota da IHU On-Line)

12 Georg Grosz (1893-1959): foi um pintor e desenhista alemão, uma das figuras mais destacadas do movimento dadaísta em Berlim, de 1917 a 1920. (Nota da IHU On-Line)

interessante observar as obras “Prague street” (1920), “Metropolis” (1928) e “The seven cardinal sins” (1933), todas de Dix; e “Street scene” (1925), “The pillars of society” (1926) e “Berlin street” (1934), de Grosz.

O tom satírico e de exprobração, além da constante exposição das mazelas sociais alemãs da época, terminam por irritar as autoridades que passaram a perseguir os expressionistas e, também, os demais modernistas, classificando-os como degenerados.

IHU On-Line - Quais são as origens da idéia do “degenerado”?

Yeda Arouche - Na década de 1920, o modernismo faz renascer velhas discussões em torno do estilo artístico *versus* qualidade racial, com a finalidade de confirmar a arte naturalista alemã do século XIX, como nobre representante da estirpe ariana. Anteriormente, em 1829, Max Nordaus¹³ já havia feito analogia entre a degeneração patológica com a decadência que imputava à arte dos simbolistas, para defender a *espiritualmente saudável e superior* cultura alemã. Isso terá desdobramentos futuros.

Em 1927, Alfred Rosenberg,¹⁴ principal teórico do nacional-socialismo, inspirado em Nordaus, publica vários ensaios acusando a livre e subjetiva estética moderna de desequilíbrio e de alienação, iniciando um processo de massificação dessa idéia. No ano seguinte, o arquiteto e teórico Paul Schultze-Naumburg¹⁵ edita seu livro *Arte e raça*, no qual — usando a força da linguagem visual — apresentava um paralelismo entre imagens de enfermos e desequilibrados mentais com as pinturas modernistas, a fim de imputar degeneração à arte. Em 1929, Ro-

senberg funda a *Liga de Combate pela Cultura Germânica*. Ao cenário que se vem arquitetando, somam-se idéias políticas sobre indesejáveis influências, tanto capitalistas como comunistas, sobre a arte.

Quando Adolf Hitler chegou ao poder, em 1933, o modernismo já estava definitivamente ligado à imagem de degeneração. Sobre os artistas modernos, Hitler disse que se suas obras foram “resultado de uma experiência inte-

expressão, lidando com a sensação pessoal, fazendo críticas e levantando questões. Tal postura, no mínimo, foi desconfortável para um estado centralizador que precisava sustentar uma ordem e uma união em torno de sua ideologia. Além disso, para a ótica nazista, qualquer representação fora dos padrões naturalistas seria considerada um desequilíbrio, uma degeneração.

A partir de 1933, a Liga de Combate pela Cultura Germânica propagaria a idéia de que o esforço nazista não se importava apenas com os aspectos político-econômicos, ao contrário, preocupava-se em realizar uma ampla ação cultural. Nesse sentido, calar os indesejáveis e nortear os padrões estéticos do regime, o governo proibiu a diversidade criativa e impôs o neoclassicismo como modelo a ser seguido. Promoveu algumas exposições difamatórias e ditou medidas coercitivas.

Passam a ser perseguidos todos os que pudessem ser identificados como contrários às diretrizes nacionalistas e retirados de circulação qualquer meio de disseminação de idéias vanguardistas. Hitler mandou fechar a Bauhaus, a primeira escola de design, arte e arquitetura de vanguarda (1919/1933). Muitos livros e outras publicações foram varridos do território alemão. Diretores de museus foram cassados. Artistas foram proibidos de dar aulas, de expor ou de comercializar seus trabalhos. O nazismo impôs uma verdadeira “caça às bruxas”, confiscando de galerias, de museus e de particulares, todas as obras de arte consideradas degeneradas. George Grosz pinta “A bestialidade avança”, em 1933, como resposta a perseguição do Terceiro Reich.

**“Em 1927, Alfred
Rosenberg, principal
teórico do
nacional-socialismo,
inspirado em Nordaus,
publica vários ensaios
acusando a livre e
subjetiva estética
moderna de desequilíbrio
e de alienação, iniciando
um processo de
massificação dessa idéia”**

rior, então eles são um perigo público e devem ficar sob supervisão médica [...] se era pura especulação, então deviam estar numa instituição apropriada para o engano e a fraude”.

IHU On-Line - Por que se acusava a estética modernista de ser desequilibrada? Que tipo de arte se tornou oficial do Estado nazista e como funcionou a repressão às manifestações artísticas?

Yeda Arouche - O modernismo incomodou primeiro por rejeitar as tradições do passado. O artista moderno adquirira liberdade de criação, formal e de

IHU On-Line - O que foi a exposição *Entartete Kunst (Arte Degenerada)* e quais são os principais artistas considerados “degenerados” pelo nazismo?

Yeda Arouche - A exposição *Arte Degenerada* foi inaugurada em Munique, no ano de 1937, como maior acontecimento da campanha contra o modernismo. Os nazistas pretendiam a total e irreversível desmoralização da arte moderna. O evento foi de grande repercussão reunindo em torno de 650 obras, selecionadas entre milhares que foram apreendidas. Tal acervo era

¹³ Max Nordau (1849-1923): médico, ativista sionista e co-fundador da organização sionista mundial. Trabalhava junto com Theodor Herzl. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Alfred Rosenberg (1893-1946): político e escritor alemão, principal teórico do nacional-socialismo. Conselheiro de Adolf Hitler, chegou a ser ministro encarregado dos territórios da Europa Oriental, em 1941, onde deportou e exterminou centenas de milhares de pessoas. O Tribunal de Nuremberg o condenou à morte por enforcamento, pelos crimes de guerra. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ Paul Schultze-Naumburg (1869-1949): arquiteto da Alemanha nazista. (Nota da IHU On-Line)

“O modernismo incomodou primeiro por rejeitar as tradições do passado. O artista moderno adquirira liberdade de criação, formal e de expressão, lidando com a sensação pessoal, fazendo críticas e levantando questões”

“fruto da insanidade, imprudência, inépcia e completa degeneração”, segundo Adolf Ziegler,¹⁶ presidente da Câmara de Artes Plásticas e organizador do evento. Paralelamente, o governo planejou e inaugurou com grande pompa e destaque a *Exibição da Grande Arte Alemã*. Assim, o povo poderia bem comparar a arte “degenerada” com a arte que oficialmente espelhava o ideal de força e de pureza da raça alemã.

Guerra à “desintegração cultural”

Observa-se como curiosa a arrumação propositalmente descuidada da exposição degenerada. Tal coisa fazia parte dos planos do Reich para aumentar a estranheza e a desagrado que deveriam transmitir as obras condenadas pelo sistema. Pinturas de autoria de doentes mentais internados em hospitais alemães foram expostas junto aos quadros de artistas consagrados. Muitos títulos foram substituídos por outros mais jocosos para causar impacto negativo. Fora isso, é claro, fluía um discurso político moralizante e insultos atirados contra a estética modernista. Nas palavras de Hitler, “de agora em diante nós iremos empreender uma guerra implacável contra os últimos remanescentes da desintegração cultural [...]. Por tudo que nós apreciamos, esses bárbaros pré-históricos da Idade da Pedra podem retornar às cavernas de seus ancestrais e lá realizar os seus rabiscos primitivos interna-

cionais”.

A *Arte Degenerada* circulou pelo país, coroando o esforço de purificação de galerias e museus alemães. O empenho nazista foi um sucesso, se for considerado o expressivo número de visitantes. Mais de dois milhões de pessoas desfilaram pelas galerias para ver as obras dos desprezados, e, principalmente, a dos expressionistas alemães em grande evidência na época. Os cofres do partido também lucraram com o empenho. Muitas obras foram leiloadas, rendendo ótimos números para o ideal nazista. Algumas obras de arte que não foram vendidas destinaram-se à destruição sumária. Cerca de quatro mil pinturas, aquarelas e trabalhos de outras técnicas foram incinerados.

A exposição contou com mais de 100 artistas, destacando-se Herbert Bayer,¹⁷ Max Beckmann,¹⁸ Marc Chagall,¹⁹ Lasar Segall,²⁰ Otto Dix, Wassily Kandinsky, Franz Marc, Georg Munch, Emil Nolde, El Lissitzky,²¹ Paul Klee,

17 Herbert Bayer (1900-1985): pintor, fotógrafo e arquiteto austríaco. (Nota da IHU On-Line)

18 Max Beckmann (1884-1950): pintor expressionista e artista gráfico alemão cujas obras transmitem uma visão pessimista da sociedade. (Nota da IHU On-Line)

19 Marc Chagall (1887-1985): pintor, ceramista e gravurista surrealista russo-francês. (Nota da IHU On-Line)

20 Lasar Segall (1891-1957): pintor expressionista russo naturalizado brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

21 El Lissitzky (1890-1941): artista, designer gráfico, fotógrafo, tipógrafo, arquiteto e professor russo. Fez parte da vanguarda russa, influenciou a Bauhaus e o construtivismo. (Nota da IHU On-Line)

Max Ernst,²² Piet Mondrian²³ e George Grosz.

IHU On-Line - Após a guerra, o que aconteceu aos artistas que aderiram à arte oficial do nazismo?

Yeda Arouche - Boa parte dos artistas “degenerados” ao final da guerra tornou-se célebre. O mesmo não ocorreu com os artistas “perfeitos” que reproduziam a Alemanha “perfeita” sob a luz da eugenia e da “saúdavel” arte nazista. Estes últimos foram estigmatizados e caíram numa espécie de limbo, no ostracismo.

IHU On-Line - Como compreender a submissão de artistas e uso da arte pelo regime ditatorial de Hitler?

Yeda Arouche - É preciso lembrar que o nazismo não foi a única organização a usar a arte para melhor atender às suas necessidades. Por diversas vezes, a arte esteve envolvida, de uma forma ou de outra, com um ou outro tipo de poder, principalmente, os totalitários: fascismo, stalinismo, maoísmo e até o salazarismo. Anteriormente, Napoleão Bonaparte²⁴ já havia utilizado o neoclássico para oficialmente glorificar e divulgar seu desempenho político. Taunay e outros artistas franceses de sua época registraram as glórias napoleônicas: foram artistas moldados na França revolucionária, preparados para a arte a serviço do Estado. E, mesmo fugindo da ótica política, encontramos o barroco como um exemplo de estilo oficial utilizado pela “reforma” católica, conhecida por contra-reforma, que transformou igrejas em verdadeiros espaços cênicos, onde se esperava comover pessoas a fim de mantê-las fiéis a religião, em época de cisão.

16 Adolf Ziegler (1892-1959): pintor e político alemão, o artista favorito de Hitler. (Nota da IHU On-Line)

22 Max Ernst (1891-1976): pintor surrealista alemão. Aprendeu a pintar sozinho enquanto estudava Filosofia e Psiquiatria na Universidade de Bonn, entre 1909 e 1914. (Nota da IHU On-Line)

23 Pieter Cornelis Mondriaan (1872-1944): pintor modernista holandês. Participou do movimento artístico neoplasticismo. (Nota da IHU On-Line)

24 Napoleão Bonaparte (1769-1821): dirigente da França a partir de 1799 e Imperador de 18 de maio de 1804 a 6 de abril de 1814, posição que voltou a ocupar rapidamente de 20 de março a 22 de junho de 1815. (Nota da IHU On-Line)

“Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”

O caso de Hitler e o nazismo está ligado a uma ordem da paranóia que comanda uma montagem perversa, acredita o filósofo e psicanalista Mário Fleig. Ele afirma que é preciso que nos perguntemos o que produz o ódio ao outro

POR MÁRCIA JUNGES

O psicanalista e filósofo Mário Fleig, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, afirma que a norma no nazismo estaria “na negação de qualquer diferença, a começar pela afirmação de uma única raça pura, e a proposta de um único Reich para toda a humanidade”. Segundo Fleig, “de modo diferente do que aparece no discurso perverso, creio que o caso de Hitler e do nazismo siga uma lógica um pouco diferente. Tenho mais a tendência de ver no fenômeno do nazismo algo da ordem da paranóia que comanda uma montagem perversa”. Outra idéia desenvolvida na entrevista a seguir é que “querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana. Precisáramos nos perguntar o que produz o ódio ao outro e qual é o futuro de nosso futuro do ódio. A partir disso, por que os modos de recalçamento do ódio têm sido tão ineficientes na contemporaneidade?”.

Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia, pela UFRGS, doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e pós-doutor em Ética e Psicanálise, pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França.

IHU On-Line - Segundo a obra mais recente de Elizabeth Roudinesco, *A parte obscura de nós mesmos*, “perversão é gozar com o mal”. Hitler seria, então, o exemplo mais completo do perverso? Nesse sentido, perversão e perversidade seriam sinônimos?

Mário Fleig - Ainda não tive oportunidade de ler o livro da historiadora E. Roudinesco.¹ Contudo, segundo as

hipóteses que trabalho em *O desejo perverso* (Porto Alegre, CMC, 2008), não estou certo que possamos atribuir a Hitler, de modo simplista, a denominação de perverso. Seria preciso fazer uma distinção, a partir do que Freud²

nal, o livro foi publicado sob o título *La famille en désordre* (Paris: Fayard, 2002). A escritora concedeu entrevista à IHU On-Line, na edição 179, sobre o pensamento de Sigmund Freud, de 08-05-2006 com o título “O pensador das luzes escuras”. Na edição 186, de 26 de junho de 2006, publicamos o artigo “Michel de Certeau ou a erotização da história, escritor por Roudinesco” à IHU On-Line. O site do IHU (www.unisinos.br/ihu), deu amplo destaque ao seu livro, recém-lançado, *A parte obscura de nós mesmos* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008). (Nota da IHU On-Line)

² Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, aban-

introduz em seu texto, de 1905, “Três ensaios para uma teoria da sexualidade”, entre tendências perversas que já aparecem precocemente na infância (ele se refere à criança como perversa polimorfa) e o perverso em

donando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006, intitulada *Freud e a religião*. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

1 Elizabeth Roudinesco: psicanalista e escritora francesa, aluna e companheira intelectual de Michel de Certeau. Entre suas obras publicadas em português, citamos *História da psicanálise na França* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989), *Dicionário de psicanálise* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998) e *Por que a psicanálise?* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000). A IHU On-Line dedicou a edição 58, de 05-05-2003, intitulada *A família em desordem*, repercutindo o livro de nome idêntico, escrito por Roudinesco e traduzido para o português pela Jorge Zahar Editora, em 2003. No origi-

sentido estrito. Fazer o mal para o outro ou para si mesmo não é um privilégio do perverso, ainda que isso seja o traço mais relevante de seu modo de agir, como podemos encontrar nos personagens sadeanos. Estes não se contentam em apenas fazer o mal ao outro por meio de suplícios que levam à morte, mas querem mais, querem perpetrar a segunda morte, que implica a destruição de todos os atributos de valor da pessoa, ou seja, realizar a morte do sujeito. Contudo, no caso de Hitler e o nazismo, não me parece que a lógica que organiza a solução final seja simplesmente uma lógica perversa. Considerando as descrições do discurso perverso na literatura, como em Sade³ ou Choderlos de Laclos,⁴ não me parece que esta, no horizonte do perverso, funda uma nova ordem social. O sujeito perverso se apresenta muito mais como o esperto, alguém animado por uma inteligência brilhante e que faz a denúncia da lei para transpô-la, a fim de que o desejo possa ser realizado até seus últimos limites, onde se encontra a pretensão do mal absoluto. O perverso nos fascina porque se apresenta como tendo o saber e os instrumentos para realizar os desejos e obter um gozo pleno. Além disso, o perverso ilustra que transgredir a lei não terá nenhuma consequência particular sobre ele, ou seja, supõe em uma posição de impunidade. Essa posição de impunidade revela o tipo de lógica que o guia: os termos opostos em uma antítese se equivalem, de modo que se pode passar do sim para o não e vice-versa ao bel prazer. De modo diferente do que aparece no discurso perverso, creio que o caso de Hitler e do nazismo siga uma lógica um pouco

diferente. Tenho mais a tendência de ver no fenômeno do nazismo algo da ordem da *paranóia* que comanda uma *montagem perversa*.

Assim, passo a introduzir essas duas noções a mais para situar fenômenos sociais e subjetivos semelhantes ao do nazismo. A montagem perversa não requer um sujeito organizado positivamente na perversão, mas sim que se tenha o dispositivo operado de tal modo que os lugares sejam ocupados por sujeitos que podem ser gente comum, neuróticos que, fora do funcionamento do dispositivo, nada têm de perverso. Um dispositivo desse tipo pode ser desencadeado perfeitamente por um paranóico, que se arvora em profeta de uma promessa de gozo pleno e coloca tanta certeza em sua miragem que convoca de modo irrecusável a multidão, que o segue sem crítica. Um dispositivo de tal ordem é potencializado pelos meios técnicos que a ciência moderna nos disponibiliza. Sabemos que, sem sistemas de transporte, armazenamento e informação eficientes, a solução final não teria sido possível. A montagem perversa passa a ser um fato corrente na Modernidade, mas, quando encontra um paranóico, dotado da inteligência para o sistema que lhe é própria, os efeitos sociais e subjetivos são de extraordinária monta, se comparados ao que pode produzir de mal um perverso em sentido estrito. Dito isso, penso que não se pode colocar na conta do sujeito perverso fenômenos como o nazismo, pois isso seria fazer um mau uso da especificidade do conceito, considerando-o a partir da teoria psicanalítica.

Quanto ao uso do termo perversidade, tenho minhas restrições, em função de considerar a perversão como fazendo parte das potencialidades da condição humana, e não como constituindo o dado de natureza. A substituição de uma formação discursiva na desinência perversidade pode nos induzir a pensar que se trata de algo inerente a uma suposta natureza eterna. O biologicismo já faz isso de forma explícita, ao querer encontrar no genoma a causa exclusiva de comportamentos socialmente repulsivos, sem considerar as incidências históricas, sociais, familiares e individuais.

IHU On-Line - Podemos entender os totalitarismos como o nazismo como perversões? Por quê?

Mário Fleig - Considerando o que propus acima, vejo os totalitarismos muito mais algo da ordem dos efeitos sociais da paranóia, dados os elementos específicos que a compõe: redução de todos os furos a um único furo que então é tamponado pelo perseguidor, que passa a ser o objeto a ser combatido. Esse procedimento se chama sistema, no qual tudo o que possa representar diferença, discordância etc. é reduzido ao estatuto do perseguidor único, que dever ser colocado fora do sistema e destruído. No caso do nazismo, a ideologia racista pode ser perfeitamente lida à luz dessa operação de segregação, que se desdobra em uma lógica infernal, tendo por objetivo a purificação e limpeza. A convocação de sujeito nem perverso nem paranóico para tomar parte nesse sistema já foi há muito tempo elucidada por Freud a respeito das formações de grupo e massas. A promessa de que há um pai protetor e a aparência de consistência da ideologia veiculado pela certeza do agente paranóico são fatores determinantes para angariar adeptos dispostos a tudo entregar para tomar parte no dispositivo.

Charles Melman,⁵ em seu seminário na Unisinos em maio do ano passado, “Como alguém se torna paranóico?” (Porto Alegre, CMC, 2008), elucidando os detalhes da lógica paranóica, nos mostrou como a paranóia se introduz facilmente no cotidiano, bastando que as condições de segregação não encontrem uma clara oposição e que alguém se coloque no lugar da exceção que trataria a salvação contra o desconhecido perseguidor.

3 Marquês de Sade (1740-1814): aristocrata francês e escritor marcado pela pornografia violenta e pelo desprezo dos valores religiosos e morais. Muitas das suas obras foram escritas enquanto estava em um hospício, encarcerado por causa de seus escritos e de seu comportamento. De seu nome, surge o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do parceiro ou parceiros. Foi perseguido tanto pela monarquia (Antigo Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão. (Nota da IHU On-Line)

4 Pierre-Ambroise-François Choderlos de Laclos (1741-1813):, escritor, além de oficial e general do exército francês. As *relações perigosas* (*Les Liaisons dangereuses*) é seu mais famoso romance. (Nota da IHU On-Line)

5 Charles Melman: psicanalista francês, aluno de Lacan. É membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros. De 17 a 19-05-2007, Melman esteve na Unisinos proferindo o ciclo de conferências “Como alguém se torna paranóico? De Schreber a nossos dias”, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Foi o conferencista de abertura do *Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?*, em 21-05-2007, quando falou sobre “O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Desafios e perspectivas”. A conferência será publicada em livro que está no prelo. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - É possível afirmarmos que no nazismo a perversidade se converteu na norma?

Mário Fleig - A norma no nazismo estaria, penso eu, na negação de qualquer diferença, a começar pela afirmação de uma única raça pura, e a proposta de um único Reich para toda a humanidade. A norma, nesse caso, é a afirmação constante de apenas e somente um Um. Isso que significa o sistema exacerbado, que tem a pretensão de conter tudo, inclusive a si mesmo. É a imanência plena e completa. Por isso é que a dimensão da alteridade não tem lugar em tal sistema e, em decorrência, desaparece o pensamento, se o considerarmos como a operação da diferença ou da polêmica, como já propunha Heráclito⁶, por meio do *polemos*.

IHU On-Line - Como podemos entender que, enquanto algumas pessoas pensam no mal e não o executam, outras o concretizam em campos de extermínio, por exemplo? Somos todos um pouco perversos?

Mário Fleig - Quando não conseguimos ver claramente um fato social, talvez seja porque, de algum modo, fazemos parte dele. Parece que assim se passa com a perversão, pois temos indícios de que o funcionamento social hoje certamente é muito mais regido pela perversão, isto é, a recusa em fazer da subjetividade daquele com quem lidamos o menor entrave ao exercício de um poder ou de um gozo, não importando o fato de que ele exista. O que importa é que ele realize sua tarefa e isso sem nenhum limite, sem nenhuma barreira, sem nenhuma fronteira. Esse tipo de dispositivo parece fazer parte de nossa organização social, ao ponto de que não sabemos muito bem de que modo estamos imerso na perversão. Ou seja, os funcionamentos perversos tende a passar por normais e o questionamento que alguém possa levantar é visto como inconveniente. O império do politicamente correto, que estaria dentro da lógica da perversão comum que perpassa nossa cultura, determina que qualquer discordância àquilo que

é suposto aprovado pelo consenso seja mal visto e reprovado.

Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana. Precisá-riamos nos perguntar o que produz o ódio ao outro e qual é o futuro de nosso futuro do ódio. A partir disso, por que os modos de recalçamento do ódio têm sido tão ineficientes na contemporaneidade?

IHU On-Line - Como caracterizaria o tipo psicológico de Hitler?

Mário Fleig - Não creio que seja algo produtivo fazer a psicologia de figuras públicas, ainda menos de Hitler. Penso que seja mais produtivo prestar atenção ao que se manifesta no discurso. Ressalto um elemento no caso de Hitler, que contraria a hipótese de se tratar alguém situado na perversão: a insistência em ocupar o lugar de exceção em nome próprio. Sabemos que o perverso tende a agir sempre fazendo uso do outro, especialmente de seu nome. O célebre “Burlador de Sevilha”, de Tirso de Molina, o *Don Juan*, costumava realizar suas conquistas se apresentando no lugar e em nome de outro. Não é o caso deste senhor que exigia que todos declarassem incesantemente: *Heil Hitler*.

IHU On-Line - Como é possível compreender a adesão dos intelectuais ao nacional-socialismo? Nesse contexto, como se situa Heidegger e sua filosofia?

Mário Fleig - Acredito que uma posição intelectual não implica necessariamente uma proteção contra o totalitarismo, a segregação e a maldade. Os intelectuais estão tão sujeitos a serem seduzidos pelas promessas perversas e paranóicas quanto o homem comum. Heidegger certamente não soube identificar os sinais de maldade que já se descortinava na proposta política nazista. Por que não conseguiu ou por que caiu na sedução que lhe prometia uma radical renovação da universidade? É uma pergunta que teria de buscar respostas dentro do pensamento do filósofo, assim como examinar a oposição à ideologia nazista posterior à renúncia ao posto de reitor da Universidade de Freiburg. Poderíamos levantar a hipótese de que o pensa-

mento veiculado em sua obra principal *Ser e tempo* (1927) estava excessivamente centrado na perspectiva da subjetividade, sem suporte para a crítica dos fenômenos sociais. É após sua renúncia ao lugar político dentro da administração nazista que Heidegger inicia a elaboração dos fundamentos da crítica ao império da técnica e ao discurso objetivante calcado na raça. Não concordo com seus críticos que fazem uma equiparação injustificada entre sua filosofia e o nazismo. Bem pelo contrário, se Heidegger tivesse se ancorado de modo mais firme do que já fizera em seu antecessor, Kierkegaard,⁷ propulsor incansável do valor do indivíduo contra o sistema, talvez não tivesse se enleado tão desastrosamente na teia paranóica nazista. Sugiro, para esse debate atual, a lúcida discussão de vários colegas franceses em Heidegger, à plus forte raison (Paris: Fayard, 2007).

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Mario Fleig. Acesse nossa página eletrônica WWW.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família*. Edição número 150, de 08-08-2005;

* *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização*. Edição número 179, de 08-05-2006;

* *O declínio da responsabilidade*. Edição número 185, de 19-06-2006;

* *O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral*. Edição número 220, de 21-05-2007.

7 Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Victor Eremita, Johannes de Silentio, Constantin Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista “Paulo e Kierkegaard”, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da IHU Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Heráclito de Éfeso (540 a. C.-470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematisa a questão do devir (mudança). (Nota da IHU On-Line)

Totalitarismos: uma reflexão político-social e libidinal

A resposta ao problema do totalitarismo exige uma reflexão política e social, mas também uma reflexão libidinal complementar, acredita o filósofo Vladimir Safatle. Para ele, gostamos de imaginar que quem age em nome de uma ordem totalitária age sem pensar

POR MÁRCIA JUNGES

“O que há na estrutura psíquica de indivíduos aparentemente ‘esclarecidos’, membros de uma sociedade moderna e desenvolvida, que produz uma certa abertura em direção ao totalitarismo?”, pergunta o filósofo Vladimir Safatle, professor do Departamento de Filosofia da USP, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. “Que tipo de insegurança faz indivíduos de sociedades modernas ocidentais verem como racional aceitar práticas totalitárias, xenófobas e racistas, mesmo que não acreditem totalmente nelas? É bem possível que a resposta ao problema do totalitarismo em nossas sociedades exija não apenas uma reflexão político-social, mas também uma reflexão libidinal complementar à primeira”. Segundo Safatle, “gostamos de imaginar que aqueles que agem em nome de uma ordem totalitária agem sem pensar, sem ‘senso crítico’. Mas todos conseguem justificar relativamente bem seus atos bárbaros”. E usa o exemplo dos torturadores da ditadura militar brasileira: “Eu diria que o que eles perderam não era a capacidade de ‘raciocinar’, mas a capacidade de, como dizia Adorno, identificarem-se com o corpo torturável, de sentirem esta força anônima que me leva a sentir algo da ordem da convulsão diante do sofrimento”.

Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e em Comunicação Social, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, Vladimir Safatle é mestre em Filosofia, pela Universidade de São Paulo, e doutor em *Lieux et transformations de la philosophie*, pela Université de Paris VIII, com a tese *La passion du négatif: modes de subjectivation et dialectique dans la clinique lacanienne*. Professor da USP, atualmente desenvolve pesquisas nas áreas de epistemologia da psicanálise, desdobramentos da tradição dialética hegeliana na Filosofia do século XX e Filosofia da Música. É um dos coordenadores da International Society of Psychoanalysis and Philosophy.



Divulgação

IHU On-Line - Como você caracterizaria o *pathos* do carrasco Hitler? E o que o tornou tão sedutor às massas?

Vladimir Safatle - Não tenho certeza que a pergunta sobre a estrutura psíquica do indivíduo Hitler possa trazer alguma luz sobre o nazismo como fenômeno social. Muitas vezes esta acaba sendo uma maneira de patologizar o processo. Mais interessante seria se perguntar sobre a estrutura psíquica dos que seguiram Hitler. O que há na

estrutura psíquica de indivíduos aparentemente “esclarecidos”, membros de uma sociedade moderna e desenvolvida, que produz uma certa abertura em direção ao totalitarismo? Que tipo de insegurança faz indivíduos de sociedades modernas ocidentais verem como racional aceitar práticas totalitárias, xenófobas e racistas, mesmo que não acreditem totalmente nelas? É bem possível que a resposta ao problema do totalitarismo em nos-

sas sociedades exija não apenas uma reflexão político-social, mas também uma reflexão libidinal complementar à primeira.

Diria que isto ficou claro para mais de uma pessoa durante o século XX e deveríamos nos perguntar por que alguns conceitos, como “identidade”, “estabilidade”, “unidade” são, ao mesmo tempo, conceitos importantes em operação no campo do político e da psicologia. Talvez seja porque a própria

maneira com que pensamos e constituímos individualidades sustenta-se em uma lógica que posteriormente fará a base de discursos totalitários. Se admitirmos que uma das maiores conquistas do Iluminismo foi uma certa noção de indivíduo, então eu diria que o totalitarismo não é refratário ao indivíduo, como certos teóricos liberais conservadores gostariam de nos fazer acreditar, mas é a própria forma política do indivíduo

“Se admitirmos que uma das maiores conquistas do Iluminismo foi uma certa noção de indivíduo, então eu diria que o totalitarismo não é refratário ao indivíduo, como certos teóricos liberais conservadores gostariam de nos fazer acreditar, mas é a própria forma política do indivíduo”

IHU On-Line - De que forma Lacan¹ (em Juliette) e Adorno e Horkheimer (em *Esclarecimento moral*) nos dão suporte para entender os limites do projeto iluminista em moral e assim compreender que o nazismo tenha grassado na tão erudita Alemanha?

Vladimir Safatle - De fato, parece que Lacan e Adorno compreenderam muito claramente o vínculo estreito entre totalitarismo e Iluminismo. Todos os dois insistem que a maneira que pensamos os móveis racionais do sujeito da ação depende em larga medida de uma reflexão sobre a moralidade a partir da tradição kantiana. Para os dois, isto significa, a partir da entificação de dicotomias entre liberdade e natureza, vontade livre e desejo patológico ligados a objetos sensíveis, amor à Lei e interesse. Dicotomias estas que têm em vista assegurar a ação no interior de uma estratégia transcendental de determinação de seu sentido.

Pensando nesta estratégia, podemos dizer, seguindo Lacan e Adorno, que a reflexão sobre a ação ainda hoje é assombrada por fantasmas fundacionistas. “Qual o fundamento da ação moral?” é uma pergunta que no fundo visa retirar o sentimento de inseguran-

ça que acompanha todos aqueles que agem. E, contra tal sentimento, o pensamento não teria encontrado nada melhor que a enunciação de princípios gerais formais, incondicionais, categóricos e universais. Pelo menos, tal recurso a princípios poderia nos tirar da areia movediça dos sentimentos de simpatia e compaixão, que são sempre instáveis, que mudam de direção a todo momento. Mas e se mostrarmos que princípios formais são muito menos estáveis que parecem, que eles garantem muito menos coisas que imaginávamos?

Por exemplo, a partir de um princípio formal de universalização, não posso impedir a tortura em casos onde vidas de muitos estão em jogo. Dada uma situação onde tenho uma grande probabilidade de conseguir, através de tortura, uma informação que poderá conservar a vida de muitos, é absolutamente racional praticá-la. Isto apenas demonstra como nossa aversão à tortura não vem de um princípio formal, mas de um impulso corporal que talvez seja a base do que chamamos de compaixão.

No entanto, é certo que fundar a ação no impulso está de longe de ser uma saída plausível. Talvez a melhor resposta seja: toda ação moral é um cálculo entre impulsos e princípios, reconhecimento do sofrimento e capacidade de seguir uma norma. No entanto, este cálculo é feito às escuras, sem garantias de sucesso. Por isto, toda ação moral é falível e todo verdadeiro ato é infinito, no sentido de precisar ser infinitamente recalculado e reo-

rientado a partir de suas consequências. Calcular sem regras é a verdadeira situação daquele que se vê diante da iminência de produzir um ato. Isto me leva a dizer que todo verdadeiro ato moral é um cálculo às cegas entre dois fundamentos insuficientes. No final das contas, talvez seja isto que tanto Adorno quanto Lacan tentaram nos mostrar.

IHU On-Line - A hiper-racionalização e formalização do desejo através de um imperativo categórico podem ser apontadas como as pilstras de um comportamento que descambou num agir sem questionamentos? Onde estava o senso crítico daqueles que recebiam ordens do alto escalão nazista?

Vladimir Safatle - É possível que o senso crítico estava no corpo, e por isto ele era tão inaudível. Gostamos de imaginar que aqueles que agem em nome de uma ordem totalitária agem sem pensar, sem “senso crítico”. Mas todos conseguem justificar relativamente bem seus atos bárbaros. Não precisamos ir muito longe, basta lembrarmos como torturadores e militares brasileiros justificam, até hoje, seus atos durante a Ditadura Militar. Eu diria que o que eles perderam não era a capacidade de “raciocinar”, mas a capacidade de, como dizia Adorno, identificarem-se com o corpo torturável, de sentirem esta força anônima que me leva a sentir algo da ordem da convulsão diante do sofrimento. Como disse, não se trata de fazer apologia de alguma forma de moralidade do sentimento, mas simplesmente reconhecer

¹ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas esta é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da IHU On-Line)

“De fato, parece que Lacan e Adorno compreenderam muito claramente o vínculo estreito entre totalitarismo e Iluminismo. Todos os dois insistem que a maneira que pensamos os móveis racionais do sujeito da ação depende em larga medida de uma reflexão sobre a moralidade a partir da tradição kantiana. Para os dois, isto significa, a partir da entificação de dicotomias entre liberdade e natureza, vontade livre e desejo patológico ligados a objetos sensíveis, amor à Lei e interesse”

que ele é um dos dois fundamentos insuficientes que dispomos para determinar um ato moral.

IHU On-Line - Nesse aspecto, o Iluminismo seria a exacerbação do logos e o ocaso definitivo de nossos aspectos dionisíacos, nietzschianamente falando? O homem se transformou num ressentido, num rato de subsolo (como dizia Dostoiévski²) que se compraz em arquitetar o mal, deixando de lado sua “crueldade inocente”?

Vladimir Safatle - Na verdade, tenho uma certa dificuldade em entender o que pode significar “o mal” neste contexto. Não creio que ele seja realmente um conceito ou um princípio que funda uma certa lógica própria da ação. Normalmente, dizemos que o mal está vinculado ao prazer de fazer o outro sofrer e de destruí-lo. Não seria difícil mostrar que este não é um prazer que funda um modo de conduta, mas é uma espécie de prazer derivado da hipóstase de princípios de auto-conservação. Mais aterrador não é o prazer de destruir o outro, mas a

destruição do outro sem prazer, feita a partir de um formalismo levado às últimas conseqüências, um pouco como aquela máquina de “Na colônia penal”, de Kafka,³ que de tanto escrever a Lei no corpo dos condenados acaba por mutilá-los “em nome da Lei”.

IHU On-Line - O homem contemporâneo é suscetível de se deixar levar por outros ditadores como Hitler?

Vladimir Safatle - Há um aspecto do fascismo que acabamos por esquecer. No entanto, ele é para mim o mais aterrador. Tendemos a acreditar que o fascismo era uma ditadura no velho estilo *Law and Order*. No entanto, ele era uma situação social onde, no fundo, ninguém acreditava na ideologia bricolada e inconsistente dos líderes. Na verdade, encenava-se a crença, agia-se como se todos acreditavam. Esta era a única maneira do sistema funcionar.

Pensando nisto, peguem alguém como Silvio Berlusconi.⁴ Trata-se de

um caso extremamente interessante. Primeiro porque, do ponto de vista econômico, a Itália votou contra seus próprios interesses. Desde que Berlusconi subiu ao poder, a Itália estagnou. Meios de comunicação conservadores, como *The Economist* e *Financial Times*, fizeram campanha contra ele devido a sua mais completa inépcia econômica. No entanto, ele ganhou pela terceira vez, mas agora com um discurso francamente racista e xenófobo.

O que é interessante em seu caso é como sua figura de fora-da-lei notório, misto de malandro boa praça e mafioso empresarial, acaba por encarnar o desconforto e a ira da maioria contra uma Lei que, até agora, foi apenas a vontade do mais forte. Berlusconi representa a revolta contra a Lei social. No entanto, esta revolta está agora associada a demandas de “segurança”, que a suspensão pura e simples da Lei não traria. Por isto, pedimos ao fora-da-lei que, ao mesmo tempo, suspendam e cumpram a Lei com dureza. Cumpram não contra nós, mas contra os outros, contra estes invasores, parasitas, estes que não gozam como nós, sejam eles os judeus de ontem ou os árabes de hoje. Tanto faz quem ocupa o lugar dos que representam a insegurança contra o Todo social.

Berlusconi é a melhor figura do totalitarismo: alguém que mistura, de um lado, o sorriso maroto da criança que não quer se submeter à Lei e que, com isto, ganha a simpatia destes para quem a Lei tem gosto de opressão e que traz na sua mão o porrete implacável da polícia que não se deixa enganar pela ingenuidade destes que são complacentes com a insegurança e com os que burlam a lei de imigração. Um criminoso duro contra o crime. Alguém que não pede para acreditarmos nele, mas fingir que acreditamos.

2 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor, a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da IHU On-Line)

3 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

4 Silvio Berlusconi (1936): líder político do partido Força Itália, que criou especificamente para sua entrada na vida política. É o

proprietário do império midiático italiano Mediaset, além de empresário de comunicações, bancos e entretenimento. É a pessoa mais rica da Itália, segundo as revistas *Forbes*, e o 37º mais rico do mundo. Pela segunda vez é o primeiro-ministro da Itália. Foi acusado inúmeras vezes de corrupção e ligações com a Máfia. Gerou polêmica na Europa ao apoiar a Guerra dos EUA contra o Iraque, em 2003. (Nota da IHU On-Line)

Hitler foi subestimado

Ninguém podia imaginar do que Hitler era capaz, e ele conquistou a confiança e enganou a população, dispara o historiador alemão Michael Stürmer. Entretanto, “a Europa não tinha muita escolha, e de fato houve silenciosa concordância e criminosa colaboração”

POR MÁRCIA JUNGES

“O segredo do êxito de Hitler esteve no fato de ele ter sido subestimado. Isto vale tanto para os comunistas e os socialistas quanto para os conservadores, mas também para as potências estrangeiras. Ninguém podia imaginar que ele provinha do inferno”, aponta o historiador alemão Michael Stürmer na entrevista a seguir, concedida com exclusividade, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em sua análise, Hitler se valeu do recurso à legalidade para galgar o poder em 1933, quando se tornou chanceler. Assim, ele conquistou a confiança e enganou a todos, afirma o estudioso. Além disso, “a Europa não tinha muita escolha e de fato houve silenciosa concordância e criminosa colaboração”, já que “os nazistas sabiam combinar magistralmente sedução e violência”. Questionado sobre os motivos da adesão dos jovens ao nazismo, ele enfatiza: “Juventude é embriaguez sem vinho. A capacidade de sedução é enorme. O desejo do parricídio também”.

Desde 1973, Stürmer é professor adjunto de estudos europeus e professor emérito de história medieval e moderna da Universidade Friedrich-Alexander, Erlangen-Nürnberg. Estudou História, Filosofia e Línguas na London School of Economics e Ciências Políticas na Universidade Livre de Berlim e na Universidade de Marburg. Foi conselheiro político do chanceler Helmut Kohl nos anos 1980. Desde 1989, é diretor de redação do jornal alemão *Die Welt*. Escreveu, entre outros, *Bismarck und die preussisch-deutsche Politik, 1871-1890* (München: Deutscher Taschenbuch-Verlag, 1970), *Die Reichsgründung: deutscher Nationalstaat und europäisches Gleichgewicht im Zeitalter Bismarcks* (München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1984) e *The German Empire, 1870-1918* (New York : Random House, 2000).

DIVULGAÇÃO



IHU On-Line - Numa entrevista¹ ao jornal *La Repubblica*, em 25-01-2008, o senhor afirmou que o êxito de Hitler ocorreu porque ele foi subestimado por todos ou quase todos. Poderia esclarecer isto melhor?

Michael Stürmer - O segredo do êxito de Hitler esteve no fato de ele ter sido

subestimado. Isto vale tanto para os comunistas e socialistas quanto para os conservadores, mas também para as potências estrangeiras. Ninguém podia imaginar que ele provinha do inferno.

IHU On-Line - Poderia explicar a tentativa de Hitler de um golpe em 1923 e sua ascensão a Chanceler, dez anos mais tarde? Qual é a diferença destas duas tentativas de chegar ao poder?
Michael Stürmer - O ano de 1923, como

você diz, foi um golpe em tempos selvagens. Em 1933, como consequência do fracasso dez anos antes, houve o recurso à legalidade, para conquistar confiança e enganar a todos.

IHU On-Line - Até que ponto as sanções impostas pelo tratado de Versalhes, em 1933, contribuíram para criar condições políticas e sociais para a ascensão de Hitler ao poder?
Michael Stürmer - Nas mentalidades,

1 O referido material pode ser acessado no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU (www.unisinos.br/ihu), no link **Notícias do Dia**, na data de 31-01-2008. (Nota da IHU On-Line)

“O segredo do êxito de Hitler esteve no fato de ele ter sido subestimado. Isto vale tanto para os comunistas e socialistas quanto para os conservadores, mas também para as potências estrangeiras. Ninguém podia imaginar que ele provinha do inferno”

como humilhação e constante argumento para revisão e vingança.

IHU On-Line - O que o leva a admitir que o poder de Hitler poderia ter sido evitado? Por que isso não ocorreu?

Michael Stürmer - Tudo pode ser evitado, ou, com mais precisão, nada é predeterminado. Caso contrário, onde ficaria o conceito de liberdade e responsabilidade?

IHU On-Line - Qual era a situação dos partidos de direita e esquerda no período entre as guerras? De que modo esta situação política contribuiu para o advento do nacional-socialismo?

Michael Stürmer - A República de Weimar foi uma *civitas* sitiada, desde o início, de ambos os lados: a guerra civil da esquerda, que no início foi forte, e a da direita, que no final venceu. Mas o nacional-socialismo é ambas as coisas: direita e esquerda — isto não se pode esquecer, caso se queira explicar o seu êxito.

IHU On-Line -Quais foram as influências intelectuais de Hitler? Até que ponto ele realmente entendeu os autores que ele afirma ter lido? Na mesma entrevista ao *La Repubblica*, o senhor considera que “o completo niilismo de sua vontade de poder não foi levado a sério”.

Michael Stürmer - Hitler foi leitor compulsivo e autodidata. Mas, sobretudo um possuído pelo poder. Somente uma edição crítica de seu *Mein kampf* poderá dar informação mais exata a

essa pergunta.

IHU On-Line - Por que, quando Hitler massacrrou os judeus, a Europa, enquanto calava, manteve uma política de concordância disfarçada?

Michael Stürmer - A Europa não tinha muita escolha e de fato houve silenciosa concordância e criminosa colaboração — junto a uma oposição e resistência muito séria. Por quê? Os nazistas sabiam combinar magistralmente sedução e violência.

IHU On-Line - Alguns autores afirmam que o fenômeno do nazismo não seria uma anomalia social ou uma patologia cultural, mas uma síntese do pensamento reacionário europeu. Qual é seu ponto de vista?

Michael Stürmer - Sobre isto, dou duas respostas. Quem se prepara para a guerra de ontem, vencerá a de amanhã. Mas a radical combinação de esquerda-direita, impulsionada pela crise social e de recursos, pode retornar

e já é observável em alguns lugares. Os humanos aprendem pouco.

IHU On-Line - Na Alemanha e no mundo atual, ainda há lugar para tal tipo de ditador político? As pessoas que vivem em pleno século XXI ainda apoiariam tal política?

Michael Stürmer - Não. As tentações são sempre diferentes, sempre novas. O estado do bem-estar torna todos nós imaturos. A história é mais rica em suas variações do que em deixar-se influenciar por pura repetição. Hoje em dia, as tiranias chegam via Tecnologia de Informação, via estado do bem-estar, estado econômico etc. Como poderia você acreditar que o nível de moral ou de sabedoria seria hoje mais alto do que nos anos 1970, 1980?

IHU On-Line - Que razões explicam a maciça adesão da juventude à proposta de Hitler?

Michael Stürmer - Juventude é embriaguez sem vinho. A capacidade de sedução é enorme. O desejo do parricídio também.

IHU On-Line - O senhor nota uma diferença entre a história considerada oficial e a história oral sobre o nazismo na Alemanha?

Michael Stürmer - Isso são duas dimensões incomensuráveis: assim como História e histórias.

IHU On-Line - Após 75 anos desde a ascensão de Hitler ao poder, como os alemães lidam com o passado?

Michael Stürmer - Sempre falar disso, jamais pensar nisso.

“A Europa não tinha muita escolha e de fato houve silenciosa concordância e criminosa colaboração — junto a uma oposição e resistência muito séria. Por quê? Os nazistas sabiam combinar magistralmente sedução e violência”



IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Teologia Pública

“Paulo foi feito imagem de Cristo, como todo cristão será imagem do Filho de Deus”

Padre Valdir Marques reflete sobre a contribuição de Paulo de Tarso para a teologia e a antropologia

POR GRAZIELA WOLFART

“**P**ara Paulo a maior dificuldade era explicar o Cristo crucificado e ressuscitado como salvador, o que as mentes judaica e grega não podiam aceitar”, afirma o padre jesuíta e professor Valdir Marques. Ele lembra que Paulo de Tarso, em Corinto, “combateu os sábios apoiados no mero saber humano e desprovidos do Espírito que conduz a razão em direção da fé. A dificuldade em resolver tais problemas terá sido uma das limitações do cristianismo incipiente”. Para ele, o modelo missionário de Paulo se caracteriza pelo “universalismo da pregação e a inculturação da fé até os confins da terra”. Professor no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte — MG, Pe. Valdir Marques é doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Eis a entrevista, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**.

IHU On-Line - Paulo de Tarso é uma figura complexa. Como podemos considerá-lo enquanto figura singular na sua relação com o judaísmo e as origens cristãs?

Valdir Marques - Paulo de Tarso afirmou sempre sua condição judaica de filho de Abraão; porém, viu a Promessa aos Pais (Gn 12,1-3) realizada no Messias Jesus de Nazaré (Gl 3,16). Sua herança cultural helenístico-romana lhe permitiu atingir sínteses fulgurantes a partir das quais o cristianismo teve rápida difusão.¹ Além disto, muito mais sua figura complexa resulta de sua descoberta de Cristo, a partir de sua experiência na estrada de Damasco. Suas heranças culturais e religiosas superam as dos demais

apóstolos. A práxis missionária o levou a “seu Evangelho” desvinculado da Lei de Moisés. Nisto sim, foi totalmente singular na origem do cristianismo. Os Salmos de Salomão 17 e 18, obra farisaica do século anterior,² anunciavam um Messias imortal, santo, justo, capaz de destruir os pecadores e fazer de Israel uma nação santa. Paulo reconheceu em Jesus o Messias imortal de Israel porque o viu ressuscitado. A Ressurreição de Jesus significou o fim do tempo da Lei (Rm 10,4). Este foi o maior confronto com o judaísmo e o motivo de todas as suas divergências na Igreja nascente. Será o motivo do chamado “Concílio de Jerusalém”, que vai provocar o Conflito de Antioquia com Pedro e Barnabé: Paulo não

exigia a circuncisão dos gentios. Era uma questão de vida ou morte de seu ministério. Depois de sua morte estes problemas serão resolvidos na Igreja, como o atestam o livro dos Atos dos Apóstolos, que data nos anos 1980.

IHU On-Line - Como entender a experiência de Paulo, o “homem que cai do cavalo”, de encontro com Jesus Cristo no caminho de Damasco?

Valdir Marques - Esta imagem convém mais ao imaginário do que à realidade. Nem Atos nem Paulo mencionam o cavalo (At 9,3-8). Mas esta imagem cumpre uma tarefa: diz a transformação radical de Paulo por iniciativa de Jesus Cristo: o Jesus que julgava morto está inegavelmente vivo e lhe dá ordens. Radicais serão também as consequências. Chegado o messias, diziam os Salmos de Salomão 17 e 18, a Lei de Moisés ficava revogada. Jesus Cris-

1 Conferir D. Marguerat, “La conversion de Paul”, em *Le Monde de la Bible: Paul de Tarse e voyageur du christianisme*, hors série - printemps 2008, p.52 (Nota do entrevistado).

2 Conferir Jerome Murphy-O'Connor, *Paulo de Tarso: História de um apóstolo*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008, p.40; 54-57 (Nota do entrevistado)

to é a imagem verdadeira de Deus e que ilumina todos os que têm fé (2Cor 3,12-18); quem permanecer na Lei jamais entenderá nem o passado de Israel, nem Moisés e nem o Messias; será privado da Salvação dada só pelo Cristo, Vida e Glória de Deus (2Cor 3,38; 4,4-6), pois Salvação — da Morte — é a Vida eterna. Ora, a Lei não é pessoa e conseqüentemente não tem uma a Vida para dar, isto é, a Salvação. O tempo da Lei passou quando a Vida, o Ressuscitado, chegou (Rm 10,4). Caído por terra, com ou sem cavalo, Paulo foi feito imagem de Cristo, como todo cristão será imagem do Filho de Deus (Rm 8,29). Como valeu aquela queda!

IHU On-Line - É bastante conhecida a importância de Paulo para o encontro da fé cristã com as culturas da sua época. Que continuidades e que rupturas culturais possibilitaram a expansão do cristianismo pela ação missionária de Paulo e de seus colaboradores e colaboradoras?

Valdir Marques - Paulo foi aberto a todas as culturas. Todas elas tinham suas elaborações míticas e filosóficas sobre a divindade, o homem, sua história e o mundo. A diferença entre o que a fé cristã oferecia e o conhecimento acumulado pelas diversas culturas consistia num dado essencial herdado já do judaísmo: a Revelação de Deus a Abraão; em Jesus Cristo ressuscitado, a revelação do Deus dos Patriarcas se completou na “plenitude dos tempos” (Gl 4,4). E a partir disto decorre uma nova compreensão do divino, do cosmo, do homem e sua história. Ao Gênero Humano foi revelado o Deus Vivo e Verdadeiro (1Ts 1,9-10), criador do mundo, do homem e Senhor da história de Salvação que vai se consumir na Parusia³ do Filho, o Senhor Jesus. Ora, os dados da Revelação, no con-

3 Segunda vinda de Cristo, Segundo Advento ou Parusia (grego transliterado = parousia, com o significado imediato e simples de “presença”) é termo usualmente empregado com a significação religiosa de “volta gloriosa de Jesus Cristo, no final dos tempos, para presidir o Juízo Final”, conforme crêem as várias religiões cristãs e muçulmanas, inclusive sincréticas e esotéricas. As especificidades sobre o tema, definem-na individualmente cada religião ou expressão religiosa, conforme a sua crença, com pontos semelhantes e não tão semelhantes. (Nota da IHU On-Line)

“Cristo é o critério para discernir o proceder ético e espiritual, individual e comunitário”

fronto de Paulo e seus colaboradores com as diversas culturas, revelaram as rupturas necessárias quanto à compreensão de Deus, do mundo e do homem em diferentes campos: cosmologia, antropologia, ética, sociedade etc. De Harmonia também houve casos, entre o que a razão humana acumulara e os dados da fé; para citar um só exemplo: da ética estoica Paulo conservou elementos válidos.

IHU On-Line - Que possibilidades e que limitações trouxe para o cristianismo o encontro da proposta cristã com a cultura helênica?

Valdir Marques - A possibilidade de diálogo se apresentou em diversos âmbitos. O principal, no entanto, deve ter sido a ultrapassagem da visão herdada do judaísmo quanto à sabedoria ou filosofia dos outros povos. O conhecimento e o ensino no judaísmo eram acumulados e administrados pelos sacerdotes escribas. Para Paulo, a maior dificuldade era explicar o Cristo crucificado e ressuscitado como salvador, o que as mentes judaica e grega não podiam aceitar (1Cor 1,22). Insistindo na necessidade da fé, evita discutir com a “vã filosofia” em Colossos (Cl 2,8). Em Corinto, combateu os sábios apoiados no mero saber humano e desprovidos do Espírito que conduz a razão em direção da fé. A dificuldade em resolver tais problemas

terá sido uma das limitações do cristianismo incipiente. Porém, a filosofia greco-romana será integrada mais tarde, como o fizeram Justino e Agostinho (*fides quarens intellectum*). Ora, se no ensino de Paulo não houvesse brechas para isto (os textos-chaves são 1Cor 6,12; 8,2; 10,23: o cristão deve considerar o que há de lícito e útil nas outras culturas), o cristianismo não ultrapassaria o judaísmo sob este ponto de vista, para lançar as gerações futuras num diálogo com as demais culturas.

IHU On-Line - Que críticas e que inspirações decorrem do modelo missionário de Paulo para a missão cristã em épocas posteriores? O que se pode aprender dele para as questões atuais do diálogo intercultural e inter-religioso?

Valdir Marques - Seu modelo missionário se caracteriza pelo universalismo da pregação e a inculturação da fé até os confins da terra. Era o do proselitismo judaico, paradoxal, porque defendido em teoria por todos, mas rejeitado em momentos pontuais da evangelização. A ação missionária antes do Concílio Vaticano II consistia basicamente na implantação, nas terras de missão, de um cristianismo inculturado na Europa. Ora, para Paulo a fé transcende toda cultura. Os bispos da América Latina em Santo Domingo⁴ adotaram esta visão paulina. Há ainda muito a aprofundar e aprender na direção de um diálogo inter-religioso eficaz. Se procurarmos um ponto a ser atingido, encontramos Gl 3,28: perante Jesus Cristo, todos são iguais, em qualquer cultura, com direito à salvação.

IHU On-Line - Encontramos nos textos paulinos muitas situações em que Paulo lida de frente com conflitos interpessoais, eclesiais e sociais, e também com as próprias fragilidades. Como isto se relaciona com a ética e/ou com a espiritualidade paulina?

4 Santo Domingo, na República Dominicana, foi a sede da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada no período de 12 a 28 de outubro de 1992. João Paulo II a convocou oficialmente no dia 12 de dezembro de 1990, estabelecendo como tema “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã”, sob o lema “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre”. (Nota da IHU On-Line)

“A antropologia paulina, tão difícil de sintetizar, é um campo aberto para o diálogo com as antropologias atuais”

“São poucos os textos em que Paulo de Tarso recorre a elementos apocalípticos como em 1Ts 5, onde explica a Ressurreição dos mortos na Parusia”

Valdir Marques - Paulo solucionou vários conflitos: os pessoais, por seu temperamento forte que o obrigava a auto-correção, como na redação de 1Cor, muito dura, seguida por 2Cor, mais amena. Os interpessoais foram também eclesiais e sociais; os mais dolorosos foram com Pedro e Barnabé durante o “Concílio” de Jerusalém e em Antioquia a propósito da não circuncisão dos gentios. Os sociais mais significativos foram os relacionados com a pastoral e a liturgia (1Cor 11,10; 1Tm 2,11-12 traz normas pastorais, não diminuição da mulher pela soteriologia paulina). Como tanto a ética, como a espiritualidade paulinas procedem da incorporação do cristão a Cristo, Cristo é o critério para discernir o proceder ético e espiritual, individual e comunitário.

IHU On-Line - Como podemos compreender a relação de Paulo com as mulheres que colaboraram e participaram de sua missão e sua visão sobre o lugar e a participação das mulheres nas comunidades eclesiais?

Valdir Marques - Pouco sabemos sobre o que Paulo ensinou sobre a mulher na Igreja porque seus escritos são parte mínima de seu legado. Erro comum nesta discussão é a falta de distinção dos âmbitos teológicos em que Paulo trata da mulher. Do ponto de vista da soteriologia, Paulo considera a mulher igual ao homem: a salvação é dada sem distinção a homem e mulher (Gl 3,28); do ponto de vista do ministério litúrgico, segue o judaísmo que

subordinou a mulher ao homem (como em 1Cor 11,7). Do ponto de vista da atividade missionária, em suas comunidades deu a maior importância a líderes como Lídia (At 16,14-20), Evódia e Síntique em Filipos (Fl 4,2); sobre outras mulheres, ver Rm 16,1; Cl 4,15; At 18,18-26; Rm 16,3, além de nove mencionadas em Rm 16. Sobre isto é claro o artigo de Jean-Marie Aubert, “L’apôtre face aux femmes”, em *Le Monde de la Bible: Paul de Tarse e voyageur du christianisme*, hors série printemps 2008, p.14-17.

IHU On-Line - Quais são os principais elementos da teologia paulina que deveriam ser recuperados para um maior diálogo cultural hoje?

Valdir Marques - A questão fé e razão permanece candente e intrigante. Paulo apenas acena para soluções em textos-chaves (Rm 1,19-20; 11,23; 1Cor 1,17-30; 2,1-13; 3,19 com 12,8; 2Cor 1,12). A antropologia paulina, tão difícil de sintetizar, é um campo aberto para o diálogo com as antropologias atuais. Muito difícil de conduzir é o diálogo com o judaísmo sobre a cristologia paulina perante o pensamento monoteísta e messiânico. Porém, o problema mais desafiador de todos, porque do próprio cristianismo perante a cultura atual, é o da Encarnação e Ressurreição de Cristo.

IHU On-Line - Qual é a contribuição antropológica que Paulo apresenta na carta aos Romanos?

Valdir Marques - A antropologia de Ro-

manos decorre da cristologia paulina. Rm 5,12-21 é o texto-chave. Remontando às origens do Gênero Humano e a queda no Pecado, Paulo encontra em Cristo o sentido da Criação, sendo Ele o Novo Adão. Conseqüentemente, o Cosmo verá as conseqüências desta Nova Criação em Cristo, num momento pelo qual anseia intensamente: ver a glória dos que antes eram apenas filhos de Adão transformados em filhos de Deus (Rm 8,18-22); todos seremos transformados na imagem do primogênito de Deus (Rm 8,29). Secundariamente a terminologia antropológica de Romanos (*anthropos, soma, psyché, sarks, pneuma, thánatos, anástasis nekron*) traz elementos próprios a serem entendidos em seu contexto.

IHU On-Line - A visão de mundo de Paulo não é um pouco apocalíptica? Como podemos compreendê-la melhor?

Valdir Marques - De fato, é bem pouco apocalíptica em relação ao Antigo Testamento e ao Apocalipse de João. São poucos os textos em que Paulo de Tarso recorre a elementos apocalípticos como em 1Ts 5, onde explica a Ressurreição dos mortos na Parusia. É clara sua concepção de uma Nova Criação que suplanta a Antiga (2Cor 5,17; Gl 6,15; Rm 8,20-22). Se no Antigo Testamento uma Nova Criação viria no fim da história, para Paulo de Tarso este fim já nos alcançou, tendo-se iniciado na Ressurreição de Jesus Cristo para ser pleno com a destruição da morte (1Cor 15,26-54).

Livro da Semana

Stalin e Roosevelt: uma troca de cartas reveladora

Chefes de Estado soviético e americano mantinham uma correspondência freqüente e que demonstra uma relação amistosa, ao contrário da imagem divulgada no Pós-Guerra, analisa o filósofo e historiador Ângelo Segrillo

POR MÁRCIA JUNGES

Roosevelt e Stalin trocaram mais cartas do que se pode supor, e o tom delas era amigável. Entretanto, a partir do clima “anti-soviético formado a partir do presidente Truman não havia interesse da parte americana de divulgar correspondências que mostrassem um relacionamento mais amistoso entre os dirigentes dos EUA e da URSS durante a Segunda Guerra”, disse o historiador Ângelo Segrillo na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line** desta semana. As questões formuladas a Segrillo são baseadas na obra de Susan Butler, *Prezado Sr. Stalin* (Rio de Janeiro: Zahar, 2008), recém-traduzida para o português. Segrillo, que é historiador da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Instituto Pushkin de Moscou, conta que, embora o livro não traga nenhuma reviravolta historiográfica, alguns fatos importantes vêm à tona. Um deles é o próprio “caráter bastante próximo e amigável entre os líderes desses dois países que normalmente eram vistos como inimigos”. Além disso, em questões sobre o futuro dos países colonizados, “Roosevelt parecia mais próximo à posição de Stalin que de Churchill”. Um dos pontos altos do livro é mostrar que a imagem de inimigos irremediáveis entre URSS e EUA foi “interrompida durante a Guerra e sua retomada no período da Guerra Fria não era uma inevitabilidade histórica, e sim resultado de escolhas políticas específicas”.

Segrillo é graduado em Filosofia, pela Southwest Missouri State University (SMSU), nos EUA, mestre em Língua e Literatura russa pelo Instituto Pushkin de Moscou, na Rússia, e doutor em História, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com a tese *Reconstruindo a “Reconstrução”: uma análise das causas principais da perestroika soviética*. Escreveu inúmeros livros, dentre os quais citamos *Um brasileiro na Perestroika* (Rio de Janeiro: Serthel, 1992), *O fim da URSS e a Nova Rússia* (Petrópolis: Vozes, 2000) e *Rússia e Brasil em transformação: uma breve história dos partidos russos e brasileiros na democratização política* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2005).

IHU On-Line - Por que apenas agora vieram à tona certas cartas entre Stalin¹ e Roosevelt²/Truman,³ omitidas na edição soviética da correspondência entre esses líderes? Que possíveis interesses mantiveram esses documentos fora da publicação naquela época?

Ângelo Segrillo - Não é que estas correspondências que faltavam não estivessem disponíveis. Elas estavam na biblioteca Franklin D. Roosevelt, depositária dos documentos pessoais do ex-presidente americano. Teoricamente, qualquer pesquisador ou pessoa poderia lê-las lá. Elas, entretanto, nunca tinham sido antes *publicadas*. Por isso, o que a autora do livro fez foi disponibilizar para o grande público (através da publicação) esta parte da correspondência também. No livro, a autora considera que o fato de que uma edição completa da correspondência entre Roosevelt e Stalin nunca tenha sido publicada tem a ver com os rumos que a política externa americana tomou com a Guerra Fria. No clima anti-soviético formado a partir do presidente Truman, não havia interesse da parte americana de divulgar correspondências que mostrassem um relacionamento mais amistoso entre os dirigentes dos EUA e da URSS durante a Segunda Guerra.

1 **Josef Stalin** (1878-1953): ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Chegou a estudar em um colégio religioso de Tbilisi, capital georgiana, para satisfazer os anseios de sua mãe, que queria vê-lo seminarista. Mas logo acabou enveredando pelas atividades revolucionárias contra o regime czarista. Passou anos na prisão e, quando libertado, aliou-se a Vladimir Lenin e outros camaradas, que planejavam a Revolução Russa. Stalin chegou ao posto de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por conseguinte, o chefe de Estado da URSS durante cerca de um quarto de século. (Nota da IHU On-Line)

2 **Franklin Delano Roosevelt** (1882-1945): 32º presidente dos EUA. Realizou quatro mandatos e morreu durante o último. Durante sua estadia na Casa Branca, enfrentou o período da Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. (Nota da IHU On-Line)

3 **Harry Salomon Truman** (1884-1972): político estadunidense, 33º presidente dos EUA. Governou de 1945 a 1953. De 17 de julho a 2 de agosto de 1945 participou juntamente com Stalin e Churchill da Conferência de Potsdam, quando dividiram a Alemanha e Berlim, criando a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Quais são os fatos mais inusitados que esse diálogo epistolar revelam?

Ângelo Segrillo - O livro não traz nenhuma grande reviravolta em termos dos debates historiográficos já existentes até aqui sobre o assunto, mas revela, de maneira mais viva e pessoal, os detalhes das negociações entre os dois líderes, os pontos em que mais se aproximavam e os pontos em que havia tensão. Pela correspondência e pelos textos explicativos que acompanham, pode-se entender melhor os ziguezags e reviravoltas nesse relacionamento. Alguns fatos “inusitados”, no sentido de serem diferentes da imagem que normalmente se tem deste período, podem ser apontados: 1) É relativamente surpreendente ver a quantidade de correspondências que tem um caráter bastante próximo e amigável entre os líderes desses dois países que normalmente eram vistos como inimigos; 2) É interessante notar que em vários momentos (por exemplo, sobre a questão do futuro dos países colonizados) Roosevelt parecia mais próximo à posição de Stalin que de Churchill; 3) Esse livro parece mostrar que Roosevelt pode não ter sido tão próximo de Churchill como normalmente é colocado; 4) Acompanhando a correspondência tem-se a impressão que os soviéticos estavam certos em sua desconfiança sobre os sucessivos adiamentos (de 1942 para 1943 e depois para 1944) do desembarque da Normandia, que abriria uma nova frente ocidental (e aliviaria a carga alemã na frente oriental sobre a URSS); 5) Um fato pitoresco é o medo que Stalin tinha de voar (só voou uma vez na vida para ir à Conferência de Teerã): este pode ter sido um dos fatores que levou à realização da grande conferência da guerra em Ialta, na URSS, para onde Stalin foi de trem.

IHU On-Line - Com base nessa troca de correspondência, poderia explicar com mais detalhes sobre a ajuda que os EUA ofereceram à URSS logo após sua invasão pela Alemanha?

Ângelo Segrillo - O livro deixa bem claro que Roosevelt fez uma aposta estratégica importantíssima naquele momento. Muitos no Departamento

de Estado e da Defesa dos EUA queriam aproveitar para deixar a URSS e a Alemanha sangrarem um ao outro (“matando dois coelhos com uma só cajadada”). Roosevelt teve uma visão de longo prazo e forneceu uma ajuda muito forte aos soviéticos tanto em termos de suprimentos como de equipamentos militares, o que foi fundamental para a resistência dos russos a longo prazo. Como afirma o livro, as remessas começaram já em outubro de 1941. Logo no primeiro ano, os soviéticos receberam por mês 400 aviões e 500 tanques, além de uma longa lista de suprimentos, matéria-prima e equipamentos militares: borracha, alumínio, cobre, cobalto, aço, chumbo, geradores, telefones de campanha, fios telefônicos, rádios, motocicletas, uniformes, equipamento cirúrgico, trigo, açúcar, jipes, caminhões, metralhadoras etc. No total da Guerra, os soviéticos receberam 11,3 bilhões de dólares da época (equivalentes a cerca de 150 bilhões de dólares atuais) em ajuda dentro deste programa chamado Lend-Lease.

IHU On-Line - E sobre a divisão da Alemanha no pós-guerra, que detalhes são mencionados nas cartas?

Ângelo Segrillo - A correspondência não entra em muitos detalhes sobre a divisão da Alemanha no pós-guerra, pois este assunto foi discutido na Conferência de Potsdam⁴ em julho-agosto de 1945, quando Roosevelt já tinha morrido e sido substituído por Truman.

IHU On-Line - Por que, para o grande público, a imagem que se passava era de que Stalin e os presidentes americanos eram inimigos completos, quando na verdade não apenas trocavam correspondências, mas se

4 **Conferência de Potsdam**: ocorreu em Potsdam, Alemanha, de 17 de julho a 2 de agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da II Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha, que se tinha rendido incondicionalmente nove semanas antes, no dia 8 de maio. Os objetivos da conferência incluíram igualmente o estabelecimento da ordem pós-guerra, assuntos relacionados com tratados de paz e o contornar os efeitos da guerra. Participaram Josef Stalin, Winston Churchill e Harry Truman. (Nota da IHU On-Line)

apoiavam em alguns aspectos?

Ângelo Segrillo - Esta imagem dos dois países como inimigos que temos hoje é proveniente da Guerra Fria. A imagem de inimigos foi inicialmente criada com a Revolução Russa de 1917,⁵ pois ela foi anti-capitalista e os países capitalistas tiveram más relações com a nova Rússia soviética. Entretanto, é interessante notar que houve uma interrupção desta imagem durante a Segunda Guerra Mundial. Quando EUA e URSS se tornaram aliados na Guerra, uma profunda campanha de propaganda foi realizada nos EUA, com apoio de Roosevelt, para que o público americano aceitasse a nova aliança e passasse a ver os russos favoravelmente. Hollywood, inclusive, participou deste esforço de propaganda com filmes como *Missão em Moscou*, que mostrava o embaixador americano em Moscou com uma visão extremamente positiva dos “corajosos russos” que estavam lutando contra os fascistas.

Este é um dos pontos altos do livro. Mostrar que esta imagem de inimigos irremediáveis foi interrompida durante a Guerra e sua retomada no período da Guerra Fria não era uma inevitabilidade histórica, e sim resultado de escolhas políticas específicas.

IHU On-Line - Pessoalmente, o senhor acredita que o Pós-Guerra teria sido diferente caso Roosevelt tivesse permanecido no poder? Por quê?

Ângelo Segrillo - História contrafactual é um exercício perigoso. Não sei se seria possível evitar um confronto entre países capitalistas e socialistas no pós-guerra, mas acho que Roosevelt tinha uma visão diferente de Truman e, caso prosseguisse vivo, o relacionamento EUA e URSS poderia ter sido menos inamistoso do que veio a ser.

5 Revolução Russa de 1917: série de eventos políticos na Rússia que, após a eliminação da autocracia russa, e depois do Governo Provisório (Duma), resultou no estabelecimento do poder soviético sob o controle do partido bolchevique. O resultado desse processo foi a criação da União Soviética, que durou até 1991. A Revolução compreendeu duas fases distintas: a Revolução de Fevereiro de 1917, que derrubou a autocracia do Czar Nicolau II, o último czar a governar, e procurou estabelecer em seu lugar uma República de cunho liberal, e a Revolução de Outubro, na qual o Partido Bolchevique, liderado por Vladimir Lênin, derrubou o governo provisório e impôs o governo socialista soviético. (Nota da IHU On-Line)

Brasil em Foco

Fascismo: moralismo faz a política ficar de fora da discussão

Luiz Werneck Vianna alerta para o perigo do espírito salvacionista que está se formando em nossa sociedade

Por GRAZIELA WOLFART

Ao analisar os recentes episódios de corrupção no Brasil, a partir da prisão (ou da tentativa de) do banqueiro Daniel Dantas, o professor Luiz Werneck Vianna, do IUPERJ, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, identifica apenas “o capitalismo operando”. Para ele, o mal não está em figuras como a de Dantas ou de Eike Batista, “como se a sociedade fosse melhorar se nos livrássemos delas”. Ele garante: “Não vai melhorar. A sociedade vai melhorar se organizando em torno das suas questões centrais”, que são, na sua opinião, o crescimento econômico, a reforma agrária e a democratização da propriedade. O pesquisador acredita que “os piores instintos da sociedade estão sendo suscitados com tudo isso”. E que a solução virá “com mais política”. “O que constatamos, ao longo desse episódio, é que a política recua. Não há política. Está faltando sociedade organizada, reflexiva. A política está reduzida ao noticiário policial”, explica.

Werneck Vianna é professor pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Doutor em Sociologia, pela Universidade de São Paulo, é autor de, entre outros, *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (Rio de Janeiro: Revan, 1997), *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil* (Rio de Janeiro: Revan, 1999) e *Democracia e os três poderes no Brasil* (Belo Horizonte: UFMG, 2002).

IHU On-Line - Personagens como Daniel Dantas e Eike Batista avançaram sobre nacos importantes do patrimônio do Estado brasileiro. Quais foram as condições políticas e econômicas que permitiram o surgimento desses personagens?

Luiz Werneck Vianna - O Brasil é um país capitalista. E esses são empresários audaciosos, jovens, e têm encontrado um terreno favorável a tratativas com o executivo no sentido de fazer negócios de interesse comum. E nisso ambos parecem que têm se complicado muito. No entanto, há uma zona de sombra que ainda precisa ser esclarecida. Meu problema em relação a tudo é essa sucessão de intervenções espetaculosas da Polícia Federal, a mobilização da mídia, do Ministério Público, do Judiciário e da opinião pública para esses fatos. As questões centrais não são essas. Com essa cortina espetacular, o mundo continua como dantes. Nada muda no que se refere à questão agrária, às políticas sociais. A população anda desanimada, desen-

“O respeito aos direitos humanos não é levado em conta na formação, na cultura profissional, e essa tem sido uma constante”

cantada. Além disso, o que aparece aqui, que é muito perigoso, é um espírito salvacionista. Há um “Batman institucional” atuando sobre a nossa realidade. Esse “Batman” é a Polícia Federal associada ao Ministério Público. Há elementos muito perigosos aí, de índole messiânica, salvacionista, apolítica, que podem indicar a emergência de uma cultura política fascista entre nós. Todos esses escândalos e espetáculos atraem a opinião pública como se dependesse da salvação de todos apurar os negócios do Eike Batista e do Daniel Dantas. Não depende, isso é mentira! Com isso, se mobiliza a classe média para um moralismo que não pára de se manifestar. A política cai fora do espaço de discussão. Enquanto isso, aparecem dois personagens institucionais, ambos vinculados ao Estado: o Ministério Público e a Polícia Federal. Este caminho é perigoso, e a sociedade não reage a ele faz tempo. A cultura do fascismo pode se manifestar com traços mais bem definidos, a partir da idéia de que nosso inimigo é a corrupção, especialmente aquela praticada pelas elites. Então, a sociedade acha que se resolve esse problema colocando a elite branca na cadeia. Desse modo, o país viveria numa sociedade justa. Não vai, mentira!

IHU On-Line - O que o senhor considera como as questões centrais na sociedade brasileira, que devem ser discutidas com mais ênfase?

Luiz Werneck Vianna - O tema do crescimento econômico, da reforma agrária, da democratização da propriedade. Para isso ninguém mobiliza ninguém.

IHU On-Line - Pode-se afirmar que os anos dourados do neoliberalismo brasileiro produziram uma nova burguesia nacional da qual Daniel Dantas e Eike Batista são hoje personagens centrais? O que distingue essa nova burguesia da “velha burguesia nacional” do período desenvolvimentista?

Luiz Werneck Vianna - Eike Batista não é um homem das finanças, e sim um homem da produção. O Daniel Dantas, não. Ele é um homem do setor financeiro. Este setor apresentou enormes possibilidades. Esses executivos do setor financeiro não têm 40 anos. Se examinarmos os currículos deles, veremos que são formados por boas universidades, com doutorado no exterior. Apareceu um novo mundo para esses setores médios e educados da população, especialmente os economistas. Se passa da posição de economista para a posição de banqueiro hoje muito facilmente.

IHU On-Line - Como o senhor interpreta essas relações aparentemente ambíguas que o banqueiro Dantas tinha, ao mesmo tempo, com o mercado financeiro internacional e os fundos de pensão do Estado do qual fazem parte

sindicalistas? Acabou-se a velha contradição capital – trabalho?

Luiz Werneck Vianna - Essa questão dos fundos previdenciários existe em toda a parte, não apenas no Brasil. E o controle disso tem sido em boa parte corporativo. Quem mexeu com a questão e falou no surgimento de uma nova classe foi o Francisco de Oliveira. Não sei se devemos concordar inteiramente com o que ele diz, mas, pelo menos, é uma alusão importante. O capital hoje tem uma outra forma de circular, e isso não ajuda o mundo sindical a se reorganizar. O que vemos é um sindicalismo inteiramente cooptado pelo Estado. Dantas jogou com as oportunidades que viu. Até agora, as únicas coisas concretas pelas quais ele pode ser pego são o suborno ao policial e seu problema com o Imposto de Renda. Esse é o capitalismo operando. Daqui a pouco vão querer “prender” o capitalismo. E não creio que isso esteja na intenção da Polícia Federal. O mal não está nessas figuras, como se a sociedade fosse melhorar se nos livrássemos delas. Não vai melhorar. A sociedade vai melhorar se organizando em torno das suas questões centrais.

IHU On-Line - O banqueiro Dantas estabeleceu uma rede de conexões políticas tecida ao longo de três governos - Collor, FHC e Lula. Como entender o poder de Daniel Dantas, sua capacidade de manipulação e envolvimento de tantas pessoas, de diferentes governos, nessa malha de corrupção?

Luiz Werneck Vianna - Era necessário que nessa rede público-privada aparecessem personagens. Essa rede não podia se montar sem pessoas concretas. Dantas foi uma. O ponto da privatização estabeleceu um caminho

“A formação de policiais deveria se converter em treinamento e capacitação permanente”

para que esses homens encontrassem a sua oportunidade.

IHU On-Line - O senhor considera que o caso Dantas ameaça o conceito de República, ou se pode afirmar que efetivamente o Brasil nunca desfrutou do status de República?

Luiz Werneck Vianna - Não ameaça nada. Esse é um *affaire* midiático, com cortinas de fumaça. Os piores instintos da sociedade estão sendo suscitados com tudo isso. Vejo as primeiras fumacinhas de uma síndrome fascista entre nós. E isso deve ser denunciado, combatido, e com política, com mais política. O que constatamos, ao longo desse episódio, é que a política recua. Está faltando sociedade organizada, reflexiva, e a política está reduzida ao noticiário policial.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a postura do Supremo Tribunal Federal nesse caso? Como interpreta o comportamento do ministro Gilmar Mendes?

Luiz Werneck Vianna - Interpreto bem. O papel da Suprema Corte é defender a Constituição, as liberdades individuais, e também não deixa de incorporar essa preocupação com o testemunho do espetacular que essas operações policiais manifestam. Uma outra questão vinculada a isso é a escuta telefônica. Estamos indo para um estado policial? E a sociedade aprende a apontar como culpado o “malvado” lá da ponta, responsável por todos os males, que, caso preso e execrado, fará com que ela melhore. Num ano eleitoral, tudo se discute, menos a política. Não podemos defender a idéia de que um grande inquérito, um grande processo, pode resolver as máculas da nossa história, criar um novo tipo de um encaminhamento feliz para nós (e isso é feito pela polícia, pelos grampos telefônicos, pela repressão!). Isso não lembra a linguagem do regime militar, quando ele se impôs? De que o grande inimigo é a corrupção? Só que agora tudo está sendo feito numa escala nova, imensa, com um domínio total dos meios de comunicação. O próprio Congresso se tornou uma ampla comissão parlamentar de inquérito, apu-

“No Brasil, se quisermos enfrentar o problema da segurança pública, precisamos começar fazendo com que o Estado cesse de praticar crimes. Se o Estado é responsável por garantir segurança aos cidadãos, em primeiro lugar, antes mesmo de conter os crimes cometidos pela sociedade, ele tem e pode suprimir os seus próprios crimes”

rando, investigando e não discutindo políticas e soluções para os problemas. Além do mais, temos um grupamento novo na sociedade: a Polícia Federal é nova. Ela foi extraída da classe média. Seu pessoal é concursado, bem formado, com curso superior. Seus integrantes estão autonomizados a ir para as ruas com esse sentimento messiânico, que aparece no relatório do delegado Protógenes, de que a Polícia pode salvar o mundo.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre o combate à corrupção no Brasil? Este episódio recente abre a possibilidade de mudanças?

Luiz Werneck Vianna - Nesse processo, a ordem racional legal avança, se aprimora, se aperfeiçoa. No entanto, o que tento combater é uma visão salvadora, justiceira, messiânica do papel policial para a erradicação dos nossos males, como se não devesse haver nenhum impedimento entre a ação da polícia e a sociedade, como se não devêssemos ter *habeas corpus*, como se as pessoas pudessem ser presas, retiradas das suas casas nas primeiras horas da manhã, algemadas, e tudo isso passando por câmeras de televisão... Não creio que isso seja um indicador de democracia.

IHU On-Line - Que tipo de sentimento esse episódio provoca na população brasileira? Revolta, descrédito nas instituições?

Luiz Werneck Vianna - Descrédito. E também aprofunda o fosso entre a sociedade e a política, mantém a sociedade fragmentada, isolada, esperando que a ação desses novos homens, dessas corporações novas, nos livre do mal. Talvez eu tenha dado muita ênfase à dimensão negativa de tudo isso, mas também vejo que esse processo pode ser corrigido se a ordem racional legal for defendida por recursos democráticos, sem violência, com respeito às leis, à dignidade da pessoa humana. É possível se avançar na ordem racional legal, investigando a corrupção, prendendo seus responsáveis, mas sem que isso assuma o caráter de escândalo, de espetáculo, no qual parece que temos um agente de salvação em defesa da sociedade. Isso sim é perigoso.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Luiz Eduardo Soares. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* *O ovo da serpente está sendo gestado no sul.* Edição número 158, de 03-10-2005;

* *Treinados para matar: limites da polícia brasileira.* Edição número 182, de 29-05-2006.

Memória

Odair Firmino: uma vida a serviço dos empobrecidos

POR IVO POLETTTO

Faleceu, em 5 de julho, após longa convalescência, o ex-secretário geral da Cáritas Brasileira, Odair Firmino. Conhecido por seu comprometimento com as causas e as lutas sociais e populares do País, Firmino deixa a marca da solidariedade e da luta pela construção de um mundo melhor. O site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU (www.unisinos.br/ihu), através das *Notícias do Dia*, deu ampla repercussão ao estado de saúde de Firmino, que infelizmente culminou com seu óbito. A seguir, a pedido da IHU On-Line, o atual assessor da Cáritas, Ivo Poletto, escreve um artigo lembrando a importância de Firmino e seu legado.

Odair Firmino nasceu na cidade de Ipameri, no dia 22 de junho de 1945. Aos dois anos, foi morar em Anápolis com sua família. Estudou no Colégio Santo Antônio e aos 12 anos começou a participar das atividades da Igreja como coroinha. Obedecendo ao chamado de Deus e da Igreja, foi seminarista do Seminário Regina Minorum, em Anápolis, escola de formação dos Frades Franciscanos. Ordenou-se padre no ano de 1972. Atuou nas Paróquias de Pires do Rio e Jataí. Em 1975, voltou para Anápolis, onde ocupou até 1982 a direção do Colégio São Francisco de Assis. Deixou a congregação franciscana para se casar com a professora Maria Dádiva Firmino e mudou-se em 1984 para Brasília, onde trabalhou como educador no Colégio Santo Antônio e onde também ingressou na Rede Cáritas Internacionais – Cáritas Brasileira –, organismo da CNBB de intensa atividade social em prol dos direitos humanos tendo sido, dentro da organização, secretário-geral e vice-presidente.

No final do ano de 1999, a convite do primeiro reitor da UEG, professor José Izecias, veio trabalhar na Instituição recém-criada pelo governador Marconi Perillo como pró-reitor de Graduação. Nestes oito anos de dedicação total à Universidade, ocupou diversos cargos na instituição como pró-reitor de extensão, diretor da Funcer, diretor da Licenciatura Plena Parcelada, secretário-geral e por último, diretor institucional. Por diversas ocasiões, ocupou também a reitoria da UEG, em caráter interino.

Ivo Poletto é assessor de pastorais e movimentos sociais. Trabalhou durante os dois primeiros anos do governo Lula como assessor do Programa Fome Zero e foi o primeiro secretário-executivo da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Autor, entre outros, do livro *Brasil, oportunidades perdidas – Meus dois anos no governo Lula* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005). É filósofo, teólogo, cientista social e educador popular.

Odair Firmino faleceu no dia 5 de julho de 2008. Escrever este depoimento sobre sua vida é uma nova oportunidade de sentir-me apoiado e questionado em relação à missão cristã livremente assumida. É nova porque a amizade que tivemos fez com que muitas vezes tenha sido questionado pela sua fidelidade à opção de seguir a Jesus Cristo.

Um bem-aventurado

Na celebração eucarística, celebrada na sede da CNBB, em Brasília, lembrou Vitório Pasa, do Secretariado da Cáritas Brasileira, que Dom Demétrio Valentini, presidente da mesma Cáritas, estimulou a participação da comunidade na meditação sobre o evangelho das bem-aventuranças, perguntando:

qual delas não foi vivida por Odair? A resposta, unânime, foi de que ele estava incluído em todas.

De fato, para começar, ele, filho de João Firmino Neto e Maria de Lourdes Firmino, foi um dos pobres a quem pertence o Reino. Sua acolhida e vivência da mensagem de Jesus valeu-lhe, como poucos, a oração: eu te louvo, Pai, porque escondeste estas

coisas aos sábios e orgulhosos e as revelaste aos pequeninos.

Odair chorou muitas vezes diante das situações de abandono, exploração e exclusão em que se encontravam pessoas e comunidades que assumiu e amou como seu próximo. Percebendo que o sofrimento das pessoas tinha sua causa nas injustiças, nas estruturas de pecado da sociedade brasileira e do mundo capitalista, teve fome e sede de justiça. Seu modo de vida, sempre alegre e cheio de esperança, nunca deixando que o diabetes o levasse ao medo de enfrentar o que a vida lhe apresentava, fez dele uma pessoa mansa, pura de coração e misericordiosa. Diante da violência que sempre atinge mais duramente os empobrecidos, e especialmente os negros, os jovens e as mulheres, Odair foi um promotor da paz verdadeira. No percurso de sua vida, foi perseguido e foi sempre solidário com as irmãs e irmãos perseguidos por causa da justiça. Tudo somado, Odair foi um discípulo fiel do Mestre Jesus, não se abalando com as incompreensões, injúrias e perseguições.

É por isso tudo que ele já está vivendo a grande alegria dos acolhidos pelo Pai. E tornou-se um dos fortes protetores de todas as pessoas que assumem o mandato de Jesus: amem-se uns aos outros como eu ameí a vocês.

Um franciscano

Desde cedo, Odair foi atraído pelo exemplo de São Francisco de Assis, e foi um franciscano autêntico em toda sua vida.

Nasceu em Ipameri, Goiás, no dia 22 de junho de 1945, mas sua família mudou-se para Anápolis, Goiás, quando tinha apenas dois anos. A partir daí, conviveu com franciscanos e franciscanas. Estudou no Colégio Santo Antônio e no seminário Regina Minorum, na mesma cidade. Completados os estudos de filosofia e teologia, tornou-se frei franciscano em 1972. Atuou nas paróquias de Pires do Rio e Jataí, seguindo depois para Anápolis, onde assumiu, em 1975, a direção do Colégio São Francisco até 1982.

Decidiu deixar a congregação franciscana, casando com Dádiva Firmino e mudando sua residência para Brasília em 1984. Manteve-se como educador no

Colégio Santo Antônio, mas já no início de janeiro deste ano ingressou na Cáritas Brasileira, como Assessor Técnico. E a Cáritas foi sua casa, seu engajamento, sua paixão pelo resto da vida, uma vez que, nela, foi subsecretário, secretário nacional e duas vezes vice-presidente, encerrando o segundo mandato apenas em dezembro de 2007.

O que mais caracterizou São Francisco foi seu amor incondicional pelos pobres e pela natureza. Odair foi franciscano de modo especial pelo amor aos pobres. Não fez da Cáritas um emprego, mesmo tendo vivido a

“A Cáritas lhe possibilitou viver sua paixão pela libertação integral das pessoas, tendo nos excluídos e excluídas os protagonistas principais. Isto é, possibilitou-lhe viver o ideal de São Francisco de forma atualizada”

partir do trabalho nela durante muitos anos. A Cáritas lhe possibilitou viver sua paixão pela libertação integral das pessoas, tendo nos excluídos e excluídas os protagonistas principais. Isto é, possibilitou-lhe viver o ideal de São Francisco de forma atualizada.

Foi essa paixão também que o manteve firme e o fez sujeito ativo em todo o processo de redefinição da missão da Cáritas. Foi em parte desse período, entre 1993 e 1999, que tive o privilégio de trabalhar com ele na equipe nacional. É a década das Semanas Sociais Brasileiras, do nascimento do Grito dos

Excluídos, da renovação da Campanha da Fraternidade; é o tempo do lançamento da Campanha pela Convivência com o Semi-Árido e da Articulação do Semi-Árido, com seu Projeto de 1 Milhão de Cisternas caseiras; é o tempo do Seminário Internacional e o do Tribunal sobre a Dívida Externa, que deu início ao trabalho da Rede Jubileu Sul, responsável, no Brasil, pelos plebiscitos populares sobre a dívida, em 2000, e sobre a ALCA, em 2002; é o tempo das avaliações dos Pequenos Projetos Comunitários e da consolidação da Economia Popular Solidária... A Cáritas foi se firmando como uma das forças essenciais de todos esses processos, e o Odair, um dos seus principais animadores.

Um educador aprendente

Sua vida adulta foi toda dedicada à educação. Seus últimos anos foram dedicados, ao mesmo tempo, à direção da Cáritas e à Universidade Estadual de Goiás, onde foi Vice-Reitor Acadêmico e Secretário Geral. Dedicou-se com entusiasmo à formação de professores/as em todo o interior de Goiás e envolveu os educadores em processos de alfabetização. Sentia-se feliz colaborando para consolidar espaços de formação universitária que criavam oportunidades para pessoas que não teriam como deslocar-se à capital. E fazia o possível para que professores e alunos se ligassem com a realidade social, política, econômica e cultural das localidades, comprometendo-se com o enfrentamento das causas dos problemas que provocam o empobrecimento e a exclusão de tantas pessoas.

Foi sempre, mesmo na universidade, um educador aprendente, como deve ser todo discípulo de Jesus, de São Francisco e de Paulo Freire. Estava sempre aberto ao novo, às possibilidades de ação libertadora presentes nas contradições históricas. E com a qualidade já destacada acima: o espírito jovial, alegre, esperançoso, capaz de relativizar as dificuldades, capaz, por isso, de ajudar a abrir novas veredas.

Vai fazer falta, o Odair. Resta-nos confiar que sua proteção nos ajudará a ser melhores educadores populares, sempre aprendentes, seguindo os seus e os nossos mestres e inspirados pelo exemplo de sua vida.

Invenção

Editoria de Poesia

Mário Alex Rosa

POR ANDRÉ DICK

Natural de São João Del Rei (MG), o poeta Mário Alex Rosa nasceu em 1966. É formado em História, pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e mestre e doutorando em Literatura Brasileira, pela Universidade de São Paulo (USP). Entre os poetas que fazem parte de seus estudos, estão Drummond e Armando Freitas Filho. Também atua como professor no Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH) e é membro do conselho editorial da revista *Estudos*. Na área infantil, publicou o livro de poemas *ABC Futebol Clube e outros poemas* (Belo Horizonte: Bagagem, 2007). Como tradutor, por sua vez, apresentou versos da poeta argentina Alejandra Pizarnik na plaquete *Primeiros poemas* (Belo Horizonte: Espectro Editorial, 2005).

Com poemas publicados em revistas como *Inimigo Rumor* (RJ), *Cacto* (SP), *Teresa* (USP/SP), *Jandira* (Juiz de Fora), e nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Suplemento Literário de Minas Gerais*, entre outros, Mário pretende reunir muitos deles, como os que enviou especialmente à *IHU On-Line*, no volume inédito *Sem asa*. Eles trazem uma certa nostalgia, visualizando, sobretudo, paisagens solitárias, que parecem lembrar bastante o interior de Minas Gerais. No poema “Uma Ouro preto”, por exemplo, há os versos “Há várias ouro preto / de fora e dentro. / De fora são as carnes / que deixaram de ser anjos. / De dentro são os anjos / que deixaram de ser carnes”. Outro, intitulado “Olhando montanhas”, parece lembrar a cidade de Drummond, Itabira: “Era tempo de minérios / a cidade de luto vestia a glória / dos

seus passantes em noite longa / mãos cerradas, pé por pé vagarosos seguiam / em suas próprias vigílias à espera do perdão”. A paisagem também traz resquícios da interseção entre Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, num poema como “Serra da Mantiqueira”: “Daqui / as montanhas / fundem belezas desesperadas / em volta delas poucos saem. / / Daqui / as montanhas / fixam estranhos silêncios / de dentro delas saem poucos. / / Daqui / as montanhas / acordam dormem / entre elas / mas levam consigo / os que saem / delas”.

Há uma imagética bastante trabalhada, e os poemas trazem estruturas bem definidas, com um verso capaz de mostrar as dúvidas silenciosas que remetem a uma introspecção. Em “Ao lado da tarde”, a paisagem, por exemplo, passa a representar a subjetividade poética: “Quando naquela tarde / depois da chuva, ao lado da janela, / olhava o arco-íris, lembrei / que aqui dentro o escuro prevalecia / longamente perto do amor. / Daqueles dias recorde / as treze estrelas contadas / e a cada uma dizia: / aquela que cai infinitamente / é para lembrar de nossas alegrias. / Mas se indagar pelas outras respondo: / o amor tem ponto”. Há, em outros poemas, a mudança no sujeito indicada pela hora do dia, como em “Mudança”: “Deixei a aurora, / agora só resta uma hora. / Desfiz para permanecer / juntos o eclipse e o amanhecer”. Ou o anoitecer em “Noturno”: “Quem pôs tudo nessa noite / deixou de avisar que ali ao lado / onde a distância se afasta

/ da luz que é baixa e fria, alguém / desconfia do dia que se aproxima”.

Mário igualmente reflete sobre um certo movimento familiar, com um certo tom melancólico, a exemplo do que ocorre no poema “Do tempo”, que o autor dedica aos irmãos: “Entra / um por um / no seu silêncio / paterno. / / Sai um por um / no seu silêncio / materno. / / Agora todos são / menos dois / eternos”. Junto a isso, há, claro, lembranças de infância. Aliás, em seu livro de poemas infantis, *ABC Futebol Clube*, Mário brinca com a sonoridade das palavras de maneira a lembrar os melhores momentos de poetas como José Paulo Paes. No poema que dá título ao livro, as letras são consideradas como jogadores: “Atenção, atenção / foi dada a formação do abc: / a escalação tem ares de ataque: / Na Área o A / Arma, Avança, / passa um, passa dois, / lan... çou para o B... / linnnda bola, / e ele encaixa / e despacha para o C / Corta um, Corta dois, Corta três...”. Também artista plástico, organizou a exposição “A régua da memória ou A regra da memória”, com objetivos construídos sobretudo a partir da observação do universo infantil. Nesses objetos, o autor utiliza objetos como lápis, borrachas, régua, apontadores, clips, botões, compassos etc., destacando-se cores chamativas aos olhos do observador. Como alguns desses objetos trazem palavras, há uma aproximação mais visível entre poesia e artes plásticas. Uma junção que Mário Alex Rosa deixa clara em toda sua produção poética, seja verbal, seja por meio de objetos para exposição.

Entre folhas

Fora daqui
há uma imensa chuva,
sem tempo se apropria de todo o espaço
avolumando-se sem cessar.

Abaixo um cinza céu,
os mais encolhidos, os pássaros, recolhem-se
entre as folhas das árvores, verdemente abertas.

No entanto, dentro daqui,
no pulso esquerdo as horas circulam
pontualmente uma chuva
que não pára de cair de você.

Dois instantes

Na hora que o sol
aponta para o quarto
e todas as sombras formam outras sombras,
começa o silêncio a acender
seus poucos faróis.

Uma palavra envolve
uma na outra,
e no canto esquerdo
juntas inventam um céu de alegrias.

Mas nesse lugar
de dois
ficar à beira
de uma luz relâmpago
é o bastante para dois instantes.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 14-07-2008 a 19-07-2008.

Polícia: entre aplausos, medo e descrédito

Entrevista com Silvia Ramos

Confira nas Notícias do Dia 14-07-2008

Uma análise da atuação da polícia brasileira pode ser conferida nesta entrevista que a IHU On-Line fez com a professora Silvia Ramos, que acredita que o Brasil precisa, urgentemente, reformar o setor da segurança pública nacional.

Das minorias à multidão. A contribuição de Antonio Negri

Entrevista com Luigi Bordin

Confira nas Notícias do Dia 15-07-2008

Para o filósofo, ler Negri hoje é importante pela crítica radical que este fez à globalização perversa.

“Com a polícia que temos a sociedade não está segura”

Entrevista com Luiz Eduardo Soares

Confira nas Notícias do Dia 16-07-2008

Para o sociólogo, o problema da violência está na cultura

corporativa das polícias e na política de segurança errada.

“Gilmar Mendes não tinha condições para ser Ministro do Supremo Tribunal Federal”. Entrevista com o jurista Dalmo Dallari

Confira nas Notícias do Dia 17-07-2008

Para o jurista, o ministro do STF, Gilmar Mendes, não tem equilíbrio emocional para ocupar um cargo de tamanha importância.

O papel do jornalista está em xeque.

Entrevista com Gustavo Gindre

Confira nas Notícias do Dia 18-07-2008

Para Gindre, a evolução das tecnologias da informação permitiu que o papel de intermediário fosse desempenhado por vários sujeitos e não mais apenas pelo jornalista.

“Tudo o que é desconhecido precisa ser olhado com desconfiança”

Entrevista com Bartira Rossi Bergmann

Confira nas Notícias do Dia 19-07-2008

Para a professora, os estudos em relação às nanotecnologias precisam avançar, mas necessitam de estudos profundos para que não causem problemas à saúde das pessoas.

acesse

www.unisinos.br/ihu



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Perfil Popular

Marta Izabel Castro

POR BRUNA QUADROS

O Perfil Popular desta semana é uma das integrantes do grupo Costura Solidária, da Cooperativa Progresso, localizada no bairro Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Marta Izabel Castro, 47 anos, é de origem humilde. Nem por isso deixou de viver com dignidade. Aos sete anos de idade, ela já sabia o que era trabalho, resultado de uma infância que teve que ficar para trás. O impulso para ultrapassar, uma por uma, as pedras que o destino pôs em seu caminho vêm de casa. Além de educação, seus pais lhe ensinaram que a vida oferece caminhos certos e errados. Por isso, ela tem orgulho em honrar os valores deixados pelos seus mestres. “Não é porque sou pobre que posso sair fazendo bobagens rua afora. A gente pode sobreviver com dignidade.”

FOTO BRUNA QUADROS



Nascida em Irai, no interior do Estado, Marta Izabel Castro tem origem humilde. “Meus pais tinham terras, eram colonos, trabalhavam na roça.” A penúltima de 11 filhos, Marta hoje está com 47 anos. Quando tinha quatro anos, seu pai, que sofria de problemas cardíacos, não agüentou a rotina na colônia. “Então, ele vendeu as terras em Irai e comprou um sítio em São Miguel do Oeste, em Santa Catarina, onde passei a maior parte da minha infância.” Desta fase da vida, ela recorda pouco.

Aliás, poucos foram os momentos que ela pode se permitir ser criança. “Comecei a trabalhar muito cedo, aos sete anos. A minha irmã mais velha era professora no Paraná. Como eram muitos filhos, e as dificuldades financeiras eram grandes, as irmãs mais velhas levavam uma das menores para cuidar dos seus filhos.” E foi na casa da irmã que Marta aprendeu a ler e a escrever, além de cuidar de quatro

sobrinhos. “Era a melhor hora para mim. Quando estava com ela, era a única hora que eu podia me considerar uma criança. Ali, eu estava com crianças, podia estudar e fazer alguma coisa da qual eu gostava também.”

Com 11 anos de idade, Marta e a família vieram morar em São Leopoldo. “Os médicos diziam que o problema cardíaco do meu pai não tinha solução. E meu pai queria morrer na terra dele.” Além disso, São Leopoldo oferecia oportunidades de trabalho que no interior não existiam. Marta não teve muitas oportunidades de estudar. Kursou até a 4ª série do ensino fundamental, já morando em São Leopoldo. “O resto eu aprendi com a vida.” Marta conta que seu pai lhe deu uma boa educação, lhe ensinou a vida como ela é, com caminhos certos e errados. “Não perdi nada do que eles me ensinaram. Conservo tudo até hoje e passei para os meus filhos, também. Tudo o que sou, ganhei dos meus pais,

trouxe de casa. Não é porque sou pobre que posso sair fazendo bobagens rua afora. A gente pode sobreviver com dignidade.”

Aos 21 anos, Marta casou. A união se desfez há 20 anos, mas deixou a maior herança de Marta: os filhos Mara, de 30 anos; o Carlos, de 24 e o Tiago, de 21 anos. “Meus filhos são tudo para mim, os meus amores. Acho que uma família se constrói assim, com muito amor.” O mesmo apego que tem pelos filhos e quatro netos Marta têm pelos irmãos. “Sempre nos relacionamos muito bem. Se tivermos que dar a mão, é agora e não depois. Quando um precisa, estão todos prontos para ajudar.”

O trabalho no grupo Costura Solidária, na Cooperativa Progresso, ainda é novo: tem apenas dois meses. Marta explica que havia outro grupo de costura, mas este se dissolveu, o que originou o início de um novo trabalho. “Nós não somos da cooperativa, mas

trabalhamos lá dentro. As pessoas vão lá e fazem os pedidos. Temos a nossa renda, 20% fica no caixa e o resto é dividido entre o grupo, que são três pessoas.” Antes disso, Marta trabalhava como doméstica, e “com muito orgulho, porque era com o que eu ganhava o meu salário”, destaca. Ela afirma que sempre gostou de costura e o incentivo veio de dentro de casa. “Minha mãe sempre teve máquina de costura, dava chance para a gente aprender.” Modesta, Marta diz que não é uma grande costureira, mas, sim, uma eterna aprendiz.

Até agora, Marta já passou por muitos momentos marcantes. Alguns são guardados na memória pela tristeza. “Quando eu perdi o meu pai, eu era muito nova, tinha 11 anos, e não sabia o que eu estava perdendo. Perdi a minha mãe há oito anos e foi a minha maior dor.” A felicidade, na percepção de Marta, veio em dose tripla. “A Mara, o Carlos e o Tiago. Filho é uma dádiva de Deus, e quando é bem-vindo, melhor ainda.”

Esperança e política

Se há algo que Marta não perde jamais é a esperança. “Meu maior sonho é ter a minha casa própria.” Para ela, a política do país está decadente. “Espero que melhore, porque nós dependemos deles. Não gosto de política, mas, quando chegam as eleições, nós temos que averiguar qual é a melhor solução.”

Fé

Criada nos princípios da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, hoje, Marta não segue uma religião específica. “Sou meio passarinho, vôo de galho em galho, mas um dia eu me acho.” No entanto, ela acredita e tem muita fé em Deus. “Quando Jesus andou no mundo, ele não pregou religiões, apenas a palavra de Deus. É só Ele quem ajuda a gente.” E, nos momentos difíceis, é também na fé que ela encontra forças para seguir adiante. “Quando me sento fragilizada, escuto um hino da Igreja e não preciso de psicólogo algum.”

IHU Repórter

José Roque Schneider

POR BRUNA QUADROS E GRAZIELA WOLFART

Um homem simples, mas que nunca cansa de aprender mais e mais com a vida. Este é José Roque Schneider, que dedica sua força laboral à Unisinos há mais de 30 anos. Nascido no interior do Rio Grande do Sul, Roque conta sua caminhada como seminarista da Companhia de Jesus e fala sobre sua trajetória de vida, sua família, preferências e visão de mundo. Conheça parte do mundo deste colega da comunidade acadêmica da Unisinos:



Origens - Nasci e fui criado no interior, na localidade de Piedade, pertencente ao distrito de São Vendelino, que hoje é município. Na época, vivíamos uma vida muito natural, os alimentos não tinham agrotóxicos. Era aquela vida da colônia. Se pescava no arroio e se voltava para casa para fritar os peixes. Já disse mil vezes que, se pudesse retornar, não trocaria minha vida atual pelo período da infância. Gosto da vida e da comida o mais simples possível. Meus pais eram agricultores, viviam do trabalho na lavoura. Tenho oito irmãos e estou entre os do meio.

Noviciado - Fiz o primário no

interior, onde nasci. Com a idéia de ser jesuíta, aos 13 anos, em 1957, ingressei no ótimo Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, uma espécie de universidade em miniatura. Era um lugar de muita disciplina, onde as partes esportiva e de espiritualidade foram muito importantes. Tenho saudades desse período sob vários aspectos, porque acho que me deu uma boa consistência em termos de formação pessoal. Em 1959, entrei no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo. Aos 18 anos, parti para o noviciado, no Colégio São José, em Pareci Novo. Foi nesse período de dois anos que trabalhei no Hospital Centenário, em São Leopoldo, cuidando de